



PUC RIO

LÁZARO SANCHES DE OLIVEIRA

ADAPTAÇÃO DO BEM SEX-ROLE
INVENTORY À CULTURA BRASILEIRA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 1982

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 O48a TESE UC

Título Adaptação do bem sex-role inventory a cultura brasileira



Ex.1 PUCB

0104492

LÁZARO SANCHES DE OLIVEIRA

ADAPTAÇÃO DO BEM SEX-ROLE INVENTORY
À CULTURA BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao De
partamento de Psicologia da PUC/
RJ como parte dos requisitos pa
ra obtenção do título de Mestre
em Psicologia.

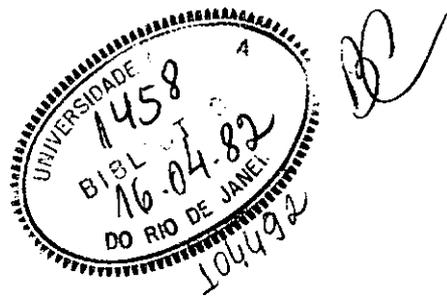
Orientadora:

Prof.^a Cristina M. Quadrado

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1982.

71286



150
048a
TESE UC
EX 7

Meus agradecimentos

- à Cristina M. Quadrado, orientadora da dissertação, pela ajuda, compreensão e confiança demonstradas;
- à professora Maria Alice Bogossian, pela inestimável assistência na parte estatística;
- ao professor Rolf Preuss e ao Rio Datacentro - PUC/RJ, por terem facilitado a execução de cálculos estatísticos no computador;
- à Celeste Marinha, pela paciência dispensada na realização de todo o trabalho datilográfico;
- aos alunos universitários que colaboraram respondendo aos questionários;
- e a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

A meus pais

RESUMO

O presente trabalho trata da adaptação, em nossa cultura, da medida operacional de Androginia desenvolvida por Sandra Lipsitz Bem (1974), o BEM SEX-ROLE INVENTORY. Focaliza, inicialmente, alguns estudos que evidenciam a força do processo de socialização na adoção de papéis sexuais, os conceitos psicológicos de Masculinidade, Feminilidade e Androginia, e os procedimentos utilizados na construção do inventário norte-americano. Na adaptação do instrumento à nossa cultura, os procedimentos utilizados fundamentaram-se na mesma base lógica delineada em sua construção original, ou seja, na formulação de escalas separadas de Masculinidade e de Feminilidade, na seleção dos itens com base no julgamento quanto à desejabilidade social para um ou outro sexo, e na utilização de itens de conteúdo positivo. Os resultados estatísticos obtidos (independência entre as dimensões de Masculinidade e Feminilidade, $r = -0.13$; consistência interna, $\alpha = 0.82$; e estabilidade no tempo, Masculinidade, $r = 0.83$; Feminilidade, $r = 0.82$; e Escala Neutra, $r = 0.89$), recomendam o uso do instrumento e novos estudos de normalização em outras subpopulações brasileiras, como também o de sua validação frente à possibilidade de obter-se, quantitativamente, os diferentes grupos de classificação: Masculino (alta masculinidade/baixa feminilidade), Feminino (baixa masculinidade/alta feminilidade), Andrógino, (alta masculinidade/alta feminilidade) e Indiferenciado (baixa masculinidade/baixa feminilidade).

ABSTRACT

The present study is an adaptation of the Bem Sex-Role Inventory to the Brazilian culture. It focuses initially on various studies which depict the strength of the socialization process on the adoption of sexual roles, on the psychological concepts of Masculinity, Femininity and Androgyny, and on the procedures used by Bem (1974) in the construction of the American inventory. The procedures adopted in the present study follow the same logical grounds of the original inventory - the formulation of separate Masculinity and Femininity scales, item selection based on subjects' judgement about their social desirability for each sex, and the adoption only of positive characteristics. The statistical results (independence of Masculinity and Femininity dimensions, $r = -0.13$; internal consistency, $\alpha = 0.82$; stability over time, Masculinity, $r = 0.83$; Femininity, $r = 0.82$; and Neutral Scale, $r = 0.89$) recommend the use of this instrument as well as further research with other sub-cultures and its validity measurement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
<u>CAPÍTULO 1</u>	
SOCIALIZAÇÃO E DESEMPENHO DE PAPÉIS SEXUAIS	5
<u>CAPÍTULO 2</u>	
MASCULINIDADE, FEMINILIDADE E ANDROGINIA	20
<u>CAPÍTULO 3</u>	
PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NO DESENVOLVIMENTO DO BEM SEX-ROLE INVENTORY	35
3.1. Seleção dos itens	35
3.2. Escores	38
3.3. Análise psicométricas	43
3.3.1. Sujeitos	43
3.3.2. Consistência interna	43
3.3.3. Relação entre as escalas de Masculinidade e Fe- minilidade	44
3.3.4. Relação entre Masculinidade, Feminilidade e An- droginia com a adoção dos itens neutros	44
3.3.5. Fidedignidade: método do teste-reteste	45
3.3.6. Correlação com outras medidas	45
3.3.7. Normas	46
<u>CAPÍTULO 4</u>	
PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA ADAPTAÇÃO DO INVENTÁRIO À CULTURA BRASILEIRA	48

4.1.	Seleção dos itens	48
4.2.	Escores	53
4.3.	Análises psicométricas	54
4.3.1.	Sujeitos	54
4.3.2.	Classificação dos grupos	54
4.3.3.	Consistência interna	56
4.3.4.	Relação entre as escalas de Masculinidade e Feminilidade	57
4.3.5.	Relação entre os grupos de classificação e a adoção dos itens neutros	58
4.3.6.	Fidedignidade: método de teste-reteste.....	61

CAPÍTULO 5

CONCLUSÃO	64
ANEXOS	72
BIBLIOGRAFIA	110

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Exemplo de dominância-submissão com suposta bipolaridade	20
FIGURA 2 - Não-bipolaridade quanto à adoção das características, e grupos classificados pela divisão da mediana	42

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Itens das escalas de Masculinidade, Feminilidade e Neutra, do BEM SEX-ROLE INVENTORY	37
TABELA 2 - Distribuição dos juízes conforme sexo, classe sócio-econômica e julgamento	49
TABELA 3 - Itens das escalas de Masculinidade, Feminilidade e Neutra, adaptadas à cultura brasileira	50
TABELA 4 - Médias e t de Student da desejabilidade dos itens masculinos e femininos, no julgamento por homens..	51
TABELA 5 - Médias e t de Student da desejabilidade dos itens masculinos e femininos, no julgamento por mulheres	52

TABELA 6 - Médias e t de Student da desejabilidade dos itens neutros, no julgamento por homens e mulheres	52
TABELA 7 - Distribuição de homens e mulheres nas 4 classificações pela divisão da mediana	55
TABELA 8 - Médias dos escores nas escalas de Masculinidade, Feminilidade e Neutra, em cada grupo de classificação	56
TABELA 9 - Distribuição de homens em menor ou maior adoção dos itens neutros com relação aos grupos de classificação	59
TABELA 10- Distribuição de mulheres em menor ou maior adoção dos itens neutros com relação aos grupos de classificação	59
TABELA 11- Distribuição de ambos os sexos em menor ou maior adoção dos itens neutros com relação aos grupos de classificação	60
TABELA 12= Distribuição classificatória no teste-reteste (sexo masculino)	62
TABELA 13= Distribuição classificatória no teste-reteste (sexo feminino)	62

TABELA 14 - Distribuição classificatória no teste-reteste (grupo total)	63
TABELA 15 - Resultados norte-americanos e brasileiros no cálculo da consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas	65
TABELA 16 - Resultados norte-americanos e brasileiros no método do teste-reteste (correlação momento- produto) num intervalo de 4 semanas	65

INTRODUÇÃO

A partir de 1960, os estudos sobre as diferenças dos papéis sexuais proliferaram e estenderam-se às diversas áreas da Psicologia, impulsionados pelos vários movimentos de reivindicação social da mulher.

Esses movimentos, reconhecidos como movimentos feministas, criticavam fortemente, como o fazem ainda hoje, o processo de socialização existente, o qual incompatibiliza os sexos no desenvolvimento das habilidades, interesses, aspirações e características de personalidade, hábil em dizer quais as orientações de conduta são relativas aos homens e quais o são às mulheres.

Vários estudos evidenciam que são os próprios pais os agentes mais decisivos de socialização na incorporação desses papéis sexuais estipulados, tão bem definidos desde muito cedo na vida da criança. Eles formam o princípio fundamental para as diferenças bastante acentuadas entre o que seja uma conduta masculina e uma feminina, ao perpetuarem as tradicionais crenças estereotipadas na prática discriminatória sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Através do poder e da penetração das influências dos agentes socializadores, as crianças são convertidas em vítimas dos mesmos rígidos padrões comportamentais dos que as rodeiam em suas fases de desenvolvimento.

Uma revisão de literatura mostra-nos que os estudos psicológicos sobre as diferenças entre homens e mulheres objetivam, principalmente, esses papéis culturalmente estabelecidos, suas influências nos pensamentos, nos sentimentos e nas diferentes ações, e alguns deles, mais ultimamente, objetivam a possibilidade de alteração dessas diferenças acentuadas de condutas para um ou outro sexo, devido às próprias exigências do mundo atual.

Até bem pouco tempo a Psicologia, através de seus instrumentos de medida, vinha refletindo e reforçando a prevalência dos estereótipos sexuais ao conceitualizar masculinidade e feminilidade como extremos opostos de um mesmo contínuo, em que ser masculino refletia tipicamente a ausência total de características consideradas femininas, e ser feminino, a ausência total de características consideradas masculinas. Desta maneira, aceitando a idéia da unidimensionalidade e da bipolaridade, obscureceu, por várias décadas, a possibilidade de considerar-se essas duas dimensões como separadas e passíveis de serem endossadas por um mesmo indivíduo. E apesar da evidência na vida real de que masculinidade e feminilidade não são extremos opostos de uma variável simples e unitária, a Psicologia considerava ser tal condição uma consequência de má adaptação e instabilidade do indivíduo, já que em algumas situações sua conduta observada não correspondia às expectativas sociais, às condutas daqueles que restringiam seus comportamentos em concordância com os padrões comportamentais valorizados pela cultura como apropriados para os seus sexos, e respeitados como modelos de normalidade e saúde psicológica.

Já na década de 70, esse ponto de vista da utilização do modelo bipolar passa a sofrer fortes críticas e, consequentemente, ocorrem fortes mudanças nos propósitos das novas medidas criadas e calcadas no conceito de Androginia, definido como a possibilidade de adoção das características consideradas masculinas e das femininas por um único indivíduo, seja ele anatômicamente homem ou mulher.

Assim, tendo sido questionado o modelo tradicional, surgiu um enorme interesse relacionado ao conceito psicológico de Androginia, provocando um grande aumento no número de pesquisas empíricas realizadas, ao explorarem a flexibilidade de desempenhos de papéis sexuais relacionada às medidas de adaptação, ajustamento e saúde mental.

Muitas dessas pesquisas sobre o desempenho de papéis sexuais, utilizaram o BEM SEX-ROLE INVENTORY, medida operacional de Androginia desenvolvida por Sandra Lipstz Bem (1974), nos Estados Unidos da América do Norte, e que contém, separadamente, essencialmente ortogonais, as escalas de Masculinidade e Feminilidade, além de conter uma outra, a Escala Neutra, cuja importância atual é a de prover um contexto neutro às duas primeiras. As escalas de Masculinidade e Feminilidade contêm, cada uma, 20 características valorativas de personalidade desejáveis pela sociedade americana para cada sexo, e que definem, pelas autodescrições dos indivíduos e através dos seus escores obtidos acima ou abaixo da mediana, os tipos: Andrógino (alta masculinidade/ alta feminilidade); Masculino (alta masculinidade/baixa feminilidade); Feminino (baixa masculinidade/alta feminilidade); e o Indiferen

ciado (baixa masculinidade/baixa feminilidade).

Não tendo conhecimento em nosso meio de um instrumento capaz de capturar em termos quantitativos esses particulares grupos de indivíduos, objetivou-se desenvolver a adaptação do inventário americano em nossa cultura, utilizando a mesma base lógica delineada em sua construção original: a) na formulação de escalas separadas de Masculinidade e de Feminilidade; b) na seleção de itens com base no julgamento quanto à desejabilidade social para um ou outro sexo; c) e na utilização de itens de conteúdo positivo. Escolheu-se também o BEM SEX-ROLE INVENTORY para adaptação em nossa cultura brasileira porque, além de basear-se num modelo não-bipolar de desempenhos de papéis sexuais, apresenta alto grau de fidedignidade e validade entre as amostras americanas, sendo, atualmente, um dos mais citados e utilizados nos meios e trabalhos científicos daquele país.

CAPÍTULO 1

SOCIALIZAÇÃO E DESEMPENHO DE PAPÉIS SEXUAIS

Dentro da perspectiva da aprendizagem, o sistema social parece fazer com que as crianças do sexo masculino caminhem por um lado e as do sexo feminino por outro, no sentido consequente de como ser homem e como ser mulher.

Esse ponto de vista aceita a crença de que homens e mulheres diferem em muitas de suas características, ou seja, a inevitabilidade dos estereótipos sobre os sexos, que servem como padrões de desempenhos de papéis sexuais e que resumem as características culturalmente aprovadas para indivíduos do sexo masculino e para os do sexo feminino, tendo uma base bastante forte e limitada na realidade: os homens são mais independentes e agressivos, e as mulheres mais dependentes e amáveis. Aprendem esses papéis não só através das pessoas diretamente, mas também de livros, filmes, revistas, televisão, jornais, e outros muitos meios que se encarregam de explicar e/ou convencer das diferenças entre os sexos (Anastasi e Folley, 1949; Ellis e Bentler, 1973; Fernberger, 1948; Kerchkoff, 1969; Komarovsky, 1950; McKee e Sherriffs, 1957; Rosenkrantz et al., 1968; Ruble, Frieze e Parsons, 1976; Seward, 1946; Seward e Larson, 1968; Stoller, 1973; Whiting e Child, 1953; Wylie, 1961).

Todo esse processo de socialização, referido por Zigler e Child (1979) como,

"... um problema prático que é antigo e universal na vida humana — o problema de como educar as crianças de modo a que elas venham a ser membros adultos adequados da sociedade a qual elas pertencem".,

fica bastante caracterizado no trabalho de Smith (1968), quando aponta a existência de vários fatores que interatuam na manutenção dos comportamentos tradicionais e que envolvem expectativas, culturalmente compartilhadas, sobre masculinidade e feminilidade. As normas culturais e a realidade política-econômica afetam homens e mulheres em seus julgamentos e crenças quanto à apropriação de determinados papéis, como também os afetam fatores situacionais, tais como a existência de instituições que podem facilitar ou inibir diversas escolhas relacionadas a esses mesmos papéis tipificados sexualmente. Assim, através do processo de socialização baseado em normas específicas para cada sexo, homens e mulheres adquirem atitudes, crenças, preferências e comportamentos que são consistentes com os papéis esperados, desejados e impostos pela própria cultura.

Para McDavid e Harari (1980),

"... a cultura possui mecanismos que ela própria constrói dentro de si para criar profecias que se autorrealizam: as expectativas sociais geram práticas educacionais que, por sua vez, geram comportamentos que confirmam as expectativas sociais, geração por geração".

Todavia, alguns dos estereótipos sobre as diferenças sexuais no comportamento não combinam com o comportamento real, e assim, apesar de todas as pressões, nem todos os estereótipos são profecias auto-realizáveis. O estudo de Rosenkrantz et al.

(1968) mostra que os estereótipos sexuais são mais extremos do que a imagem que os indivíduos fazem de si próprios. Mas, mesmo que haja alguma contradição na prática (Pleck, 1976; Tiger, 1969), tradicionalmente é esperado ao homem e à mulher, numa esfera de ação, que sejam, respectivamente, masculino/feminino, instrumental/expressivo (Parsons e Bales, 1955), assertivo/permisivo (Bem, 1974) e ativo/co-participante (Bakan, 1966; Block, 1973; Carlson, 1971).

Várias pesquisas sugerem que as mulheres são, de fato, orientadas a serem mais expressivas, afiliativas e sociáveis do que os homens (Argyle, 1969; Bem, 1974; Cozby, 1973; Ellsworth e Ludwig, 1972; Frieze e Ramsey, 1976; Heilbrun, 1968; Henley, 1977; Hoffman, 1972; Hottes e Kahn, 1974; Maccoby, 1959, 1966; Maccoby e Jacklin, 1974; Mehrabian, 1974; Spence et al., 1975). Estudos comparativos entre os comportamentos masculinos e femininos têm revelado forte e consistente evidência de que as respostas masculinas são predominantemente impessoais e instrumentais, enquanto as respostas femininas são predominantemente pessoais e expressivas (Aries, 1976; Ducan e Fiske, 1977; Ickes e Barnes, 1977; Pilkonis, 1977; Strodbeck e Mann, 1956).

Muitos outros estudos têm mostrado que, entre tantos fatores, principalmente a constelação familiar exerce forte influência não só na orientação, como também na preferência e adoção dos papéis tradicionalmente desejados, onde determinadas diferenças comportamentais entre homens e mulheres são bem significativas (Block, 1973; Brim, 1958; Fling e Manosevitz, 1972; Harrington, 1970; Kelly e Worell, 1976; Leventhal, 1970; Mischel,

1970; Moulton, Burnstein, Liberty e Altucher, 1966; Rosenberg e Sutton-Smith, 1968; Russel, 1978; Sears, 1957, 1970; Sears et al., 1957; Sutton-Smith e Rosenberg, 1965, 1970; Tasch, 1952;Thompson, Schwartz, McCandless e Evans, 1973; Wesley e Wesley, 1977; Zigler e Child, 1969).

Essas constatações sobre a orientação de papéis sexuais levantam a questão sobre a origem psicológica das diferenças entre homens e mulheres. Três grandes sistemas teóricos aparecem como tentativas de explicação sobre o desenvolvimento psico-sexual e a socialização de papéis sexuais: a teoria psicanalítica (Freud, 1900, 1923, 1924, 1925), a teoria da aprendizagem social (Bandura, Ross e Ross, 1963; Bandura e Walters, 1963; Bussey e Perry, 1976; Mischel, 1966, 1970; Mischel e Grusec, 1966), e a teoria do desenvolvimento cognitivo (Kohlberg, 1966, 1969).

Não é intenção desenvolver neste trabalho a apresentação das três teorias de uma maneira profunda, mas sim apresentá-las de forma sucinta e clara quanto ao tema em questão.

Dentro da perspectiva psicanalítica, o desenvolvimento e a resolução do conflito edipiano é responsável pela identificação das crianças às características, atitudes e comportamentos dos pais de seu mesmo sexo biológico. Freud (1900, 1924) postula que as diferenças de personalidade entre homens e mulheres são o resultado de uma sequência invariável de estágios no desenvolvimento da criança - oral, anal e fálico. Ao longo destes três estágios, instala-se na criança o Complexo de Édipo, que no menino teria o seguinte desenvolvimento: a partir de uma ligação inicial maior com a mãe, ligação esta que é sexualizada na fase edi

piana, o menino nutre fantasias de possuir a mãe. A figura do pai surge como rival poderoso e intransponível, rival este que poderá puní-lo. É a ansiedade de castração que leva o menino a reprimir seu desejo pela mãe e identificar-se com o pai na expectativa de um dia ser como ele e possuir uma mulher.

Inicialmente Freud (1900, 1923) acreditava que o processo que levava à dissolução do Complexo de Édipo na menina era análogo ao do menino. Mais tarde, em seu ensaio "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos" (1925), Freud reformulou sua visão do desenvolvimento psico-sexual da mulher.

A menina, assim como o menino, desenvolve uma ligação inicial com a mãe. Para ela, entretanto, não é a ansiedade de castração, mas a própria constatação de que não possui um pênis e a "inveja do pênis", que a motivarão à resolução do Complexo de Édipo. Não podendo possuir a mãe, seu primeiro objeto sexual, por ser igual a ela, e culpando a mãe por não lhe ter proporcionado um pênis, a menina abandona-a como objeto sexual ao mesmo tempo em que se identifica com ela, e volta-se para o pai. Como bem coloca Strouse (1974):

"A menina tem que aceitar a identificação com a mãe e ao mesmo tempo abandonar a mãe como objeto sexual, voltando-se para o pai. Seu abandono não é produzido por proibição mas pela derrota..."

Na teoria da aprendizagem social, a identificação é explicada a partir de princípios básicos como o do condicionamento

clássico, o do condicionamento operante e o da imitação. Ultimamente, o princípio da imitação tem sido muito enfatizado, e mostra que o comportamento ocorre ou porque a criança é reforçada ao responder adequadamente ao modelo, ou porque ela observa um outro indivíduo a ser reforçado por emitir um comportamento desejado. Bandura (1969, 1971) e Bandura e Walters (1963), acreditam que a aprendizagem feita por imitação poderá ocorrer sem qualquer reforçamento externo direto aos atos da criança, ou aos do modelo, e que a aprendizagem poderá, simplesmente, ser resultante da atenção pelo que os modelos realizam, ao ambiente físico, aos acontecimentos, palavras ou cenas.

Shaffer (1977), referindo-se a essa posição, comenta que,

"... não é preciso postular uma motivação para imitar o comportamento dos outros, isto é, identificação, para explicar a socialização de pãpéis sexuais. O que outros chamam de identificação nada mais é do que aprendizagem por observação no esquema Banduriano. Bandura argumenta que uma criança aprende atitudes e comportamentos através de ensinamento direto ou através da observação do comportamento de modelos do mesmo sexo".

Porém, Bandura (1969) e Mischel (1970) também afirmam que conforme as crianças vão se tornando adultas, elas passam a imitar muito mais os comportamentos de seus iguais porque isto leva-as a recompensas, e o oposto, a punições.

A maior crítica a essa teoria é a de que ela vê a formação da criança somente através de fatores externos, e explica muito pouco sobre o que acontece em sua mente. Ao contrário, a teoria do desenvolvimento cognitivo sugere que a criança passa por

certos estágios de desenvolvimento, e a aprendizagem dependerá desses estágios. Kohlberg (1966) diz que,

"... a aprendizagem é cognitiva na medida em que é seletiva e organizada internamente por esquemas relacionais, ao invés de refletir diretamente associações de eventos do mundo externo. No que diz respeito ao papel sexual, esses esquemas que ligam os eventos incluem conceitos sobre o corpo, sobre o mundo físico e social, e categorias gerais de relacionamento".

A posição teórica proposta por ele é interacional, no sentido de não se calcar exclusivamente num modelo biológico ou num modelo cultural, sugerindo que as regras infantis para o que é apropriado ao sexo não se baseiam unicamente na observação direta, mas, em vez disto, refletem sua própria interpretação do que observam e do que lhes dizem. Ele acrescenta:

"As concepções de papel sexual da criança são o resultado de uma estruturação ativa por parte dela de suas próprias experiências: não são produtos passivos de treinamento social. Apesar de certas concepções sexuais e atitudes básicas "normais" do adulto tipicamente emergirem dessas atitudes infantis, essas atitudes do adulto devem ser vistas como uma reestruturação das atitudes anteriores e não como produtos de uma aprendizagem direta de uma realidade cultural arbitraria. A qualquer momento dado do desenvolvimento, a criança usa suas experiências com seu corpo e com seu meio social para formar concepções de papel sexual e valores básicos, mas a qualquer momento dado do desenvolvimento as experiências com o meio também estimulam uma reestruturação dessas concepções e valores". (Kohlberg, 1966)

Seu ponto de vista não é compartilhado por muitos, e ele apresenta uma comparação bastante clara sobre a origem da identidade sexual postulada por sua teoria e a da aprendizagem so-

cial. Desta, o silogismo é:

"... "Eu desejo ser recompensado, e o sou por fazer coisas de menino, conseqüentemente, eu quero ser um menino". Em contraste, a teoria cognitiva assume a seguinte seqüência: "Eu sou um menino, portanto, eu quero fazer coisas de menino, pois a oportunidade para fazê-las (e ganhar aprovação por isto) é recompensadora".

(Kohlberg, 1966)

Embora essas teorias enfatizem diferentes aspectos da aprendizagem do papel sexual, todas sugerem que as diferenças psicológicas entre os sexos são, em parte, perpetuadas pelo fato de que os meninos e as meninas são mais inclinados a imitarem os seus iguais do que os do sexo oposto (Perry e Bussey, 1979). Conseqüentemente, através das fortes influências dos agentes socializadores, as crianças tornam-se vulneráveis aos amplos estereótipos que envolvem expectativas sobre as disposições e comportamentos típicos para cada sexo, alargando a dicotomia masculinidade/feminilidade percebida em seus desenvolvimentos, no sentido de que ser homem é não ser mulher, e ser mulher é não ser homem, e portanto, sendo homem, é preciso que endosse os comportamentos ditos masculinos, e sendo mulher, que endosse os comportamentos ditos femininos.

Rebecca, Hefner e Oleshansky (1976) afirmam que,

"Adotando o ponto de vista do adulto a criança antes de entrar na escola (Stoller, 1973) já aprendeu que os humanos são ou mulheres ou homens, que ou se é uma menina ou um menino, e que existem comportamentos a serem desempenhados que são valorizados e apropriados dependendo dessa dicotomia sexual. A socialização feita pelos pais, escola e sociedade permite a adoção de percepções e comportamentos convencionais. Há uma aceitação ativa por parte da

criança dos papéis sexuais convencionais de acordo com o sexo da criança e há também uma rejeição ativa equivalente ao polo oposto (Kerchhoff, 1969)... As pessoas vêm o enquadramento aos estereótipos como necessário e como um passo importante para entrar para a sociedade adulta. Uma aderência rígida ao papel feminino ou masculino é muito valorizada e cobrada de todos os membros de nossa atual sociedade, através de suas vidas".

Muitos estudos têm mostrado como o forte papel da atribuição do gênero é bastante importante para o senso de identidade como masculino e feminino, mais do que a própria origem genética e as diferenças hormonais. O peso da pressão social que entra na definição dos papéis masculinos e femininos, é uma influência de formação muito grande, que é dada de forma prescrita pela cultura e pela sociedade, e se faz implícita nos relacionamentos de papel da socialização. Esta, portanto, sendo por inadvertência ou por deliberada recompensa ou punição, ou através da linguagem ou de outras diversas comunicações, ou de exemplos concretos de adultos, tem uma enorme relevância na determinação dos desempenhos de papéis desejáveis para um ou o outro sexo. Muitas das diferenças tradicionais entre os sexos não têm conexão aparente com a constituição ou a fisiologia dos indivíduos, e podem ser explicadas pelas diferenças de experiências culturais e valores sociais (Bardwick, 1981; Belotti, 1979).

Entre algumas culturas, encontra-se uma ligeira variação quanto ao que é definido como masculino ou feminino (Barry, Bacon e Child, 1957). Na China e na União Soviética, por exemplo, as mulheres desempenham determinados papéis que na cultura brasileira ainda são exclusivos dos homens, e os homens desempenham outros, que são exclusivos das mulheres. Entretanto, as caracte

rísticas percebidas pelos adultos de uma dada cultura como altamente desejáveis em termos sociais, parecem ser as mesmas percebidas como masculinas (ditas superiores), enquanto que as mulheres são avaliadas e percebidas de forma consistente como inferiores nelas (Broverman et al., 1970, 1972; Deaux e Emswiller, 1974; Dinitz, Dynes e Clarke, 1954; Feldman-Summers e Kiesler, 1974; Fernberger, 1948; Kitay, 1940; Lynn, 1959; MacBrayer, 1960; McKee e Sherriffs, 1957, 1959; Monahan, Kuhn e Shavers, 1974; Rosenkrantz et al., 1968; Sherman, 1971, 1976; Sherriffs e Jarret, 1953; Sherriffs e McKee, 1957; Smith, 1939; White, 1950).

Sobre esse ponto, Mead (1949) escreve:

"Em todas as sociedades conhecidas pode-se reconhecer a necessidade do homem em realizar-se. Ele pode cozinhar, tecer, vestir bonecas ou caçar colibris, mas se tais atividades são ocupações apropriadas aos homens, então toda a sociedade, tanto homens como mulheres, considera-as importantes. Por outro lado, quando essas mesmas ocupações são exercidas pelas mulheres, são consideradas menos importantes".

Mas apesar do comportamento feminino ser visto frequentemente como menos desejável, as mulheres são encaradas como superiores num grupo de "calidez e expressividade", que inclui, gentileza, tato, consciência dos sentimentos dos outros, delicadeza, loquacidade e habilidade de expressar sentimentos ternos (Bee, 1979). Conforme Broverman et al. (1972),

"As mulheres são percebidas como relativamente menos competentes, menos independentes, menos objetivas e menos lógicas do que os homens; os homens são percebidos como tendo falta de sensibilidade interpessoal, cordialidade e expressividade, em comparação com as mulheres. Entretanto, as características estereotipicamente masculinas são frequentemente percebidas como mais desejáveis do que as características estereotipicamente femininas".

Kagan (1964) ~~sumariza~~ sumariza os desempenhos esperados na cultura americana, da seguinte maneira:

"Supõe-se que as mulheres inibam a agressão e a demonstração aberta de desejos sexuais, sejam passivas perante os homens, cuidadosas para com outras pessoas, cultivem sua atração e mantenham uma postura afetuosa, socialmente estável e amistosa para com os outros. Em contraste espera-se que os homens sejam agressivos frente a ataques, independentes quanto a situações problemáticas, sexualmente agressivos, controlados frente a necessidades regressivas e inibam emoções fortes, principalmente a ansiedade".

Assim é que Biaggio (1976) comenta que dos meninos espera-se que sejam fortes, independentes, agressivos, competentes e dominantes, enquanto que das meninas espera-se que sejam mais dependentes, sensíveis, afetuosas e que suprimam impulsos agressivos e sexuais. Estudos como os de Bennett e Cohen (1959), D'Andrade (1966), Ekehammar (1974) e Hartley (1959, 1960), indicam que se tolera mais a expressão de afeto em mulheres, geralmente mais expostas aos modelos femininos, do que em homens, os quais aprendem, desde cedo, que sendo homens é preciso então que saibam controlar, recalcar a sensibilidade e dissimular as emoções.

Os estudos de Rubin, Provenzano e Luria (1974) e Tavris e Offir (1977), indicam que os próprios pais, em especial os homens, são muito influenciados pelo sexo anatômico da criança ao perceberem as características de seus filhos, já no seu primeiro ano de vida. Eles descrevem seus filhos do sexo masculino como fortes, firmes, alertas e bem coordenados; e do sexo feminino como delicadas, doces e fracas. O sexo anatômico, então, parece ter grande influência na percepção das características de personalidade.

Outros estudos (Lambert, Yackley e Hein, 1971; Moss,

1967; Tasch, 1952; Wesley e Wesley, 1977) indicam que os pais percebem diferencialmente seus filhos de mais idade: o garoto como sendo durão, barulhento, ativo, competitivo, mais capacitado mentalmente e mais apto a defender-se, enquanto que a garota é vista como meiga, limpa, quieta, mais reservada, de boas maneiras, sensível aos sentimentos dos outros, chorona e mostrando-se mais feliz dentro do lar.

Através dessas percepções, os pais encorajam os tipos comportamentais esperados por eles mesmos (Fling e Manosevitz, 1972, Lansky, 1967), e, conseqüentemente, seus filhos dificilmente engajar-se-ão em atividades não apropriadas ao seu próprio sexo (Hartup, Moore e Sager, 1963; Stein, Pohly e Mueller, 1971).

Vários outros estudos, como os de Belotti (1979), Clark e Clark (1947), Hartley (1960), Hraba e Grant (1970), Kohlberg (1966), Montemayor (1974), Radke, Sutherland e Rosenberg (1950), Williams et al. (1975), mostram que aos cinco anos de idade, as crianças de ambos os sexos já desenvolveram noções do que constitui um comportamento apropriado a elas, e que as mulheres são levadas, desde a infância, a uma diminuição de sua auto-estima. O trabalho de Guttentag e Bray (1976), tentando modificar a atitude sexista de crianças escolares(*), mostra que já a partir dessa idade, as crianças de diferentes categorias étnicas, sócio-econômicas, independente de suas mães trabalharem fora do lar ou não, sabem, porque aprenderam através dos meios de comunicação, e até pelas suas próprias observações em seus lares, que os meninos e os homens adultos são fortes e realizadores, e que as meninas e as mulheres são fracas e dependentes.

(*) *Sexismo definido por Aronson (1979), Bardwick (1981), Bem e Bem (1973), como a ação, tanto dos homens quanto das mulheres, sob o pressuposto, consciente ou não, de que tudo o que é masculino é intrinsecamente melhor do que é feminino.*

nas e as mulheres adultas são fracas, tolas e nascidas para as tarefas caseiras. As crianças de 10 anos, cujas mães trabalham fora do lar, e todos os adolescentes de 14 anos de idade com mães empregadas ou não, apresentaram opiniões rígidas e estereotipadas sobre o que deveria ser o papel feminino.

Nos estudos de Piacente (1974) fica claro que as mulheres incompetentes eram percebidas como mais femininas do que as competentes. Nos de Deaux e Emswiller (1974), que tanto em tarefas ditas masculinas quanto nas ditas femininas, o sucesso de um homem tende a ser atribuído ao seu esforço e à sua habilidade, e o da mulher à facilidade da tarefa ou à sorte. Feldman-Summers e Kiesler (1974) encontraram dados que confirmam que tanto os homens quanto as mulheres esperam que os homens sejam mais bem sucedidos, até nas ocupações atribuídas como femininas. As pesquisas de Mischel (1974), Pheterson, Kiesler e Goldberg (1971) e Rosen e Jerdee (1973), confirmam os dados inicialmente estudados por Goldberg (1968), de que as mulheres universitárias valorizam mais o trabalho profissional dos homens do que o trabalho idêntico feito por mulheres. Além disto, as mulheres desvalorizam o trabalho feminino simplesmente devido ao nome feminino que lhe está associado, tal é o resultado dos estereótipos apregoados.

A prevalência dos estereótipos e a sua incorporação no autoconceito de ambos os sexos foram documentados, também, por Broverman et al. (1972) e Rosenkrantz et al. (1968). Em Broverman et al. (1972) encontramos a seguinte citação:

"... homens e mulheres incorporam ambas as características positivas e negativas estereotipicamente apropriadas em seus autoconceitos.

Além das características femininas serem mais negativamente avaliadas do que as características masculinas, as mulheres tendem a ter autoconceitos mais negativos do que os homens. A tendência das mulheres a denegrirem-se dessa maneira, pode ser vista como uma evidência da força social a pressioná-las a estarem de acordo com os padrões de papéis sexuais da sociedade".

Clínicos, como psiquiatras e psicólogos, também tendem a atribuir à mulher normal, características que não atribuem ao adulto normal (submissão, dependência, grande excitação em pequenas crises, sentimentos facilmente feridos, e outras), o que a coloca num dilema por nunca poder satisfazer simultaneamente os padrões de feminilidade e de maturidade (Broverman et al., 1970). E além das características masculinas serem frequentemente percebidas como as mais desejáveis em termos sociais, estão também diretamente relacionadas às atribuídas ao adulto normal em termos de normalidade (Cowen, 1961; Cowen, Staiman e Wolitzky, 1961), ajustamento (Wiener, Blumberg, Segman e Cooper, 1959) e saúde (Kogan, Quinn, Ax e Ripley, 1957).

Embora os conjuntos de disposições atribuídos diferencialmente aos homens e mulheres, difundidos e largamente compartilhados dentro e entre culturas, em geral indiquem valores de superior prestígio e de competência aos papéis masculinos, também indicam características de valor superior aos papéis femininos, representando, dessa maneira, dois domínios complementares de características e comportamentos positivos (Barry, Bacon e Child, 1957; Erikson, 1964; Parsons e Bales, 1955), ou seja, conforme Bem (1974),

"Em geral, masculinidade tem sido associada a uma orientação instrumental, um foco cognitivo em "dar conta do recado"; e feminilidade tem sido associada com uma orientação expressiva, uma preocupação emocional com o bem-estar dos outros".

Dessa forma, a base lógica delineada na construção das escalas de Masculinidade e de Feminilidade do inventário norte-americano, o BEM SEX-ROLE INVENTORY, o qual objetivou-se adaptar à nossa cultura brasileira, apoia-se na visão das disposições valorativas, utilizando características de personalidade com conteúdo positivo, e masculinas ou femininas em qualidade, selecionadas com base na desejabilidade social dos diferentes papéis sexuais, como veremos no decorrer do trabalho. Pode-se dizer que o BSRI é, portanto, designado para avaliar a extensão pela qual as definições culturais das características tipificadas sexualmente são refletidas na autodescrição de um indivíduo, ou, mais especificamente,

"... apresenta a um indivíduo uma coleção heterogênea de atributos, e avalia a extensão pela qual o indivíduo agrupa essa coleção em duas categorias designadas pela cultura como sendo mais desejável para um ou o outro dos dois sexos". (Bem, 1979)

CAPÍTULO 2

MASCULINIDADE, FEMINILIDADE E ANDROGINIA

Até a década de 60, os psicólogos tentaram avaliar as características masculinas e femininas de personalidade, através de um modelo bipolar e unidimensional. O pressuposto central deste modelo é o de que homens e mulheres devem diferir psicologicamente tanto quanto diferem fisicamente, e que as características de um sexo são antagônicas às do sexo oposto. O modelo bipolar baseia-se no dualismo, na teoria dos princípios opostos, em que, por exemplo, sendo dominância-submissão bipolar e unidimensional, então um homem não-dominante é igual a uma mulher não-submissa, ambos com a mesma ancoragem média equivalente ao ponto zero no contínuo, como é exposto na Figura 1 abaixo.

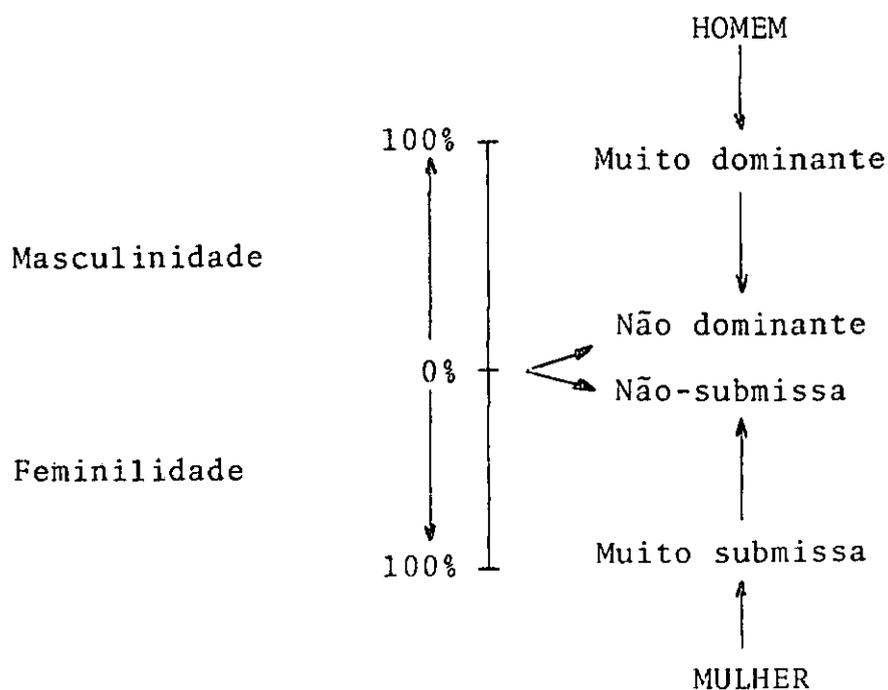


Figura 1. Exemplo de dominância-submissão com suposta bipolaridade

As diversas escalas de Masculinidade/Feminilidade de envolvidas dentro desse modelo, refletem e reforçam os estereótipos sexuais aceitos, conservados e transmitidos pela sociedade em geral, e pelos psicólogos em particular, no sentido de que homens e mulheres são harmoniosos, numa forma de compensação, quando refletem, os primeiros, a ausência total de características consideradas femininas, e os segundos, a ausência total de características consideradas masculinas (Constantinople, 1973; Pedhazur e Tetenbaum, 1979). Para Bardwick (1981),

"Na medida em que a fêmea e o macho são definidos pelas suas diferenças, o sexo aparece como uma variável dividida em duas partes: o que a pessoa é e o que ela não é. Encarando-se o masculino e o feminino como os extremos opostos de um mesmo parâmetro, os primeiros testes psicológicos destinados a medir a masculinidade e a feminilidade enfatizaram as diferenças entre os sexos. Erã^m testes incapazes de aferir as semelhanças, e que só abarcavam itens que as mulheres e os homens reagiam de modo diferente, além de estarem dispostos de tal modo que o sujeito não podia apresentar qualidades masculinas e femininas ao mesmo tempo. Supunha-se ainda, que as pessoas mais saudáveis fossem as que atingiam o extremo: as mulheres que se mostravam muito femininas e os homens muito masculinos".

Três dessas escalas que conceituam Masculinidade/Feminilidade como extremos opostos de um mesmo contínuo, e que foram traduzidas e adaptadas ao nosso meio são:

- 1 - M/F, do CPS-Escalas de Personalidade de Comrey (Comrey, A.L.);
- 2 - M/F, escala 5, do MMPI-Inventário Multifásico Mine-sota de Personalidade (Hathaway S.R. e McKinley, J.C.);

3 - e o Fator I, do 16 PF-Questionário de 16 Fatores de Personalidade (Cattell, R.B. e Eber, H.W.).

Na escala de Masculinidade/Feminilidade do CPS - Escalas de Personalidade de Comrey,

"Os indivíduos com escores altos dizem-se teimosos, durões, não se perturbam com bichos ras tejantes, com visão de sangue, ou com vulgaridade. Não choram facilmente e têm pouco interesse em histórias de amor. Indivíduos com escores baixos inclinam-se a chorar facilmente, perturbam-se com sangue e coisas rastajantes, pegajosas tais como cobras e insetos, incomodam-se com a vulgaridade e têm grande interesse em amores românticos". (Rodrigues e colaboradores, 1973).

Portanto, definem a masculinidade (versus feminilidade) como a ausência de medo de insetos, não ser chorão, não ser romântico, tolerar a visão de sangue e a vulgaridade.

O MMPI-Inventário Multifásico Minesota de Personalidade tenta avaliar sintomas clínicos, e a construção de seus itens foi baseada no diagnóstico psiquiátrico tradicional. Apresenta 9 escalas, incluindo a de Masculinidade/Feminilidade com 60 itens e mais uma escala adicional de introversão-extroversão. A escala de Masculinidade/Feminilidade tenta medir o grau da inversão sexual de um indivíduo, ou seja, masculinidade em mulheres e feminilidade em homens. Resultados elevados nesta escala indicam um predomínio de interesses típicos do sexo oposto, caracterizando o homossexualismo, sobretudo entre os homens. Mulheres que obtêm escores de normalidade são consideradas sensíveis, modestas,

responsáveis, gratas e prudentes. Nesta escala, ser sensível é normal para a mulher, mas não o é para o homem.

Conforme Benko, A. e Simões, R.J.P. (1973), a escala de Masculinidade/Feminilidade do MMPI,

"Mede a tendência em relação ao padrão de interesse masculino ou feminino... Escore elevado indica um desvio de interesse do padrão básico para outro sexo. Os itens foram originalmente selecionados através da comparação das respostas de homens masculinos com as dos afeminados e com as de mulheres. Cada item, definitivamente escolhido para esta escala ... indica tendência à feminilidade da parte de invertidos sexuais masculinos. Os homens, com escore muito elevado são, geralmente, invertidos sexuais latentes ou atuantes e sua feminilidade é revelada através de seus valores, atitudes, interesses, estilo de expressão e fala, bem como nas afinidades sexuais".

São as seguintes as interpretações para as respostas do Fator I, do 16 PF-Questionário de 16 Fatores de Personalidade, conforme Andrade, E.M. e Alves, D.G. (1954):

"RÍGIDO, confiante em si, realista, prático (Harria)

- A pessoa com baixo resultado no Fator I, tende a ser prática, realista, masculina, independente, responsável, mas propensa ao ceticismo quanto a elaboração de ordem cultural e subjetiva. Costuma ser firme, dura, cínica e convencida. Tende a fazer um grupo agir numa base de senso prático e realista.

BRANDO, terno, dependente, super-protegido, sensível (Premsia)

= A pessoa com alto resultado em I, tende a ser sensível e delicada, sonhadora, artista, caprichosa, feminina. Às vezes é exigente - reclama atenção e auxílio - impaciente, dependente, sem senso prático. Desagradam-lhe as pessoas rudes e as ocupações grosseiras. Tende a estorvar o desempenho de grupos e a perturbar-lhes o moral com problemas frívolos e irrealis".

Esses três testes a que nos referimos acima, enquadram-se perfeitamente no modelo tradicional dos testes de Masculinidade/Feminilidade, segundo o qual a seleção dos itens é feita com base nas respostas diferenciais dadas pelos indivíduos dos dois sexos. Assim, um item como "gostar de esportes", seria incluído como indicador de masculinidade, na medida em que um número grande de homens respondesse positivamente ao item, e um número reduzido de mulheres o fizesse. Constantinople (1973) questiona esse processo de seleção de itens e mostra que não há uma relação empírica entre esses itens e masculinidade e feminilidade psicológica. Ele reflete e confronta uma versão simples e estática das diferenças entre os sexos e os papéis sexuais ideais rigidamente estereotipados, levando em conta somente uma discriminação cultural, e em determinado tempo, naquilo que parece ser indicador de masculinidade e feminilidade.

Questionando o tradicional ponto de vista da unidimensionalidade e do contínuo bipolar, que definem de certa maneira, a masculinidade como a ausência de feminilidade, e vice-versa, Bem (1974) desenvolveu o BEM SEX-ROLE INVENTORY (BSRI) para medir as características de masculinidade e de feminilidade como dimensões ortogonais e, conseqüentemente, um escore de Androgínia, que na sua definição significa:

"... um termo que denota a integração tanto de masculinidade quanto de feminilidade em um mesmo indivíduo. O conceito de androgínia psicológica implica em que é possível para um indivíduo ser tanto masculino quanto feminino, tanto instrumental quanto expressivo, tanto a gente quanto paciente, dependendo da propriedade situacional dessas várias modalidades; implica ainda que um indivíduo possa mesmo mesclar essas modalidades complementares em um

único ato, podendo, por exemplo, despedir um empregado se as circunstâncias assim o exigirem, mas fazê-lo com sensibilidade para a emoção que tal ato inevitavelmente produz". (Bem, Martyna e Watson, 1976).

Conforme Wesley e Wesley (1977), o termo "androginia",

"... vem de andro (homem) e gine (mulher)... significa, em geral, tanto o masculino quanto o feminino. Contrário tanto à masculinização quanto à feminilização, androginia não exige nem do homem nem da mulher uma aceitação total e exclusiva dos traços de papel sexual característicos do sexo oposto. Ambos os sexos mantêm seus traços típicos mas também incorporam os traços do sexo oposto a seus repertórios de comportamento. Assim, tanto homens quanto mulheres devem ser assertivos e submissos, cautelosos e aventureiros, dependentes e independentes, etc... Sandra Bem (1975) concebe o indivíduo andrógino como sendo menos contido por papéis sexuais convencionais, e como sendo mais flexível e mais livre para engajar-se naquilo que lhe parecer mais eficaz no momento".

A conotação do termo utilizado implica a flexibilidade de desempenhos de papéis sexuais, e inclui num único indivíduo as características de personalidade consideradas masculinas e femininas, e não a presença de caracteres masculinos e femininos num único organismo, especificando o hermafrodita. O uso do termo não tem significado físico-sexual, e as qualidades que denominamos masculinas e femininas estão presentes tanto no homem quanto na mulher, numa variedade de interesses, capacidades, traços e características ao mesmo tempo expressivos e instrumentais. Singer (1977) sugere que, como as imagens sociais de masculinidade e de feminilidade são derivadas de uma tendência para diferenciar, categorizar e negar o conceito de totalidade na personalidade humana, seguindo vestígios de um ponto de vista

atomista refletido nos instrumentos psicológicos, é necessário que comecemos a pensar em termos de um sistema global para acabarmos com as velhas e intrigantes categorias de masculinidade e de feminilidade, mudando a comum afirmação de que qualidades específicas de traços e características de personalidade podem ser descritas como masculinas ou como femininas, e alterando, também, nossas afirmações de que, sabendo que há certas normas masculinas e femininas geradas pelas sociedades, todos os homens e mulheres devem ser desenvolvidos em concordância com essas normas.

Corroborando esse pensamento, e tomando a escola como um ponto de partida para o seu alcance, Palme (1972) recomenda:

"... mesmo que a escola trate meninos e meninas de modo similar e tenha as mesmas expectativas para eles, ainda assim eles são influenciados pelo meio, pelos pais, pelos meios de comunicação de massa, pelos comportamentos de homens e mulheres fora da escola, etc., a encarar seus papéis como sendo diferentes. Cabe então à escola tornar seus alunos conscientes de que eles são sujeitos a tais influências e que é necessário quebrar um padrão cultural estabelecido se se quer atingir uma igualdade entre os sexos. Os alunos serão estimulados a questionar criticamente, e a discutirem as condições existentes na sociedade, para cada um chegar a uma opinião pessoal baseada no conhecimento das razões para e dos efeitos dos papéis sexuais atuais... isto é, das expectativas culturalmente condicionadas por um indivíduo por causa do seu sexo, (que) agem como uma espécie de uniforme que reprime a individualidade da criança".

Bem (1974) considerou que a tradicional dicotomia utilizada, não somente pela sociedade mas, também, pela própria psicologia, ajudou a obscurecer durante muito tempo, duas relevan

tes hipóteses: a primeira é a da possibilidade de um indivíduo ser Andrógino, isto é, masculino e feminino, assertivo e permissível, instrumental e expressivo, dependendo da oportunidade da situação para desempenhar estes comportamentos. E a segunda é a da limitação de conduta assumida por indivíduos Masculinos ou Femininos quando em situações que exigem comportamentos ditos não apropriados aos seus próprios sexos, ou seja, por indivíduos que restringem seus comportamentos em concordância com a definição cultural de comportamentos apropriados aos seus sexos.

Explorando essa perspectiva de flexibilidade de desempenho de papéis sexuais, Bem (1974) desenvolveu o seu inventário no sentido de capturar esses particulares grupos de indivíduos, e sua construção foi baseada em duas suposições básicas:

"a) Em grande parte como resultado de um acidente histórico, a cultura agrupou uma coleção bastante heterogênea de atributos em duas categorias mutuamente exclusivas, cada qual considerada tanto mais característica quanto mais desejável para um ou o outro dos dois sexos. Essas expectativas e prescrições culturais são bem conhecidas por virtualmente todos os membros da cultura;

b) Os indivíduos diferem um dos outros na medida em que utilizam essas definições culturais como padrões idealizados de feminilidade e masculinidade contra os quais suas próprias personalidades e comportamentos são avaliados. De maneira particular, o indivíduo "sex-typed" está muito sintonizado com essas definições e motivado a manter seu comportamento consistente com elas, uma meta que ele ou ela presumivelmente atinge tanto selecionando comportamentos e atributos que realçam a imagem quanto evitando comportamentos e atributos que violam a imagem. Em contraste, o indivíduo andrógino está menos sintonizado com essas definições culturais de feminilidade e masculinidade, e é menos propenso a regular seu comportamento de acordo com elas. O BSRI baseia-se

então em uma teoria sobre o processamento cognitivo e a dinâmica motivacional de indivíduos "sex-typed" e andróginos. Ademais, pesquisas empíricas sobre os correlatos comportamentais de "sex-typing" e androginia têm confirmado, até agora, que ele está cumprindo seus propósitos conceituais (Bem, 1975; Bem e Lennay, 1976; Bem, Martyna e Watson, 1976; Ickes e Barnes, 1978; Russel, 1978)". (Bem, 1979).

No mesmo ano da construção do BSRI, Spence, Helmreich e Stapp (1974) desenvolveram o Personal Attributes Questionnaire (PAQ), que contém, separadamente, as escalas de Masculinidade e Feminilidade, introduzindo o termo Andrógino simplesmente como um rótulo conveniente para identificar os indivíduos com escores relativamente altos em ambas as escalas.

"Dentro deste contexto, ele é meramente um rótulo que corresponde à definição do termo em dicionários padrões (por exemplo, "1. tendo as características ou natureza tanto do homem quanto da mulher", Webster's New Collegiate Dictionary, 1974)". (Spence et al., 1979).

As diferenças entre os indivíduos quanto à adoção das características, não são vistas por Bem (1979) meramente em termos quantitativos, mas, fundamentalmente, na suposição de que diferem:

"(a) no conteúdo de suas crenças sobre como são os dois sexos e (b) no seu esquema cognitivo para processar informação relacionada ao gênero, e disto, na saliência perceptual e disponibilidade cognitiva de gênero e de conceitos relacionados ao gênero como dimensões para processamento de informações que chegam".

Na medida em que as experiências individuais são culturalmente estruturadas, os indivíduos de uma dada cultura tendem

rão a formar estruturas cognitivas semelhantes em determinados aspectos. Mas, por outro lado, como o ser humano é necessariamente seletivo no que observa, aprende, deduz e recorda, e esta tendência depende de uma estrutura cognitiva interna que lhe permite codificar e representar, com algum grau de eficiência, novas e diversas informações e necessidades únicas, que por sua vez provocam graduadas mudanças nas características da estrutura preexistente, o indivíduo na tentativa de organizar, resumir ou explicar o seu comportamento num particular domínio, terá formado uma estrutura cognitiva distinta sobre o "self", ou o que Markus (1977) denomina de "self-schemata", e que define como:

"... generalizações cognitivas sobre o self, derivadas da experiência prévia, que organizam e guiam o processamento de informações relacionadas ao self contidas nas experiências do indivíduo".

A distinção entre homens e mulheres existe claramente nas sociedades humanas, mas, apesar de todo o reconhecimento universal, foi hipotetizado por Bem (1974), que existe, também, uma larga diferença não só nas crenças, como nas estruturas cognitivas individuais quanto à importância funcional agregada a esta distinção. Conseqüentemente, encontramos diferenças entre as autodescrições e comportamentos dos indivíduos considerados Masculinos, Femininos e Andróginos.

"... indivíduos de diferentes papéis sexuais são vistos como diferindo em quanto eles processam espontaneamente informação sobre o self, sobre os outros, e sobre o meio não-social, em geral em termos relacionados ao sexo". (Bem, 1979).

Essa distinção fortemente motivada pela sociedade, leva homens e mulheres à consistência dos papéis nitidamente defini dos, mantendo uma auto-imagem de Masculino ou de Feminino, e reprimindo qualquer comportamento que seja indesejável ou inapropriado para o seu sexo (Kagan, 1964; Kohlberg, 1966). Daí que, como um rígido autoconceito de masculinidade pode inibir compor tamentos ditos femininos, e um rígido autoconceito de feminilidade pode inibir comportamentos ditos masculinos, o tipo Andrô gino, possuindo as características de personalidade atribuídas aos dois sexos, logicamente adquire uma ampla liberdade de con duta, agindo com um repertório de comportamentos masculinos e femininos, dependendo da exigência da situação (Bem, 1974).

Teoricamente, então, o Andrôgino, não precisando limi tar seus comportamentos àqueles tradicionalmente considerados apropriados para um ou o outro sexo, está psicologicamente li vre para engajar-se em qualquer comportamento percebido como o mais eficaz na situação, sem atender aos estereótipos masculinos ou femininos.

Para Bem (1974, 1975, 1976, 1977, 1979), Bem e Lenney (1976), Bem, Martyna e Watson (1976), um alto nível de masculinidade ou um alto nível de feminilidade não podem ser desejá veis, pois a rigidez do autoconceito limita o comportamento a diversas situações. Resultados de seus trabalhos indicam que o

comportamento dito não apropriado ao sexo é motivacionalmente problemático, tanto aos indivíduos com rígido autoconceito de masculinidade, quanto aos com rígido autoconceito de feminilidade. Estes preferem atividades ditas apropriadas aos seus próprios sexos, e resistem à qualquer possibilidade contrária. Quando tentados ao engajamento em atividades percebidas como não apropriadas, sentem-se desconfortados e piores em relação a si mesmos.

Uma revisão de literatura parece corroborar esses dados. Alta feminilidade nas mulheres tem sido constantemente correlacionada com ansiedade, baixa auto-estima e baixa aceitação social (Biaggio e Nielsen, 1976; Cosentino e Heilbrun, 1964; Gall, 1969; Gray, 1957; O'Connor, Mann e Bardwick, 1978; Sears, 1970; Webb, 1963). Embora alta masculinidade em homens durante sua adolescência seja correlacionada como melhor ajustamento psicológico (Mussen, 1961), durante a fase adulta tem sido correlacionada com alta ansiedade, neuroticismo e baixa aceitação pessoal (Harford, Willis e Deabler, 1967; Mussen, 1962). Grande desenvolvimento intelectual tem sido correlacionado com masculinidade em garotas e com feminilidade em garotos, o mesmo ocorrendo em idade adulta (Ellis e Bentler, 1973). Garotos e garotas considerados masculinos e femininos, respectivamente, parecem ter baixa inteligência geral, baixa habilidade espacial e baixa criatividade (Maccoby, 1966).

Outros estudos também indicam que os padrões de comportamentos tradicionais para um ou outro sexo parecem ter consequências negativas: no desenvolvimento da personalidade (Slater,

1961), na harmonia matrimonial (Bott, 1964; Komarovsky, 1950, 1967; Parsons, 1964), nas relações interpessoais (Ickes e Barnes, 1978), na criatividade em mulheres (Helson, 1967) e em homens (Barron, 1957), no motivo à realização (Stein e Smithells, 1969; Veroff, Wilcox e Atkinson, 1953), e na capacidade para solucionar problemas (Carey, 1958). Alguns outros estudos afirmam que alta masculinidade ou alta feminilidade produzem desnecessários conflitos internos, e que são incompatíveis com os interesses individuais e os da própria sociedade (Block, 1973; Broverman et al., 1970; Cosentino e Heilbrun, 1964; Deutsch e Gilbert, 1976; Goode, 1968; Gump, 1972; Heilbrun, 1968; Komarovsky, 1946; Parsons, 1964; Polk, 1974).

Todos esses dados, portanto, levam-nos a especular sobre as consequências diárias das condutas dirigidas por um rígido autoconceito, pois já é evidente que essa rigidez restringe o comportamento numa desnecessária e disfuncional direção. Os indivíduos classificados como Andróginos têm apresentado altos escores em medidas de adaptação, ajustamento e saúde mental (Antill e Cunningham, 1979; Babl, 1979; Baucom, 1976; Bem, 1975, 1976, 1977; Bem e Lenney, 1976; Bem, Martyna e Watson, 1976; Berzins, Welling e Wetter, 1978; Flaherty e Dusek, 1980; Heilbrun, 1976; Helmreich, Wilhelm e Stapp, 1975; Ickes e Barnes, 1978; Jones et al., 1978; Kaplan, 1976; Kaplan e Bean, 1976; Kelly, Caudill, Hathorn e O'Brien, 1977; O'Connor, Mann e Bardwick, 1978; Russel, 1978; Spence, Helmreich e Holahan, 1979; Spence, Helmreich e Stapp, 1975; Wiggins e Holzmuller, 1978; Worell, 1978).

Existem algumas inconsistências empírica na relação entre androginia e auto-estima. Bem (1974) e Spence et al. (1975) afirmam que os Andrôginos apresentam alta auto-estima porque possuem ambas as características masculinas e femininas. Outros, como Jones et al. (1978), Kelly e Worell (1977), acreditam que a auto-estima esteja relacionada somente às características masculinas. Bardwick (1981) considera que,

"... para os americanos, a auto-estima depende da posse das características que costumamos rotular de masculinas. Sem sucesso no estilo 'masculino', é muito difícil que eles se valorizem ou sejam valorizados. Além disso, as mulheres que possuem mais alto grau de características masculinas sentem-se mais estigmatizadas do que as que são predominantemente femininas. Em parte porque a competência, item ligado à condição masculina, é ponto importantíssimo para a confiança própria; e em parte, também, porque os papéis e características masculinas têm um status mais elevado".

Todavia, resultados de pesquisas realizadas por Antill e Cunningham (1979), Bem (1975, 1977), Spence et al. (1979), e mais recentemente por Flaherty e Dusek (1980), apontam suporte à posição inicialmente formulada por Bem (1974) e Spence et al. (1975) sobre ajustamento psicológico e orientação do papel sexual, indicando que os indivíduos classificados como Andrôginos são mais bem ajustados, especificamente no que se refere à medida de auto-estima, porque endossam ambas as características masculinas e femininas desejáveis socialmente.

Os estudos sobre Masculinidade, Feminilidade e Androginia proliferam, enfatizando aspectos como os da perspectiva histórica, desenvolvimento, correlatos psicológicos e sociológicos,

paradigmas para mudanças, medidas, etc. Além dos já mencionados, podemos citar os de Bazin e Freedman (1974), Bernard (1975, 1976), Brannon (1976), Gaudreau (1977), Gelpi (1974), Gross, Batlis, Small e Erdwins (1979), Harris (1974), Hefner, Rebecca e Oleshansky (1975), Helmreich, Spence e Holahan (1979), Holahan e Spence (1980), Kelly, Furman e Young (1978), Locksley e Cotlen (1979), Parsons, Ruble, Hodges e Small (1976), Pleck (1975), Ruble e Higgins (1976), Secor (1974), Spence e Helmreich (1978, 1979), Stimpson (1974), Storms (1979), Strahan (1975), Wakefield, Jr., Sasek, Friedman e Bowdin (1976), Zeldow (1976).

CAPÍTULO 3PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NO DESENVOLVIMENTO
DO BEM SEX-ROLE INVENTORY3.1. Seleção dos Ítems

Como uma preliminar listagem das escalas de Masculinidade e Feminilidade, Bem (1974) e alguns de seus alunos compilaram aproximadamente 200 características de personalidade, que lhes pareciam positivos em valor e masculinas ou femininas em qualidade. Adicionalmente, para a composição de uma Escala Neutra, compilaram outras 200 características de personalidade (metade positivas e metade negativas), que lhes pareciam ser nem masculinas ou femininas em qualidade.

Após essa listagem, foram utilizados 50 alunos do sexo masculino e 50 do sexo feminino para o julgamento dessas características, todos do curso de graduação em Stanford California. A cada um dos juizes era solicitado que, usando uma escala de 7 pontos, em que a ancoragem 1 significava a característica não ser desejável, e a ancoragem 7 a sua extrema desejabilidade, informasse a desejabilidade ou não, para cada sexo, na sociedade americana, de cada uma das aproximadamente 400 características de personalidade.

Assim, a característica de personalidade era qualificada como masculina, se fosse julgada por homens e mulheres signi

ficantemente mais desejável para os homens do que para as mulheres ($p < .05$; todos os níveis de significância foram baseados no teste bilateral dos valores críticos da tabela t de Student). Similarmente, a característica de personalidade era qualificada como feminina, se fosse julgada por homens e mulheres significativamente mais desejável para as mulheres ($p < .05$). Satisfazendo este critério, 20 características foram selecionadas para a escala de Masculinidade e 20 outras características foram selecionadas para a escala de Feminilidade.

E a característica de personalidade era qualificada como neutra em relação aos sexos, e por esta razão, elegível para a Escala Neutra, se fosse julgada por homens e mulheres significativamente não desejável para ambos os sexos ($t < 1.2, p > .2$), ou se fosse julgada significativamente desejável para ambos os sexos ($t < 1.2, p > .2$). Satisfazendo este critério, 10 características positivas e 10 negativas foram selecionadas para essa escala.

Os ítems selecionados para as 3 escalas são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Itens das escalas de Masculinidade , Feminilidade e Neutra, do BEM SEX-ROLE INVENTORY.

Ítems Masculinos	Ítems Femininos	Ítems Neutros
49. Acts as a leader	11. Affectionate	(positivos)
46. Agressive	5. Cheerful	51. Adaptable
58. Ambitious	50. Childlike	9. Conscientious
22. Analytical	32. Compassionate	45. Friendly
13. Assertive	53. Does not use	15. Happy
10. Athletic	harsh language	3. Helpfull
55. Competitive	35. Eager to soothe	39. Likable
4. Defends own beliefs	hurt feelings	21. Reliable
37. Dominant	20. Feminine	33. Sincere
19. Forceful	14. Flatterable	57. Tactful
25. Has leadership	59. Gentle	27. Truthful
abilities	47. Gullible	(negativos)
7. Independent	56. Loves children	36. Conceited
52. Individualistic	17. Loyal	60. Conventional
31. Make decisions	26. Sensitive to the	48. Inefficient
easily	needs of others	24. Jealous
40. Masculine	8. Shy	6. Moody
1. Self-reliant	38. Soft spoken	30. Secretive
34. Self-sufficient	23. Sympathetic	42. Solemn
16. Strong personality	44. Tender	12. Theatrical
43. Willing to take a	29. Understanding	18. Unpredictable
stand	41. Warm	54. Unsystematic
28. Willing to take a	2. Yielding	
risks		

Nota: O número que precede cada ítem corresponde à sua posição no inventário.

Em seguida, utilizando as médias dos escores dos 100 juízes para cada ítem das 3 escalas, e aplicando o teste t de Student, a autora encontrou, como uma consequência do critério utilizado, dados significativos que indicaram homens e mulheres concordarem em suas percepções quanto à desejabilidade ou não das características aos seus sexos. Quanto aos ítems neutros não foi encontrada diferença para ambos os sexos.

3.2. Escores

O BSRI solicita ao indivíduo indicar numa escala de 7 pontos, em que a ancoragem 1 significa a característica ser "nunca ou quase nunca verdadeira", e a ancoragem 7 significa a característica ser "sempre ou quase sempre verdadeira" o quanto o descreve cada uma das 60 características de personalidade (20 masculinas, 20 femininas e 20 neutras).

Com base em suas respostas, o indivíduo recebe 3 escores: um escore de Masculinidade, um escore de Feminilidade e, o mais importante, um escore de Androginia. Sendo que, o escore na Escala Neutra também pode ser computado.

Os escores de Masculinidade e de Feminilidade indicam a extensão pela qual o indivíduo endossa as características masculinas e femininas de personalidade como autodescritivas. O escore de Androginia reflete o relativo acúmulo das características masculinas e femininas que o indivíduo inclui em sua autodescrição. Inicialmente, o escore de Androginia era definido por Bem (1974) como:

"... a diferença entre a adoção de itens masculinos e femininos pela pessoa: isto é, o escore de Androgínia é a diferença entre a masculinidade e a feminilidade do indivíduo, normalizada em referência aos desvios padrões de seus escores de masculinidade e feminilidade".

O uso da proporção t de Student, observava Bem (1974), oferecia duas vantagens conceituais. A primeira era a de verificar se a aceitação das características masculinas diferia significantemente da aceitação das características femininas, e havendo esta diferença, poder-se-ia, então, classificar tal indivíduo como significantemente Masculino, ou Feminino, ou Masculino-Feminino, ou Feminino-Masculino. A segunda vantagem era a de permitir a comparação de diferentes populações em termos da percentagem de indivíduos significantemente Masculinos e Femininos presentes em cada população.

Quanto maior o valor absoluto da diferença dos escores de Masculinidade e de Feminilidade, mais o indivíduo era considerado Masculino, ou Feminino, ou Masculino-Feminino, ou Feminino-Masculino, sendo que um alto escore positivo indicava Feminilidade e um alto escore negativo indicava Masculinidade. (Um alto escore de Masculinidade não representa somente a aceitação das características masculinas, mas a simultânea rejeição das características femininas, tanto quanto um alto escore de Feminilidade representa não somente a aceitação das características femininas, mas a rejeição das características masculinas). Em contraste, quanto menor fosse o valor absoluto da diferença dos escores nas escalas de Masculinidade e de Feminilidade, mais o indivíduo éra classificado como Andrôgino.

Esse método, entretanto, definia como Andrógino tanto o indivíduo com altos escores em Masculinidade e Feminilidade, quanto o indivíduo com baixos escores em ambas as escalas. Seria apropriado caracterizar como Andrógino tão somente o primeiro, ou o segundo, ou ambos? Esta distinção foi foco de estudos por alguns pesquisadores, como Heilbrun (1976), Spence et al. (1975) e Strahan (1975).

Jones, Chernovetz e Hansson (1978) e Wiggins e Holz-muller (1978), continuam a usar e a defender o método inicialmente usado por Bem (1974). Porém, Berzins, Welling e Wetter (1978), Flaherty e Dusek (1980), Heilbrun (1976), Kelly, Caudill, Hathorn e O'Brien (1977), Kelly e Worell, L. (1976), Kelly e Worell, J. (1977), Spence, Helmreich e Stapp (1975), Strahan (1975), preferem designar como Andrógino, somente o indivíduo com escores acima da mediana em ambas as escalas.

Comentam Flaherty e Dusek (1980) que,

"Em parte, isso se deve aos problemas psicométricos indesejáveis associados ao método da subtração (Strahan, 1975). Em parte é o resultado de dados de pesquisa que apoiam uma distinção conceitual entre indivíduos andróginos e indiferenciados".

Quanto a essa questão, de como melhor operacionalizar o conceito psicológico de Androginia, em 1976, Bem e Lenney pronunciaram:

"Conceitualmente, concordamos com a definição deles, pois suspeitamos que o indivíduo com escores muito baixos tanto em masculinidade quan

to em feminilidade, longe de ser andrógino, po
de na realidade sofrer dificuldades relaciona
das à auto-estima que se estendem bem além da
dimensão de papéis sexuais".

Também em 1976, Bem, Martyna e Watson,

"Com base nas evidências disponíveis, então,
acreditamos agora que indivíduos com escores
alto-alto e baixo-baixo diferem uns dos outros
sendo que os de escore baixo-baixo sofrem de
baixa auto-estima e alguma inibição comporta
mental. Apesar de nossos resultados não nos
permitirem predizer exatamente quando os dois
grupos diferirão, levam-nos a concordar com
Spence et al. (1975) que o termo andrógino de-
va, daqui em diante, ser usado apenas para aque-
les indivíduos que apresentam escores altos tan-
to em masculinidade quanto em feminilidade".

Em 1977, Bem,

"Concordo com Spence et al. (1975) que o termo
andrógino deve ser reservado àqueles indivi-
duos que apresentam escores altos tanto em mas-
culinidade quanto em feminilidade, e que o BSRI deve,
portanto, ser classificado de modo a apresentar quatro
grupos distintos de sujeitos masculinos, femini-
nos, andróginos e indiferenciados".

Atualmente, portanto, é classificado como Andrógino,
apesar de Jones et al. (1978) e também Wiggins e Holzmuller(1978)
acharem que esse método transforma o BSRI numa medida exclusiva
de auto-estima, o indivíduo que obtém escores acima da mediana
em ambas as escalas. O que obtém escores abaixo da mediana em am-
bas as escalas é classificado como Indiferenciado. O Masculino é
o que apresenta escore acima da mediana na escala de Masculinidade, e
escore abaixo da mediana na escala de Feminilidade. E o Feminino

é o que apresenta escore acima da mediana na escala de Feminililidade, e escore abaixo da mediana na escala de Masculinidade. A Figura 3 esquematiza, num modelo não-bipolar em relação à adoção das características, os grupos classificados pela divisão da mediana.

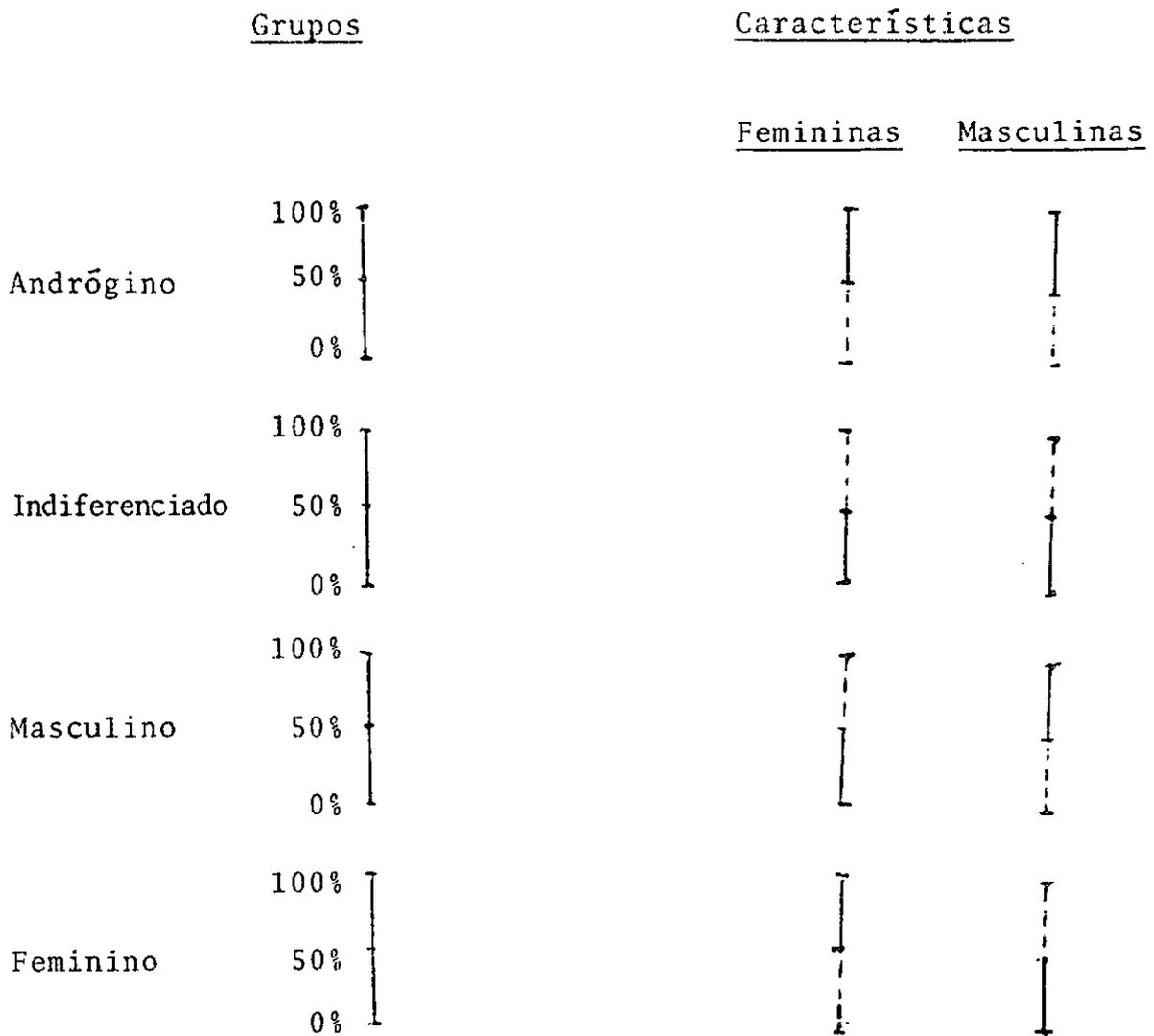


Figura 2 - Não-bipolaridade quanto à adoção das características, e grupos classificados pela divisão da mediana.

E a Escala Neutra, com ítems que são neutros em relação ao sexo, indica a extensão pela qual o indivíduo descreve-se numa direção socialmente desejável. Seu escore é feito através da inversão das ancoragens aos ítems negativos ou indesejáveis, e calculandó-se, então a média dos valores das ancoragens de todos os 20 ítems reunidos. O escore pode variar de 1 a 7, o 1 indicando uma forte tendência a descrever-se numa direção não desejável socialmente, e o 7 indicando uma forte tendência a descrever-se numa direção desejável socialmente. Sua importância atual é a de prover um contexto neutro às escalas de Masculinidade e Feminilidade.

3.3. Análises Psicométricas

3.3.1. Sujeitos

O inventário foi aplicado em 444 homens e 279 mulheres, estudantes do curso introdutório de Psicologia da Universidade de Stanford, e em 117 homens e 77 mulheres do Foothill Junior College.

3.3.2. Consistência Interna

O coeficiente alfa (Nunnally, 1967) foi computado separadamente para os escores das escalas de Masculinidade, Feminilidade e Neutra.

Os resultados apresentados por Bem (1974) mostram que as escalas são altamente fidedígnas. Na amostra de Stanford: Mas

culinidade $\alpha = .86$, Feminilidade $\alpha = .80$, Neutra $\alpha = .75$; e na amostra de Foothill, Masculinidade $\alpha = .86$, Feminilidade $\alpha = .82$, Neutra $\alpha = .70$.

A fidedignidade da proporção t de Androginia não podem ser calculada diretamente, computou-se o coeficiente alfa através da correlação dos diferentes escores de Androginia (Feminilidade-Masculinidade), usando-se a fórmula recomendada por Nunnally (1967) para combinações lineares. Os resultados foram: Stanford = .85, e Foothill = .86.

3.3.3. Relação entre as escalas de Masculinidade e Feminilidade

Os escores de Masculinidade e Feminilidade mostraram-se empiricamente, tão quanto logicamente, independentes (a estrutura do teste não os confina, e são livres para variar independentemente). Os resultados foram: em Stanford, homens $r = .11$ e mulheres $r = -.02$; e em Foothill, homens $r = .14$ e mulheres $r = -.07$.

3.3.4. Relação entre Masculinidade, Feminilidade e Androginia com a adoção dos ítems neutros

O indivíduo é classificado como Masculino ou Feminino na extensão pela qual ele responde apropriadamente aos ítems desejáveis ao seu sexo. Todavia, como todos os ítems são desejáveis socialmente, Bem (1974) considerou importante verificar se o escore de Androginia não estava simplesmente refletindo um conjunto de respostas em direção a essa desejabilidade.

Correlações momento-produto foram computadas entre os escores obtidos na adoção dos itens neutros e os de Masculinidade, Feminilidade e Androginia. Como esperado por Bem (1974), Masculinidade e Feminilidade foram correlacionados com a adoção dos itens neutros, e em contraste, a baixa correlação entre Androginia e a adoção dos itens neutros confirmou que o escore de Androginia não estava medindo uma tendência geral a responder numa direção desejável socialmente, e sim uma tendência específica para descrever-se de acordo com os padrões masculinos e femininos de comportamentos desejáveis para homens e mulheres.

3.3.5. Fidedignidade: Método do Teste-Reteste

O BSRI foi aplicado novamente a 28 homens e 28 mulheres da amostra de Stanford. Esta segunda aplicação foi aproximadamente 4 semanas após a primeira. Correlações momento-produto foram computadas entre a primeira e a segunda aplicações para os escores de Masculinidade, Feminilidade e Androginia e os da Escala Neutra. Os resultados indicaram alta fidedignidade após um intervalo de 4 semanas (Masculinidade, $r = .90$, Feminilidade, $r = .90$; Androginia, $r = .93$; e Escala Neutra, $r = .89$).

3.3.6. Correlação com outras medidas

Durante a segunda aplicação do BSRI, os alunos foram também solicitados a responder as escalas de Feminilidade e Masculinidade do California Psychology Inventory e as do Guilford-Zimmerman Temperament Survey. Este, não foi correlacionado com o BSRI, enquanto que o primeiro foi moderadamente correlacionado. Para Bem (1974) não ficou claro porque o BSRI correlacionou mais com o CPI, mas diz que a falta de uma alta correlação indica que seu inventário estaria medindo um aspecto do papel sexual que

não está diretamente ligado às outras duas escalas.

3.3.7. Normas

Os indivíduos eram, inicialmente, classificados Masculinos ou Femininos se a proporção t de Androginia alcançasse significância estatística ($|t| \geq 2.025$, $df = 38$, $p < .05$); e eram classificados como Andrôginos se o valor absoluto da proporção t fosse menor que ou igual a 1. Ou seja, Feminino = ($t \geq 2.025$); Masculino = ($t \leq -2.025$); em direção ao escore feminino = ($1 < t < 2.025$); em direção ao escore masculino = ($-2.025 < t < -1$); e o Andrôgino = ($-1 \leq t \leq +1$).

Recentemente, Bem (1977), Bem e Lenney (1976), Bem, Martyna e Watson (1976), revendo essas classificações resolveram aceitar o sistema advogado por Heilbrun (1976), Kelly, Caudill, Hathorn e O'Brien (1977), Kelly e Worel (1976, 1977), Spence et al. (1975), Strahan (1975), o da divisão de grupos pela mediana, por considerarem que o indivíduo com baixa adoção das características masculinas e femininas, apresenta baixa auto-estima e algumas inibições comportamentais. Bem (1977), aplicando o BSRI a 375 homens e 290 mulheres, todos estudantes do curso de psicologia da Universidade de Stanford, e usando a classificação pela divisão da mediana, encontrou a mediana de 4.89 para os escores de Masculinidade, e a mediana de 4.76 para os escores de Feminilidade.

Nesse sistema, como já foi citado, é classificado Andrôgino somente o indivíduo com escores acima da mediana em ambas

as escalas (alta masculinidade/alta feminilidade); Indiferenciado, o indivíduo com escores abaixo da mediana em ambas as escalas (baixa masculinidade/baixa feminilidade); Masculino, o indivíduo com escore acima da mediana na escala de Masculinidade, e escore abaixo da mediana na escala de Feminilidade (alta masculinidade/baixa feminilidade); e Feminino, o indivíduo com escore acima da mediana na escala de Feminilidade, e escore abaixo da mediana na escala de Masculinidade (alta feminilidade/baixa masculinidade).

CAPÍTULO 4PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA ADAPTAÇÃO DO INVENTÁRIO À
CULTURA BRASILEIRA4.1. Seleção dos itens

Como uma preliminar listagem das escalas de Masculinidade e de Feminilidade, compilou-se algumas características de personalidade que pareceram positivas em valor, e masculinas ou femininas em qualidade. Adicionalmente, para a Escala Neutra, compilou-se outras características de personalidade que pareceram positivas ou negativas em valor, e nem masculinas ou femininas em qualidade. Ao todo, foram reunidas 507 características.

Após esse procedimento, foram utilizados 180 alunos universitários de vários cursos, 90 do sexo masculino e 90 do sexo feminino, na faixa de idade entre 18 e 30 anos, para o julgamento dessas características, listadas em questionários (Anexos 1 e 2). A cada um dos juízes foi solicitado que, usando uma escala de 7 pontos, onde a ancoragem 1 significava a característica ser "extremamente indesejável", e a 7 o seu extremo oposto, informasse a desejabilidade ou não, para cada sexo na sociedade brasileira, de cada uma das 507 características de personalidade. Assim, 45 alunos do sexo masculino e 45 do sexo feminino julgaram-nas para a mulher, e outros 45 alunos do sexo masculino e 45 do sexo feminino, julgaram-nas para o homem. Solicitou-se, também, alguns dados pessoais sobre os respondentes, a fim de classificá-los em diferentes grupos sócio-econômicos - clas

se alta (A), classe média alta (B), e classe média baixa (C) -, controlando experimentalmente estas variáveis. O critério utilizado para estas classificações foi o divulgado pela ABIPEME-2 (Anexo 3), cuja definição de classe sócio-econômica é baseada na aptidão para o consumo, implicando o indivíduo ter, além do poder aquisitivo, condições culturais e de estilo de vida que o predisponham ao consumo. A distribuição dos juizes pode ser vista na Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição dos juizes conforme sexo, classe sócio-econômica e julgamento

Classe sócio-econômica	Homens			Mulheres		
	A	B	C	A	B	C
Julgando para homem	15	15	15	15	15	15
Julgando para mulher	15	15	15	15	15	15

Utilizando o teste t de Student para grupos emparelhados, foram qualificadas 20 características para a escala de Masculinidade, por terem sido julgadas por homens e mulheres como sendo significativamente mais desejáveis para os homens do que para as mulheres ($p < 0.001$; todos os níveis de significância foram baseados no teste bilateral dos valores críticos da tabela t de Student). Similarmente, foram qualificadas 20 características para a escala de Feminilidade, por terem sido julgadas por homens e mulheres como sendo significativamente mais desejáveis para as mulheres do que para os homens ($p < 0.001$). E 20 caracte

terísticas de personalidade, 10 negativas e 10 positivas, foram qualificadas como neutras em relação aos sexos, elegíveis para a Escala Neutra, por terem sido, respectivamente, julgadas por homens e mulheres como sendo significativamente não desejáveis para ambos os sexos ($t < 1.302$, $p > 0.20$), e significativamente desejáveis para ambos os sexos ($t < 1.302$, $p > 0.20$).

Os itens selecionados para as 3 escalas adaptadas à nossa cultura são apresentados, a seguir, na Tabela 3. Os respectivos dados estatísticos podem ser vistos no Anexo 4.

Tabela 3 - Itens das escalas de Masculinidade, Feminilidade e Neutra, adaptadas à cultura brasileira

Itens Masculinos	Itens Femininos	Itens Neutros
49. Argumentador	44. Caridoso	(positivos)
16. Arrojado	56. Condescendente	57. Animado
58. Assertivo	8. Cuidadoso	27. Autocontrolado
22. Atlético	35. Delicado	51. Autodisciplinado
55. Autoconfiante	23. Dependente	45. Coerente
19. Autosuficiente	29. Dócil	39. Espontâneo
10. Combativo	20. Emotivo	21. Otimista
34. Competidor	5. Feminino	3. Ponderado
4. Desembaraçado	50. Fiel	33. Prático
13. Estudioso	26. Frágil	15. Responsável
52. Experiente	38. Ingênuo	9. Sociável
7. Influyente	47. Meigo	(negativos)
43. Liberal	32. Obediente	36. Acomodado
25. Líder	59. Passivo	30. Apático
28. Livre	11. Prendado	54. Desastrado
37. Masculino	2. Romântico	6. Dramático
31. Namorador	53. Sensível	48. Exibicionista
40. Poderoso	14. Submisso	24. Fofoqueiro
46. Popular	41. Tolerante	18. Inconstante
1. Valente	17. Vaidoso	12. Invejoso
		42. Queixoso
		60. Tagarela

Nota: O número que precede cada item corresponde à sua posição, escolhida aleatoriamente, no questionário (Anexo 5).

Em seguida, utilizando as médias dos escores dos 180 juízes para cada item das 3 escalas, e aplicando o teste t de Student para grupos emparelhados, encontrou-se, como uma consequência do critério utilizado, dados significativos que indicaram, serem homens e mulheres aproximadamente iguais em suas percepções quanto à desejabilidade das características apropriadas aos seus sexos, a das não-apropriadas, e das diferenças entre elas (Tabelas 4 e 5). Nos itens neutros não foi encontrada diferença para ambos os sexos (Tabela 6).

Tabela 4 - Médias e t de Student da desejabilidade dos itens masculinos e femininos, no julgamento por homens

Itens	Homens julgando		Diferença	t
	Itens Masculinos	Itens Femininos		
Para homem	5.38	4.04	1.34	5.83*
Para mulher	3.53	5.81	2.28	9.91*
Diferença	1.85	1.77		
t	9.74*	9.32*		

* $p < 0.001$

Tabela 5 - Médias e t de Student da desejabilidade dos itens masculinos e femininos, no julgamento por mulheres

Itens	Mulheres julgando		Diferença	t
	Itens Masculinos	Itens Femininos		
Para homem	5.56	4.19	1.37	5.27*
Para mulher	3.77	5.99	2.22	9.65*
Diferença	1.79	1.80		
t	8.52*	8.57*		

*p<0.001

Tabela 6 - Médias e t de Student da desejabilidade dos itens neutros, no julgamento por homens e mulheres

Itens	Homens julgando	Mulheres julgando	Diferença	t
	Itens neutros			
Para homem	4.12	4.09	0.03	0.11*
Para mulher	4.04	4.17	0.13	0.43*
Diferença	0,08	0.08		
t	2.00**	1.60**		

* p>0,20

** p>0.05 e p>0.10, respectivamente

4.2. Escores

O questionário (Anexo 5) das características selecionadas para as escalas de Masculinidade, Feminilidade e Neutra, solicita ao indivíduo indicar numa escala de 7 pontos, onde a ancoragem 1 significa a característica ser "nunca verdadeira", e a ancoragem 7 significa a característica ser "sempre verdadeira", o quanto o descreve cada uma das 60 características de personalidade (20 masculinas, 20 femininas e 20 neutras).

Com base em suas respostas, o indivíduo recebe 3 escores: um escore de Masculinidade, um de Feminilidade e um referente à adoção dos itens neutros.

O escore de Masculinidade é obtido através da média dos pontos nos itens masculinos, indicando a extensão pela qual o indivíduo endossa as características masculinas de personalidade. O escore de Feminilidade é obtido através da média dos pontos nos itens femininos, indicando a extensão pela qual o indivíduo endossa as características femininas de personalidade. E o escore na Escala Neutra é obtido através da inversão dos pontos nos itens negativos ou indesejáveis, e calculando-se, então, a média dos pontos nos 20 itens reunidos, podendo variar de 1 a 7, o 1 indicando uma forte tendência a descrever-se numa direção indesejável socialmente, e o 7 indicando uma forte tendência a descrever-se numa direção desejável socialmente. A Escala Neutra tem a importância de prover um contexto neutro às escalas de Masculinidade e Feminilidade.

4.3. Análises psicométricas

4.3.1. Sujeitos

O questionário foi aplicado em 700 alunos universitários de vários cursos, sendo 366 homens e 334 mulheres, na faixa de 18 a 30 anos de idade.

4.3.2. Classificação dos grupos

De modo a alocar os 700 alunos aos grupos de classificação, fundamentado pela própria atualização dos trabalhos de Bem (1977), utilizou-se como ponto de corte a mediana, tanto na dimensão de Masculinidade quanto na de Feminilidade, obtendo-se, respectivamente, os escores de 4.49 e 4.40 pontos.

Essa dupla classificação permitiu configurar os 4 grupos abaixo discriminados:

- a) Masculino - escore cima da mediana 4.49 na escala de Masculinidade, e escore abaixo da mediana 4.40 na escala de Feminilidade (alta masculinidade/baixa feminilidade);
- b) Feminino - escore abaixo da mediana 4.49 na escala de Masculinidade, e escore acima da mediana 4.40 na escala de Feminilidade (baixa masculinidade / alta feminilidade);

- c) Andrógino - escore acima da mediana 4.49 na escala de Masculinidade, e escore acima da mediana 4.40 na escala de Feminilidade (alta masculinidade/alta feminilidade);
- d) Indiferenciado - escore abaixo da mediana 4.49 na escala de Masculinidade, e escore abaixo da mediana 4.40 na escala de Feminilidade (baixa masculinidade/baixa feminilidade).

A distribuição dos indivíduos nas 4 classificações pode ser vista na Tabela 7. Na Tabela 8 são apresentadas as médias dos escores nas escalas de Masculinidade, Feminilidade e Neutra em cada grupo de classificação.

Tabela 7 - Distribuição de homens e mulheres nas 4 classificações pela divisão da mediana

Classificação	Homens	Mulheres	n	%
Masculino	159	29	188	27
Feminino	28	168	196	28
Andrógino	85	95	180	26
Indiferenciado	94	42	136	19

Tabela 8 - Médias dos escores nas escalas de Masculinidade, Feminilidade e Neutra, em cada grupo de classificação

Classificação	Masculinidade	Feminilidade	Neutra
Masculino	4.97	3.87	5.25
Feminino	3.90	4.96	4.91
Andrógino	5.03	4.88	5.29
Indiferenciado	4.00	3.90	4.83

Utilizando a técnica da análise da variância para planejamento totalmente aleatório, encontramos haver diferenças significativas entre as médias dos grupos para as escalas de Masculinidade, $F(3.696) = 362.39$, $p < 0.001$; Feminilidade, $F(3.696) = 447,64$, $p < 0.001$; e Neutra, $F(3.696) = 32.19$, $p < 0.001$. Como pode-se observar na Tabela 8, os grupos Masculino e Andrógino apresentam média mais alta nos escores de Masculinidade do que os grupos Feminino e Indiferenciado; os grupos Feminino e Andrógino apresentam média mais alta nos escores de Feminilidade do que os grupos Masculino e Indiferenciado; e os grupos Feminino e Indiferenciado apresentam média mais baixa nos escores da Escala Neutra do que os grupos Masculino e Andrógino.

4.3.3. Consistência interna

O conceito de consistência interna aqui utilizado, vinha-se à noção de que todos os segmentos do instrumento em ques

tão referem-se ao mesmo domínio da variável.

Tratando-se de 3 escalas (Masculinidade, Feminilidade e Neutra) e um resultado total, globalizador, estudou-se a consistência interna destes 3 domínios, isoladamente, e ainda do resultado total, expressão da adoção dessas características.

Para tal, utilizou-se o alfa de Cronbach (Nunnally, 1967), adequado ao modelo da escala de 7 pontos. Os coeficientes encontrados para cada escala são: Masculinidade, $\alpha = 0.82$; Feminilidade, $\alpha = 0.83$; Neutra, $\alpha = 0.77$; Total, $\alpha = 0.82$.

Como pode-se observar, os valores obtidos expressam, com razoável segurança, a homogeneidade de cada uma das escalas; para esse tipo de instrumento, a literatura especializada considera-os bastante satisfatórios.

4.3.3. Relação entre as escalas de Masculinidade e Feminilidade

Na construção do instrumento foi postulada, inicialmente, a existência de características próprias dos papéis sexuais na nossa cultura, e que essas características seriam específicas de um ou de outro sexo, o que as tornariam independentes entre si.

Testou-se, portanto, essa suposição de independência entre as dimensões, utilizando-se a técnica da correlação momen-

to - produto, de Pearson, tanto para o grupo como um todo, como para cada um dos grupos de classificação, obtendo-se os seguintes coeficientes: Masculino, $r = 0.03$; Feminino, $r = -0.08$; Andrôgino, $r = -0.10$; Indiferenciado, $r = -0.09$; e grupo total, $r = -0.13$.

Os resultados indicam relativa independência entre as dimensões, o que se torna mais nítido nos grupos Masculino e Feminino. Todavia, no grupo total evidencia-se uma tendência à maior contaminação entre as dimensões, embora não chegue a comprometer a postulação inicial.

4.3.5. Relação entre os grupos de classificação e a adoção dos itens neutros.

O cálculo da mediana também foi feito para os escores da Escala Neutra, e o valor encontrado foi de 5.06. Este resultado serviu como ponto de corte para classificar o grupo em menor ou maior adoção dos itens neutros, o que permitiu melhor verificar esta relação com os 4 grupos de classificação, conforme apresentada nas Tabelas 9, 10 e 11.

Tabela 9 - Distribuição de homens em menor ou maior adoção dos itens neutros com relação aos grupos de classificação

Classificação	Adoção dos itens neutros				n
	Menor	%	Maior	%	
Masculino	54	34	105	66	159
Feminino	21	75	7	25	28
Andrógino	27	32	58	68	85
Indiferenciado	66	70	28	30	94

Tabela 10 - Distribuição de mulheres em menor ou maior adoção dos itens neutros com relação aos grupos de classificação

Classificação	Adoção dos itens neutros				n
	Menor	%	Maior	%	
Masculino	17	59	12	41	29
Feminino	103	61	65	39	168
Andrógino	28	29	67	71	95
Indiferenciado	27	64	15	36	42

Tabela 11 - Distribuição de ambos os sexos em menor ou maior adoção dos itens neutros com relação aos grupos de classificação

Classificação	Adoção dos itens neutros				n
	Menor	%	Maior	%	
Masculino	71	38	117	62	188
Feminino	124	63	72	37	196
Andrógino	55	31	125	69	180
Indiferenciado	93	68	43	32	136

Os resultados permitem constatações bastante interessantes em relação à adoção, em nossa cultura, das características neutras.

Na amostra de homens, os grupos Masculino e Andrógino apresentam maior adoção dos itens neutros, enquanto que os grupos Feminino e Indiferenciado apresentam menor adoção dos itens neutros.

Na amostra de mulheres, o grupo Andrógino apresenta maior adoção dos itens neutros, enquanto que os grupos Masculino, Feminino e Indiferenciado apresentam menor adoção dos itens neutros.

Isso faz supor, comparando as duas amostras, que a ado

ção das características neutras seja uma condição mais nitidamente masculina para os grupos Masculino e Andrógino na amostra de homens, e menos valorizada na amostra de mulheres, sobretudo no grupo Indiferenciado. As Tabelas 8 e 11 confirmam essas suposições.

4.3.6. Fidedignidade: método do teste-reteste

As escalas foram aplicadas novamente, após 4 semanas de intervalo, a 95 alunos (37 do sexo masculino e 58 do sexo feminino). Correlações momento-produto, de Pearson, foram computadas entre a primeira e a segunda aplicações para os escores das escalas de Masculinidade, Feminilidade e Neutra. Os resultados indicam que as escalas parecem pouco sensíveis a flutuações ocasionais, denotando, portanto, acentuada estabilidade : Masculinidade, $r = 0.83$; Feminilidade, $r = 0.82$; e Neutra, $r = 0.89$.

Complementarmente, decidiu-se estudar a estabilidade do processo classificatório. As tabelas a seguir revelam:

a) para o sexo masculino,

Tabela 12 - Distribuição classificatória no teste-reteste

2. ^a aplicação 1. ^a aplicação	I	A	F	M
M	2			15
F		1	1	
A		6	1	2
I	7	1		1

(M = Masculino; F = Feminino; A = Andrógino;
I = Indiferenciado).

Dos 37 indivíduos do sexo masculino, 78% manteve cons
tante sua posição nos grupos de classificação.

b) para o sexo feminino,

Tabela 13 - Distribuição classificatória no teste reteste

2. ^a aplicação 1. ^a aplicação	I	A	F	M
M	1	2		3
F	1		24	
A		16		2
I	8		1	

(M=Masculino; F=Feminino; A=Andrógino; I=Indiferenciado)

Dos 58 indivíduos do sexo feminino, 88% manteve cons
tante sua posição nos grupos de classificação.

c) para o grupo total,

Tabela 14 - Distribuição classificatória no teste-reteste

2. ^a apli cação	I	A	F	M
1. ^a apli cação				
M	3	2		18
F	1	1	25	
A		22	1	4
I	15	1	1	1

(M = Masculino; F = Feminino; A = Andrôgino;
I = Indiferenciado).

Dos 95 indivíduos, 84% manteve constante sua posiçã
nos grupos de classificação.

Esse estudo complementar parece confirmar a estabilida
de do instrumento, ainda no que se refere ao sistema classifica-
tório que ele permite gerar.

CAPÍTULO 5CONCLUSÃO

Os resultados estatísticos obtidos, apresentados abaixo nas Tabelas 15 e 16, além dos coeficientes de correlação encontrados e que sustentam a postulação de independência entre as dimensões de Masculinidade e Feminilidade,

Grupo Total	$r = -0.13$
Masculino	$r = 0.03$
Feminino	$r = -0.08$
Andrógino	$r = -0.10$
Indiferenciado	$r = -0.09,$

recomendam o uso do inventário como instrumento de mensuração não-bipolar em relação à adoção de características positivas de personalidade, diferencialmente atribuídas aos homens e mulheres, como também sugerem a necessidade de novos estudos de normalização em outras subpopulações e, principalmente, o da validação do instrumento em relação aos diferentes comportamentos esperados dos indivíduos classificados como Masculino, Feminino, Andrógino e Indiferenciado, podendo-se, então, melhor conhecer a adequação dos novos conceitos em nosso meio.

Tabela 15 - Resultados norte-americanos e brasileiros no cálculo da consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas.

Escalas Amostras	Masculinidade	Feminilidade	Neutra
Stanford	$\alpha = 0.86$	$\alpha = 0.80$	$\alpha = 0.75$
Foothill	$\alpha = 0.86$	$\alpha = 0.82$	$\alpha = 0.70$
Rio de Janeiro	$\alpha = 0.82$	$\alpha = 0.83$	$\alpha = 0.77$

Tabela 16 - Resultados norte-americanos e brasileiros no método do teste-reteste (correlação momento-produto) num intervalo de 4 semanas.

Escalas Amostras	Masculinidade	Feminilidade	Neutra
Stanford	$r = 0.90$	$r = 0.90$	$r = 0.89$
Rio de Janeiro	$r = 0.83$	$r = 0.82$	$r = 0.89$

Alguns dados encontrados na adaptação do instrumento à nossa cultura mostraram-se bastante interessantes. Dos 700 universitários aos quais o questionário foi aplicado, 26% caracterizam-se como Andróginos, isto é, indivíduos que adotam para si tanto características culturalmente tidas como masculinas quanto características tidas como femininas, e 19% caracterizam-se como Indiferenciados, isto é, indivíduos que não adotam para si nem características culturalmente tidas como masculinas nem características tidas como femininas. Isto perfaz um total de 45% da amostra. Numa sociedade tida como machista, com uma rígida diferenciação de papéis masculinos e femininos, recompensados como um modelo de normalidade e saúde psicológica, é de se espantar que 45% dos indivíduos pesquisados não tenham assimilado esses papéis sexuais inflexíveis. Talvez isto se deva ao fato de que todos os indivíduos da amostra, apesar de oriundos de várias classes sócio-econômicas, tenham sido universitários, participantes de uma "cultura" mais liberal. Seria interessante observar se essa percentagem se manteria em populações não universitárias.

Além disso, 69% dos Andróginos brasileiros apresentaram uma tendência geral a responder o instrumento numa direção socialmente desejável, ou seja, adotando para si tanto as características masculinas e femininas quanto as neutras, sugerindo, portanto, um tipo muito mais amplo em desempenhos. Este resultado não caracteriza uma especificidade de autodescrição limitada aos padrões masculinos e femininos de comportamentos encontrada nos Andróginos norte-americanos. Talvez a diferença entre Andróginos brasileiros e norte-americanos se deva ao fato da autora ter incluído na sua classificação inicial de Androginia os indivíduos

atualmente classificados como Indiferenciados (baixa masculinidade/baixa feminilidade), os quais apresentam, em nossa amostra, uma menor adoção dos ítems neutros (32%).

Apenas cerca de 1/3 dos ítems da escala adaptada assemelhou-se aos ítems da escala norte-americana, tendo havido uma maior incidência de ítems masculinos similares. Parece haver uma maior concordância entre brasileiros e norte-americanos sobre as características desejáveis para homens do que para mulheres. Tanto o homem brasileiro quanto o norte-americano deve, de acordo com a cultura, ser assertivo, auto-suficiente, atlético, competitivo, autoconfiante. No que diz respeito à mulher, a tônica dos ítems tanto da escala norte-americana quanto da brasileira, recai sobre as características expressivas, sendo que, na nossa cultura aparecem claramente, na concepção de feminilidade, características de submissão, dependência, passividade, obediência e fragilidade.

Parece oportuno tecer algumas considerações de caráter geral a partir dos achados da investigação, embora as diferenças encontradas não possam ser consideradas como acentuadas:

a) Nas Tabelas 4 e 5, pode-se observar que tanto homens quanto mulheres consideram mais desejável que a mulher adote as características tidas como femininas (médias 5.81 e 5.99 respectivamente), do que o homem adote as características tidas como masculinas (médias 5.38 e 5.56 respectivamente). Ademais, ambos vêem como indiferente o homem adotar características femininas (média 4.19 no julgamento feito por mulheres e 4.04 naque

le feito por homens), mas consideram relativamente indesejável que mulheres adotem características masculinas (média 3.77 no julgamento feito por mulheres e 3.53 naquele feito por homens). Parece haver uma maior flexibilidade de papéis sexuais em relação ao homem - além de ser instrumental, a cultura não se opõe a que ele seja também expressivo. Tal flexibilidade não existe em relação à mulher - tanto homens quanto mulheres de nossa cultura acham bastante desejável que a mulher seja feminina, isto é, expressiva, submissa, frágil, obediente, etc., e condenam-lhe a adoção de características mais instrumentais. Desta maneira, ao homem é permitido penetrar no "domínio das mulheres", mas o "mundo dos homens" é vetado às mulheres. As características desejáveis para as mulheres parecem ser apenas aquelas que as mantêm dependentes do homem.

b) Na Tabela 6 pode-se observar que tanto os homens quanto as mulheres vêem como indiferente homens e mulheres adotarem características tidas como neutras, ou seja, as médias da desejabilidade dos itens neutros julgados por mulheres para as mulheres (4.17) e por homens para os homens (4.12), são muito próximas às médias da desejabilidade desses itens quando julgados por mulheres para os homens (4.09) e por homens para as mulheres (4.04). Todavia, quando avaliamos a extensão pela qual homens e mulheres adotaram para si tais características, os dados se modificaram. No grupo de mulheres classificadas Femininas, 61% não adotaram para si os itens neutros, ao contrário dos grupos de homens Masculinos e homens e mulheres Andróginos (66% e 69%, respectivamente, adotaram tais itens), o que faz supor uma certa concordância daquelas na limitação exclusiva dos papéis tipifica

dos femininos, o que corrobora as suposições feitas anteriormente.

Certamente, essa especificação de exclusividade às características culturalmente tidas como femininas, vem refletir uma das inúmeras e complexas razões pelas quais é pequena a participação da mulher nas atividades gerais de nossa sociedade, em especial nas profissionais, preocupando os que almejam a extensão da igualdade de oportunidade de auto-realização a todos, independentemente do sexo. Na nossa sociedade, onde os estudos até agora realizados não utilizaram na análise do comportamento e de suas consequências sociais um conceito de papel sexual mais flexível, por ser esta flexibilidade considerada, a priori, um parâmetro de desajustamento e doença mental, os homens ocupam quase a totalidade das posições de prestígio e de maior remuneração ou seja, as posições que exigem a adoção das características instrumentais. As mulheres, além de constituírem a minoria, tendem a ocupar posições de menor destaque e importância, possivelmente vítimas das grandes discriminações psico-sociais que pesam historicamente sobre a sua condição - marginalizadas no trabalho, na família e na sociedade em geral. Na família brasileira, na medida em que a nossa sociedade apregoa às mulheres características de dependência, submissão, obediência, passividade, fragilidade, também predominam as relações baseadas na hierarquia e autoritarismo patriarcal do chefe, ao qual elas estão subordinadas.

Alertados pela necessidade de ampliação da dinâmica e potencialidades humanas, e isto parece incluir uma orientação expressiva e instrumental para ambos os sexos, são poucos os que

combatem a atual forma de influência sutil e profunda dos grupos de referência (família, escola, religião, e outros), numa tentativa de tornar, também, as relações humanas menos enganosas e, em certo sentido, mais justas.

Dentro dessa perspectiva, não resta a menor dúvida que se objetiva uma vida interior e coletiva mais racional, preparada para uma sociedade emergente, onde não existam barreiras de desempenhos e onde os autoconceitos reflitam uma imagem verdadeira de cada potencial a ser utilizado: a mulher deixando de ser o acessório masculino, e o homem deixando de ser o escravo de seu duplo ao construir uma imagem em que ele mesmo está sempre em perigo.

Todavia, esses aspectos são passíveis de discussão. A desejabilidade de opções entre desempenhos de papéis mais flexíveis para ambos os sexos, poderá ser questionada por milhares que se declaram satisfeitos com o papel que a sociedade lhes reserva, ignorando os amplos benefícios de uma integração responsável e humana.

Este trabalho demonstra a possibilidade de obter-se quantitativamente os diferentes grupos de classificação em nossa cultura, em função de uma suposta consequência da diferença nas estruturas cognitivas individuais quanto à importância funcional agregada a uma distinção entre homens e mulheres, fortemente motivada pela sociedade. Espera-se que venha facilitar futuras pesquisas sobre o conceito psicológico de Androginia, como também na sua utilização em relação a outros constructos psicológicos,

para melhor esclarecer-nos em benefício humano, particularmente no processo de socialização, satisfazendo adequadamente as nos sas necessidades individuais e de competência com as próprias exi gências atuais do mundo moderno.

Essa relação leva-nos a visualizar no sentido totalizante do eu e nas realizações genuínas, os requisitos para um me- lhor desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, integrados na própria criação. Conseqüentemente, desvaloriza o modelo restrito da bipolaridade, em que os sexos devem atuar discriminada mente, dotados de uma auto-imagem bem delimitada de masculinidade ou de feminilidade, o qual ignora ou dá pouca atenção aos nossos processos emocionais, ao nosso foro interno e à noção real de quem somos nós.

ANEXO 1

Estamos fazendo uma pesquisa para tentar estabelecer as características que a nossa sociedade considera mais desejáveis para o homem, e gostaríamos muito da sua colaboração. Essa pesquisa faz parte de uma tese de Mestrado, e estamos solicitando a opinião de várias pessoas para poder ter uma idéia do que a sociedade, como um todo, pensa a respeito do assunto. Não há respostas certas ou erradas. É importante para nós que você dê a sua opinião.

Inicialmente, precisamos de alguns dados sobre você. Por favor, responda.

Nome : _____ Idade _____ anos

Universidade: _____ Curso _____ Turma _____ Turno _____

Você tem televisão em sua casa? Quantos aparelhos? _____ E rádio? Quantos? _____ Quantos banheiros existem (incluindo o da empregada)? _____ Automóvel? Quantos? _____ Tem empregada doméstica? Quantas? _____ Tem aspirador de pó? Quantos aparelhos? _____ Tem máquina de lavar roupas? Quantas? _____ Qual a instrução (curso primário, ginásial, colegial, superior, e se completo ou não) do chefe da família? _____

Agora, você lerá uma série de características e responderá, na linha ao lado de cada uma, o quanto que você acha que a sociedade brasileira considera desejável que um homem tenha es-

sas características.

Por exemplo, SINCERO. Você acha que os brasileiros acham extremamente indesejável que um homem tenha esta característica? Bastante indesejável? Ligeiramente indesejável? Que é indiferente? Ligeiramente desejável? Bastante desejável? Extremamente desejável?

1	2	3	4	5	6	7
Extrema- mente in desejável	Bastan- te inde sejável	Ligeira- mente in desejável	Indife rente	Ligeira- mente de sejável	Bastan desejã vel	Extrema mente de sejável

ou seja,

ancoragem 1 = extremamente indesejável

ancoragem 2 = bastante indesejável

ancoragem 3 = ligeiramente indesejável

ancoragem 4 = indiferente

ancoragem 5 = ligeiramente desejável

ancoragem 6 = bastante desejável

ancoragem 7 = extremamente desejável

Observe que as ancoragens do contínuo vão desde a ancoragem 1 que significa a característica ser extremamente indesejável, até a ancoragem 7 que significa a característica ser extremamente desejável. Se você acha que a sociedade brasileira considera extremamente indesejável que um homem seja SINCERO, escreva o nº 1 (ancoragem 1) na linha ao lado da característica apresentada na lista a seguir. Se você acha que a sociedade conside

ra bastante indesejável que um homem seja SINCERO, escreva o nº 2, e assim, utilizando as 7 opções, escreva o número da que cor responde a sua opinião, para todas as outras características. Não deixe nenhuma sem a sua resposta, e não se esqueça de que o trabalho é individual.

Gratos pela sua colaboração.

CARACTERÍSTICAS

- | | |
|---------------------|-----------------------|
| 1. Sincero ___ | 17. Integrador ___ |
| 2. Queixoso ___ | 18. Resistente ___ |
| 3. Irônico ___ | 19. Consciencioso ___ |
| 4. Responsável ___ | 20. Pacífico ___ |
| 5. Manhoso ___ | 21. Liberal ___ |
| 6. Masculino ___ | 22. Decente ___ |
| 7. Fingido ___ | 23. Desajeitado ___ |
| 8. Engenhoso ___ | 24. Modificador ___ |
| 9. Quadrado ___ | 25. Infantil ___ |
| 10. Coerente ___ | 26. Grato ___ |
| 11. Reconhecido ___ | 27. Caloroso ___ |
| 12. Feliz ___ | 28. Inconstante ___ |
| 13. Obstinado ___ | 29. Forte ___ |
| 14. Imparcial ___ | 30. Grosseiro ___ |
| 15. Genuíno ___ | 31. Participante ___ |
| 16. Paciente ___ | 32. Líder ___ |

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| 33. Simpático___ | 53. Penetrante___ |
| 34. Moleque___ | 54. Ocioso___ |
| 35. Simples___ | 55. Inofensivo___ |
| 36. Impressionável___ | 56. Exaltado___ |
| 37. Indolente___ | 57. Perigoso___ |
| 38. Efusivo___ | 58. Invejoso___ |
| 39. Imaturo___ | 59. Entusiasta___ |
| 40. Imprevisível___ | 60. Monótono___ |
| 41. Estudioso___ | 61. Humano___ |
| 42. Contestador___ | 62. Permissivo___ |
| 43. Intransigente___ | 63. Impulsivo___ |
| 44. Passivo___ | 64. Afetado___ |
| 45. Soberbo___ | 65. Sociável___ |
| 46. Pedante___ | 66. Energico___ |
| 47. Insinuante___ | 67. Perseverante___ |
| 48. Controlado___ | 68. Discreto___ |
| 49. Perfeccionista___ | 69. Ilustre___ |
| 50. Intrigante___ | 70. Gracejador___ |
| 51. Ponderado___ | 71. Eloquente___ |
| 52. Libertino___ | 72. Misericordioso___ |

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|----------------------|------------------------|
| 73. Despeitado___ | 93. Persuasor ___ |
| 74. Apaziguador___ | 94. Servil___ |
| 75. Despreocupado___ | 95. Indiferente___ |
| 76. Livre___ | 96. Pesquisador___ |
| 77. Persistente___ | 97. Mistificador___ |
| 78. Atlético___ | 98. Calculista___ |
| 79. Folgado___ | 99. Inoportuno___ |
| 80. Audacioso___ | 100. Individualista___ |
| 81. Perspicaz___ | 101. Exibicionista___ |
| 82. Obsessivo___ | 102. Fútil___ |
| 83. Defensor___ | 103. Modesto___ |
| 84. Cômico___ | 104. Avaliador___ |
| 85. Seguro___ | 105. Hipócrita___ |
| 86. Ciumento___ | 106. Angustiado___ |
| 87. Persuadível___ | 107. Imaculado___ |
| 88. Misterioso___ | 108. Convencido___ |
| 89. Experiente___ | 109. Sigiloso___ |
| 90. Sereno___ | 110. Consistente___ |
| 91. Desástrado___ | 111. Confiante___ |
| 92. Engraçado___ | 112. Impetuoso___ |

ancoragens - 1 = extremamente indesejável

2 = bastante indesejável

3 = ligeiramente indesejável

4 = indiferente

5 = ligeiramente desejável

6 = bastante desejável

7 = extremamente desejável

113. Distraído___

114. Excêntrico___

115. Severo___

116. Moderado___

117. Lógico___

118. Sêrio___

119. Obsoleto___

120. Insolente___

121. Aproveitador___

122. Emotivo___

123. Petulante___

124. Planejador___

125. Atencioso___

126. Veloz___

127. Belicoso___

128. Estável___

129. Comunicativo___

130. Eficiente___

131. Empolgado___

132. Extrovertido___

133. Compreensivo___

134. Impertinente___

135. Contraditório___

136. Exato___

137. Escrupuloso___

138. Veemente___

139. Organizado___

140. Versátil___

141. Defensivo___

142. Vigoroso___

143. Piedoso___

144. Zangado___

145. Esforçado___

146. Brincalhão___

147. Potente___

148. Animado___

149. Dócil___

150. Importante___

151. Fogoso___

152. Vingativo___

153. Indefinido___

154. Expansivo___

ancoragens - 1 = extremamente indesejável

2 = bastante indesejável

3 = ligeiramente indesejável

4 = indiferente

5 = ligeiramente desejável

6 = bastante desejável

7 = extremamente desejável

155. Impecável___

156. Violento___

157. Imperturbável___

158. Virtuoso___

159. Vivaz___

160. Frágil___

161. Educado___

162. Crédulo___

163. Empático___

164. Elegante___

165. Voluntarioso___

166. Volúvel___

167. Exótico___

168. Desportivo___

169. Politizado___

170. Vulgar___

171. Exagerado___

172. Arrogante___

173. Influenciável___

174. Culto___

175. Hesitante___

176. Gentil___

177. Correto___

178. Envolvente___

179. Orgulhoso___

180. Vulnerável___

181. Competidor___

182. Zeloso___

183. Digno___

184. Zombeteiro___

185. Dedicado___

186. Carinhoso___

187. Esportivo___

188. Positivo___

189. Convincente___

190. Ajuizado___

191. Equilibrado___

192. Valente___

193. Apático___

194. Namorador___

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|--------------------------|----------------------|
| 195. Tagarela___ | 215. Incentivador___ |
| 196. Fiel___ | 216. Flexível___ |
| 197. Espontâneo___ | 217. Bondoso___ |
| 198. Corajoso___ | 218. Humilhante___ |
| 199. Omissor___ | 219. Eficaz___ |
| 200. Audodeterminado___ | 220. Intuitivo___ |
| 201. Respeitador___ | 221. Negligente___ |
| 202. Formalista___ | 222. Condescendente |
| 203. Autodisciplinado___ | 223. Expressivo___ |
| 204. Fofoqueiro___ | 224. Providente___ |
| 205. Natural___ | 225. Sorridente___ |
| 206. Atualizado___ | 226. Cuidadoso___ |
| 207. Talentoso___ | 227. Empenhado___ |
| 208. Frívolo___ | 228. Conciliador___ |
| 209. Odioso___ | 229. Reservado___ |
| 210. Acomodado___ | 230. Resignado___ |
| 211. Fanfarrão___ | 231. Moralista___ |
| 212. Enigmático___ | 232. Sensato___ |
| 213. Exigente___ | 233. Oportunista___ |
| 214. Afetuoso___ | 234. Idealista___ |

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| 235. Teatral___ | 255. Informal___ |
| 236. Sábio___ | 256. Enfadonho___ |
| 237. Dogmático___ | 257. Astuto___ |
| 238. Prudente___ | 258. Cínico___ |
| 239. Sistemático___ | 259. Intempestivo___ |
| 240. Egoísta___ | 260. Alegre___ |
| 241. Solícito___ | 261. Disciplinado___ |
| 242. Pudico___ | 262. Aventureiro___ |
| 243. Invencível___ | 263. Covarde___ |
| 244. Fratêrno___ | 264. Provocante___ |
| 245. Submisso___ | 265. Desvirtuado___ |
| 246. Autoritário___ | 266. Polido___ |
| 247. Impostor___ | 267. Rabujento___ |
| 248. Singelo___ | 268. Inovador___ |
| 249. Intrépido___ | 269. Original___ |
| 250. Cauteloso___ | 270. Racional___ |
| 251. Útil___ | 271. Contemplativo___ |
| 252. Risonho___ | 272. Raivoso___ |
| 253. Aperfeiçoador___ | 273. Pomposo___ |
| 254. Vaidoso___ | 274. Franco___ |

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|-----------------------|----------------------|
| 275. Inteligente___ | 295. Selvagem___ |
| 276. Coordenado___ | 296. Firme___ |
| 277. Determinado___ | 297. Crítico___ |
| 278. Extravagante___ | 298. Amoroso___ |
| 279. Explorador___ | 299. Ansioso___ |
| 280. Ranzinza___ | 300. Galanteador___ |
| 281. Áspero___ | 301. Sutil___ |
| 282. Ostentador___ | 302. Erudito___ |
| 283. Instruído___ | 303. Dinâmico___ |
| 284. Poderoso___ | 304. Colaborador___ |
| 285. Amável___ | 305. Generoso___ |
| 286. Inconsiderado___ | 306. Frio___ |
| 287. Agressivo___ | 307. Compenetrado___ |
| 288. Esperto___ | 308. Renovador___ |
| 289. Afável___ | 309. Cruel___ |
| 290. Indominável___ | 310. Inocente___ |
| 291. Frustrado___ | 311. Bajulador___ |
| 292. Esquívoo___ | 312. Realizador___ |
| 293. Realista___ | 313. Impessoal___ |
| 294. Criativo___ | 314. Rebelde___ |

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|-----------------------|------------------------|
| 315. Pontual___ | 335. Íntegro___ |
| 316. Ambicioso___ | 336. Autocontrolado___ |
| 317. Receoso___ | 337. Compadecido___ |
| 318. Reconciliador___ | 388. Refinado___ |
| 319. Nobre___ | 339. Sensível___ |
| 320. Suscetível___ | 340. Sensual___ |
| 321. Acolhedor___ | 341. Farrista___ |
| 322. Rude___ | 342. Reprimido___ |
| 323. Dominador___ | 343. Esquisito___ |
| 324. Humilde___ | 344. Sentimental___ |
| 325. Complacente___ | 345. Traquino___ |
| 326. Suplicante___ | 346. Traidor___ |
| 327. Fanático___ | 347. Artístico___ |
| 328. Diplomático___ | 348. Esperançoso___ |
| 329. Decidido___ | 349. Intruso___ |
| 330. Diretivo___ | 350. Trabalhador___ |
| 331. Otimista___ | 351. Ousado___ |
| 332. Tumultuoso___ | 352. Prático___ |
| 333. Gozador___ | 353. Altruísta___ |
| 334. Trocista___ | 354. Afoito___ |

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| 355. Dramático___ | 375. Reflexivo___ |
| 356. Cúmplice___ | 376. Imponente___ |
| 357. Autoconfiante___ | 377. Inibido___ |
| 358. Tolo___ | 378. Competente___ |
| 359. Delicado___ | 379. Indulgente___ |
| 360. Pragmático___ | 380. Intelectual___ |
| 361. Imaginativo___ | 381. Calmo___ |
| 362. Desconfiado___ | 382. Influente___ |
| 363. Incansável___ | 383. Ágil___ |
| 364. Sofisticado___ | 384. Embusteiro___ |
| 365. Falso___ | 385. Fatalista___ |
| 366. Detalhista___ | 386. Despachado___ |
| 367. Benevolente___ | 387. Feminino___ |
| 368. Auto-suficiente___ | 388. Solidário___ |
| 369. Honrado___ | 389. Desinteressado___ |
| 370. Insubornável___ | 390. Sonhador___ |
| 371. Ingênuo___ | 391. Sórdido___ |
| 372. Religioso___ | 392. Caridoso___ |
| 373. Relaxado___ | 393. Romântico___ |
| 374. Cordial___ | 394. Dependente___ |

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|-----------------------|----------------------|
| 395. Presunçoso___ | 415. Questionador___ |
| 396. Idôneo___ | 416. Intratável___ |
| 397. Habilidoso___ | 417. Iniciativo___ |
| 398. Mesquinho___ | 418. Prendado___ |
| 399. Curioso___ | 419. Metido___ |
| 400. Fervoroso___ | 420. Hostil___ |
| 401. Inconsequente___ | 421. Genial___ |
| 402. Observador___ | 422. Inspirado___ |
| 403. Meticuloso___ | 423. Prestativo___ |
| 404. Tímido___ | 424. Sarcástico___ |
| 405. Analítico___ | 425. Excitante___ |
| 406. Intrometido___ | 426. Insuperável___ |
| 407. Jovial___ | 427. Ardente___ |
| 408. Pretensioso___ | 428. Teimoso___ |
| 409. Desenvolto___ | 429. Convicto___ |
| 410. Tolerante___ | 430. Sedutor___ |
| 411. Prestimoso___ | 431. Miserável___ |
| 412. Derrötista___ | 432. Terno___ |
| 413. Faccioso___ | 433. Intangível___ |
| 414. Interesseiro___ | 434. Enganador___ |

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|-----------------------|------------------------|
| 435. Combativo___ | 455. Arrojado___ |
| 436. Famoso___ | 456. Atraente |
| 437. Minucioso___ | 457. Impaciente___ |
| 438. Egocêntrico___ | 458. Malicioso___ |
| 439. Atuante___ | 459. Suave___ |
| 440. Mimado___ | 460. Leviano___ |
| 441. Prevenido___ | 461. Preciso___ |
| 442. Honesto___ | 462. Preconceituoso___ |
| 443. Diligente___ | 463. Malvado___ |
| 444. Humorístico___ | 464. Resoluto___ |
| 445. Metódico___ | 465. Supérfluo___ |
| 446. Adaptável___ | 466. Sovina___ |
| 447. Insistente___ | 467. Julgador___ |
| 448. Desembaraçado___ | 468. Lacônico___ |
| 449. Divertido___ | 469. Manipulador___ |
| 450. Apto___ | 470. Obediente___ |
| 451. Cooperador___ | 471. Argumentador___ |
| 452. Frenético___ | 472. Irritante___ |
| 453. Amistoso___ | 473. Prolixo___ |
| 454. Empreendedor___ | 474. Promíscuo___ |

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|-----------------------|---------------------|
| 475. Problemático___ | 495. Melancólico___ |
| 476. Mascarado___ | 496. Protetor___ |
| 477. Subserviente___ | 497. Isolado___ |
| 478. Preguiçoso___ | 498. Popular___ |
| 479. Ridículo___ | 499. Obsceno___ |
| 480. Objetivo___ | 500. Assertivo___ |
| 481. Rígido___ | 501. Meigo___ |
| 482. Mentiroso___ | 502. Justo___ |
| 483. Tentador___ | 503. Leal___ |
| 484. Obsequiador___ | 504. Relutante___ |
| 485. Melindroso___ | 505. Austero___ |
| 486. Precipitado___ | 506. Altivo___ |
| 487. Tenso___ | 507. Devasso___ |
| 488. Rigoroso___ | |
| 489. Supersticioso___ | |
| 490. Batalhador___ | |
| 491. Temperamental___ | |
| 492. Nocivo___ | |
| 493. Punitivo___ | |
| 494. Precaçoso___ | |

ANEXO 2

Estamos fazendo uma pesquisa para tentar estabelecer as características que a nossa sociedade considera mais desejáveis para a mulher, e gostaríamos muito da sua colaboração. Essa pesquisa faz parte de uma Tese de Mestrado, e estamos solicitando a opinião de várias pessoas para poder ter uma idéia do que a sociedade, como um todo, pensa a respeito do assunto. Não há respostas certas ou erradas. É importante para nós que você dê a sua opinião.

Inicialmente, precisamos de alguns dados sobre você. Por favor, responda.

Nome: _____ Idade _____ anos

Universidade: _____ Curso _____ Turma _____ Turno _____

Você tem televisão em sua casa? Quantos aparelhos? _____ E rádio?

Quantos? _____ Quantos banheiros existem (incluindo o da empregada)? _____

Automóvel? Quantos? _____ Tem empregada doméstica? Quantas? _____

Tem aspirador de pó? Quantos aparelhos? _____ Tem máquina

de lavar roupa? Quantas _____ Qual a instrução (curso primário, ginasial, colégioial, superior, e se completo ou não) do chefe da família? _____

Agora, você lerá uma série de características e respon

derá, na linha ao lado de cada uma, o quanto que você acha que a sociedade brasileira considera desejável que uma mulher tenha essas características.

Por exemplo, SINCERA. Você acha que os brasileiros acham extremamente indesejável que uma mulher tenha esta característica? Bastante indesejável? Ligeiramente indesejável? Que é indiferente? Ligeiramente desejável? Bastante desejável? Extremamente desejável?

1	2	3	4	5	6	7
Extrema- mente in- desejável	Bastan- te inde- sejável	Ligeira- mente in- desejável	Indife- rente	Ligeira- mente de- sejável	Bastan- te de- sejável	Extrema- mente de- sejável

ou seja,

ancoragem 1 = extremamente indesejável

ancoragem 2 = bastante indesejável

ancoragem 3 = ligeiramente indesejável

ancoragem 4 = indiferente

ancoragem 5 = ligeiramente desejável

ancoragem 6 = bastante desejável

ancoragem 7 = extremamente desejável

Observe que as ancoragens do contínuo vão desde a ancoragem 1 que significa a característica ser extremamente indesejável, até a ancoragem 7 que significa a característica ser extremamente desejável. Se você acha que a sociedade brasileira considera extremamente indesejável que uma mulher seja SINCERA, es

creva o nº 1 (ancoragem 1) na linha ao lado da característica a apresentada na lista abaixo. Se você acha que a sociedade considera bastante indesejável que uma mulher seja SINCERA, escreva o nº 2, e assim, utilizando as 7 opções, escreva o número da que corresponde a sua opinião, para todas as outras características. Não deixe nenhuma sem a sua resposta, e não se esqueça de que o trabalho é individual.

Gratos pela sua colaboração.

CARACTERÍSTICAS

- | | |
|--------------------|----------------------|
| 1. Sincera___ | 17. Integradora___ |
| 2. Queixosa___ | 18. Resistente___ |
| 3. Irônica___ | 19. Conscienciosa___ |
| 4. Responsável___ | 20. Pacífica___ |
| 5. Manhosa___ | 21. Liberal___ |
| 6. Masculina___ | 22. Decente___ |
| 7. Fingida___ | 23. Desajeitada___ |
| 8. Engenhosa___ | 24. Modificadora___ |
| 9. Quadrada___ | 25. Infantil___ |
| 10. Coerente___ | 26. Grata___ |
| 11. Reconhecida___ | 27. Calorosa___ |
| 12. Feliz___ | 28. Inconstante___ |
| 13. Obstínada___ | 29. Forte___ |
| 14. Imparcial___ | 30. Grosseira___ |
| 15. Genuína___ | 31. Participante___ |
| 16. Paciente___ | 32. Líder___ |

ancoragens - 1 = extremamente indesejável

2 = bastante indesejável

3 = ligeiramente indesejável

4 = indiferente

5 = ligeiramente desejável

6 = bastante desejável

7 = extremamente desejável

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| 33. Simpática___ | 53. Penetrante___ |
| 34. Moleca___ | 54. Ociosa___ |
| 35. Simples___ | 55. Inofensiva___ |
| 36. Impressionável___ | 56. Exaltada___ |
| 37. Indolente___ | 57. Perigosa___ |
| 38. Efusiva___ | 58. Invejosa___ |
| 39. Imatura___ | 59. Entisuasta___ |
| 40. Imprevisível___ | 60. Monótona___ |
| 41. Estudiosa___ | 61. Humana___ |
| 42. Contestadora___ | 62. Permissiva___ |
| 43. Intransigente___ | 63. Impulsiva___ |
| 44. Passiva___ | 64. Afetada___ |
| 45. Soberba___ | 65. Sociável___ |
| 46. Pedante___ | 66. Enérgica___ |
| 47. Insinuante___ | 67. Perseverante___ |
| 48. Controlada___ | 68. Discreta___ |
| 49. Perfeccionista___ | 69. Ilustre___ |
| 50. Intrigante___ | 70. Gracejadora___ |
| 51. Ponderada___ | 71. Eloquentes___ |
| 52. Libertina___ | 72. Misericordiosa___ |

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|----------------------|------------------------|
| 73. Despeitada___ | 93. Persuasora___ |
| 74. Apaziguadora___ | 94. Servil___ |
| 75. Despreocupada___ | 95. Indiferente___ |
| 76. Livre___ | 96. Pesquisadora___ |
| 77. Persistente___ | 97. Mistificadora___ |
| 78. Atlética___ | 98. Calculista___ |
| 79. Folgada___ | 99. Inoportuna___ |
| 80. Audaciosa___ | 100. Individualista___ |
| 81. Perspicaz___ | 101. Exibicionista___ |
| 82. Obsessiva___ | 102. Fútil___ |
| 83. Defensora___ | 103. Modesta___ |
| 84. Cômica___ | 104. Avaliadora___ |
| 85. Segura___ | 105. Hipócrita___ |
| 86. Ciumenta___ | 106. Angustiada___ |
| 87. Persuadível___ | 107. Imaculada___ |
| 88. Misteriosa___ | 108. Convencida___ |
| 89. Experiente___ | 109. Sigilosa___ |
| 90. Serena___ | 110. Consistente___ |
| 91. Desastrada___ | 111. Confiante___ |
| 92. Engraçada___ | 112. Impetuosa___ |

ancoragens - 1 = extremamente indesejável

2 = bastante indesejável

3 = ligeiramente indesejável

4 = indiferente

5 = ligeiramente desejável

6 = bastante desejável

7 = extremamente desejável

113. Distraída___

114. Excêntrica___

115. Severa___

116. Moderada___

117. Lógica___

118. Séria___

119. Obsoleta___

120. Insolente___

121. Aproveitadora___

122. Emotiva___

123. Petulante___

124. Planejadora___

125. Atenciosa___

126. Veloz___

127. Belicosa___

128. Estável___

129. Comunicativa___

130. Eficiente___

131. Empolgada___

132. Extrovertida___

133. Compreensiva___

134. Impertinente___

135. Contraditória___

136. Exata___

137. Escrupulosa___

138. Veemente___

139. Organizada___

140. Versátil___

141. Defensiva___

142. Vigorosa___

143. Piedosa___

144. Zangada___

145. Esforçada___

146. Brincalhona___

147. Potente___

148. Animada___

149. Dócil___

150. Importante___

151. Fogosa___

152. Vingativa___

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| 153. Indefinida___ | 173. Influenciável___ |
| 154. Expansiva___ | 174. Culta___ |
| 155. Impecável___ | 175. Hesitante___ |
| 156. Violenta___ | 176. Gentil___ |
| 157. Imperturbável___ | 177. Correta___ |
| 158. Virtuosa___ | 178. Envolvente___ |
| 159. Vivaz___ | 179. Orgulhosa___ |
| 160. Frágil___ | 180. Vulnerável___ |
| 161. Educada___ | 181. Competidora___ |
| 162. Crédula___ | 182. Zelosa___ |
| 163. Empática___ | 183. Digna___ |
| 164. Elegante___ | 184. Zombeteira___ |
| 165. Voluntariosa___ | 185. Dedicada___ |
| 166. Volúvel___ | 186. Carinhosa___ |
| 167. Exótica___ | 187. Esportiva___ |
| 168. Desportiva___ | 188. Positiva___ |
| 169. Politizada___ | 189. Convincente___ |
| 170. Vulgar___ | 190. Ajuízada___ |
| 171. Exagerada___ | 191. Equilibrada___ |
| 172. Arrogante___ | 192. Valente___ |

ancoragens - 1 = extremamente indesejável

2 = bastante indesejável

3 = ligeiramente indesejável

4 = indiferente

5 = ligeiramente desejável

6 = bastante desejável

7 = extremamente desejável

193. Apática___

194. Namorada___

195. Tagarela___

196. Fiel___

197. Espontânea___

198. Corajosa___

199. Omissa___

200. Autodeterminada___

201. Respeitadora___

202. Formalista___

203. Autodisciplinada___

204. Fofoqueira___

205. Natural___

206. Atualizada___

207. Talentosa___

208. Frívola___

209. Odiosa___

210. Acomodada___

211. Fanfarrona___

212. Enigmática___

213. Exigente___

214. Afetuosa___

215. Incentivadora___

216. Flexível___

217. Bondosa___

218. Humilhante___

219. Eficaz___

220. Intuitiva___

221. Negligente___

222. Condescendente___

223. Expressiva___

224. Providente___

225. Sorridente___

226. Cuidadosa___

227. Empenhada___

228. Conciliadora___

229. Reservada___

230. Resignada___

231. Moralista___

232. Sensata___

233. Oportunista___

234. Idealista___

ancoragens - 1 = extremamente indesejável

2 = bastante indesejável

3 = ligeiramente indesejável

4 = indiferente

5 = ligeiramente desejável

6 = bastante desejável

7 = extremamente desejável

235. Teatral___

236. Sábia___

237. Dogmática___

238. Prudente___

239. Sistemática___

240. Egoísta___

241. Solícita___

242. Pudica___

243. Invencível___

244. Fraternal___

245. Submissa___

246. Autoritária___

247. Impostora___

248. Singela___

249. Intrépida___

250. Cautelosa___

251. Útil___

252. Risonha___

253. Aperfeiçoadora___

254. Vaidosa___

255. Informal___

256. Enfadonha___

257. Astuta___

258. Cínica___

259. Intempestiva___

260. Alegre___

261. Disciplinada___

262. Aventureira___

263. Covarde___

264. Provocante___

265. Desvirtuada___

266. Polida___

267. Rabujenta___

268. Inovadora___

269. Original___

270. Racional___

271. Contemplativa___

272. Raivosa___

273. Pomposa___

274. Franca___

ancoragens - 1 = extremamente indesejável

2 = bastante indesejável

3 = ligeiramente indesejável

4 = indiferente

5 = ligeiramente desejável

6 = bastante desejável

7 = extremamente desejável

275. Inteligente___

276. Coordenada___

277. Determinada___

278. Extravagante___

279. Exploradora___

280. Ranzinza___

281. Áspera___

282. Ostentadora___

283. Instruída___

284. Poderosa___

285. Amável___

286. Inconsiderada___

287. Agressiva___

288. Esperta___

289. Afável___

290. Indomável___

291. Frustrada___

292. Esquiva___

293. Realista___

294. Criativa___

295. Selvagem___

296. Firme___

297. Crítica___

298. Amorosa___

299. Ansiosa___

300. Galanteadora___

301. Sutil___

302. Erudita___

303. Dinâmica___

304. Colaboradora___

305. Generosa___

306. Fria___

307. Compenetrada___

308. Renovadora___

309. Cruel___

310. Inocente___

311. Bajuladora___

312. Realizadora___

313. Impessoal___

314. Rebelde___

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|------------------------|------------------------|
| 315. Pontual___ | 335. Íntegra___ |
| 316. Ambiciosa___ | 336. Autocontrolada___ |
| 317. Receosa___ | 337. Compadecida___ |
| 318. Reconciliadora___ | 338. Refinada___ |
| 319. Nobre___ | 339. Sensível___ |
| 320. Suscetível___ | 340. Sensual___ |
| 321. Acolhedora___ | 341. Farrista___ |
| 322. Rude___ | 342. Reprimida___ |
| 323. Dominadora___ | 343. Esquisita___ |
| 324. Humilde___ | 344. Sentimental___ |
| 325. Complacente___ | 345. Traquina___ |
| 326. Suplicante___ | 346. Traidora___ |
| 327. Fanática___ | 347. Artística___ |
| 328. Diplomática___ | 348. Esperançosa___ |
| 329. Decidida___ | 349. Intrusa___ |
| 330. Diretiva___ | 350. Trabalhadora___ |
| 331. Otimista___ | 351. Ousada___ |
| 332. Tumultuosa___ | 352. Prática___ |
| 333. Gozadora___ | 353. Altruísta___ |
| 334. Tróiciста___ | 354. Afoita___ |

ancoragens - 1 = extremamente indesejável

2 = bastante indesejável

3 = ligeiramente indesejável

4 = indiferente

5 = ligeiramente desejável

6 = bastante desejável

7 = extremamente desejável

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| 355. Dramática___ | 375. Reflexiva___ |
| 356. Cúmplice___ | 376. Imponente___ |
| 357. Autoconfiante___ | 377. Inibida___ |
| 358. Tola___ | 378. Competente___ |
| 359. Delicada___ | 379. Indulgente___ |
| 360. Pragmática___ | 380. Intelectual___ |
| 361. Imaginativa___ | 381. Calma___ |
| 362. Desconfiada___ | 382. Influyente___ |
| 363. Incansável___ | 383. Ágil___ |
| 364. Sofisticada___ | 384. Embusteira___ |
| 365. Falsa___ | 385. Fatalista___ |
| 366. Detalhista___ | 386. Despachada___ |
| 367. Benevolente___ | 387. Feminina___ |
| 368. Auto-suficiente___ | 388. Solidária___ |
| 369. Honrada___ | 389. Desinteressada___ |
| 370. Insubornável___ | 390. Sonhadora___ |
| 371. Ingênuo___ | 391. Sórdida___ |
| 372. Religiosa___ | 392. Caridosa___ |
| 373. Relaxada___ | 393. Romântica___ |
| 374. Cordial___ | 394. Dependente___ |

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| 395. Presunçosa___ | 415. Questionadora___ |
| 396. Idônea___ | 416. Intratável___ |
| 397. Habilidosa___ | 417. Iniciativa___ |
| 398. Mesquinha___ | 418. Prendada___ |
| 399. Curiosa___ | 419. Metida___ |
| 400. Fervorosa___ | 420. Hostil___ |
| 401. Inconsequente___ | 421. Genial___ |
| 402. Observadora___ | 422. Inspirada___ |
| 403. Meticulosa___ | 423. Prestativa___ |
| 404. Tímida___ | 424. Sarcástica___ |
| 405. Analítica___ | 425. Excitante___ |
| 406. Intrrometida___ | 426. Insuperável___ |
| 407. Jovial___ | 427. Ardente___ |
| 408. Pretensiosa___ | 428. Teimosa___ |
| 409. Desenvolta___ | 429. Convicta___ |
| 410. Tolerante___ | 430. Sedutora___ |
| 411. Prestimosa___ | 431. Miserável___ |
| 412. Derrotista___ | 432. Terna___ |
| 413. Faceira___ | 433. Intangível___ |
| 414. Interesseira___ | 434. Enganadora___ |

ancoragens - 1 = extremamente indesejável

2 = bastante indesejável

3 = ligeiramente indesejável

4 = indiferente

5 = ligeiramente desejável

6 = bastante desejável

7 = extremamente desejável

435. Combativa___

436. Famosa___

437. Minunciosa___

438. Egocêntrica___

439. Atuante___

440. Mimada___

441. Prevenida___

442. Honesta___

443. Diligente___

444. Humorística___

445. Metódica___

446. Adaptável___

447. Insistente___

448. Desembafaçada___

449. Divertida___

450. Aptá___

451. Cooperadora___

452. Frenética___

453. Amistosa___

454. Empreendedora___

455. Arrojada___

456. Atraente___

457. Impaciente___

458. Maliciosa___

459. Suave___

460. Leviana___

461. Precisa___

462. Preconceituosa___

463. Malvada___

464. Resoluta___

465. Supérflua___

466. Sovina___

467. Julgadora___

468. Lacônica___

469. Manipuladora___

470. Obediente___

471. Argumentadora___

472. Irritante___

473. Prolixa___

474. Promiscua___

- ancoragens - 1 = extremamente indesejável
 2 = bastante indesejável
 3 = ligeiramente indesejável
 4 = indiferente
 5 = ligeiramente desejável
 6 = bastante desejável
 7 = extremamente desejável

- | | |
|-----------------------|---------------------|
| 475. Problemática___ | 495. Melancólica___ |
| 476. Mascarada___ | 496. Protetora___ |
| 477. Subserviente___ | 497. Isolada___ |
| 478. Preguiçosa___ | 498. Popular___ |
| 479. Ridícula___ | 499. Obscena___ |
| 480. Objetiva___ | 500. Assertiva___ |
| 481. Rígida___ | 501. Meiga___ |
| 482. Mentirosa___ | 502. Justa___ |
| 483. Tentadora___ | 503. Leal___ |
| 484. Obsequiadora___ | 504. Relutante___ |
| 485. Melíndrosa___ | 505. Austera___ |
| 486. Precipitada___ | 506. Altiva___ |
| 487. Tensa___ | 507. Devassa___ |
| 488. Rígida___ | |
| 489. Supersticiosa___ | |
| 490. Batalhadora___ | |
| 491. Temperamental___ | |
| 492. Nociva___ | |
| 493. Punitiva___ | |
| 494. Precavida___ | |

ANEXO 3CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICAABIPEME-2Critério

Item	Não tem	1	2	3	4	5	6 ou mais
TV	0	2	4	6	8	10	12
Rádio	0	1	2	3	4	5	6
Banheiro	0	2	4	6	8	10	12
Automóvel	0	4	8	12	16	16	16
Empregada	0	6	12	18	24	24	24
Aspirador	0	5	5	5	5	5	5
Máquina de lavar	0	2	2	2	2	2	2

(Obs.: Os pontos estão no corpo da tabela)

Instrução do chefe da família	Pontos
Analfabeto/primário incompleto	0
Primário completo/ginásial incompleto	1
Ginásial completo/colegial incompleto	3
Colegial completo/superior incompleto	5
Superior completo	10

Classificação:

Classes	Pontos
A (alta)	35 ou mais
B (média alta)	21 a 34
C (média baixa)	10 a 20

ANEXO 4

DADOS ESTATÍSTICOS QUANTO À DESEJABILIDADE DOS ITENS SELECIONADOS
PARA AS 3 ESCALAS ADAPTADAS À NOSSA CULTURA BRASILEIRA

Itens	Homem julgando para homem	Homem julgando para mulher	t	Mulher julgando para mulher	Mulher julgando para homem	t
	\bar{X}	\bar{X}		\bar{X}	\bar{X}	
<u>Itens masculinos</u>						
Argumentador	5.00	3.93	4.15	3.91	5.18	4.29
Arrojado	5.56	3.67	6.51	3.98	5.49	5.43
Assertivo	4.91	3.84	4.03	4.00	5.16	3.94
Atlético	5.38	3.18	7.76	3.62	5.62	7.32
Autoconfiante	5.53	3.96	5.50	4.73	6.00	4.47
Auto-suficiente	5.24	3.24	6.60	3.96	5.84	5.59
Combativo	5.13	3.80	4.63	3.64	4.89	4.17
Competidor	5.16	3.62	4.29	3.47	5.56	5.93
Desembaraçado	5.76	4.80	4.44	5.13	5.93	5.08
Estudioso	5.84	4.64	5.16	4.80	5.91	5.09
Experiente	5.76	4.40	4.89	4.38	6.18	6.60
Influente	5.76	3.93	7.45	4.40	5.73	5.29
Liberal	5.16	3.47	3.94	3.78	4.91	3.95
Líder	5.40	2.98	7.92	2.93	5.44	6.81
Livre	5.24	3.04	6.06	3.33	5.56	6.44
Masculino	6.11	1.11	28.26	1.11	6.40	32.88
Namorador	4.58	2.71	5.18	2.69	4.93	6.36
Poderoso	5.24	3.24	7.13	3.47	5.51	7.58

Itens	Homem julgando para homem	Homem julgando para mulher	t	Mulher julgando para mulher	Mulher julgando para homem	t
	\bar{X}	\bar{X}		\bar{X}	\bar{X}	
Popular	5.31	3.24	8.66	3.76	5.27	4.89
Valente	5.58	3.80	6.64	4.33	5.76	5.15
<u>Itens femininos</u>						
Caridoso	4.91	5.87	4.13	5.76	4.80	3.92
Condescendente	4.36	5.64	4.83	5.38	4.24	4.05
Cuidadoso	5.31	6.20	5.93	6.31	5.38	4.36
Delicado	3.56	6.22	9.05	6.47	4.07	8.12
Dependente	2.76	5.33	7.90	5.62	2.47	8.88
Dócil	4.80	6.42	7.06	6.44	4.18	7.86
Emotivo	4.09	5.38	4.63	5.71	4.07	5.51
Feminino	2.02	6.73	20.83	6.69	2.02	20.56
Fiel	5.13	6.73	6.13	6.60	5.27	4.84
Frágil	2.73	5.02	7.57	6.60	5.76	11.07
Ingênuo	2.96	5.07	6.92	5.24	2.76	7.81
Meigo	4.69	6.40	8.90	6.47	4.96	6.68
Obediente	4.67	5.82	3.81	5.67	4.67	3.63
Passivo	2.98	4.56	4.10	5.07	3.18	4.53
Prendado	4.40	6.04	6.78	6.36	4.27	8.96
Romântico	4.87	6.27	7.62	6.27	5.27	4.41
Sensível	4.76	6.04	6.21	6.29	4.64	5.30
Submisso	2.87	4.98	5.28	5.07	2.38	6.61
Tolerante	5.24	5.98	4.41	6.04	5.18	4.78
Vaidoso	3.78	5.44	5.19	5.64	4.22	5.45

Itens	Homem julgando para homem	Homem julgando para mulher	t	Mulher julgando para mulher	Mulher julgando para homem	t
	X	X		X	X	
<u>Itens neutros</u>						
<u>-positivos</u>						
Animado	5.29	5.38	0.39	5.49	5.38	0.47
Autocontrolado	5.76	5.80	0.24	6.02	5.73	1.21
Auto-disciplinado	5.42	5.13	1.13	5.69	5.38	1.20
Coerente	5.53	5.56	0.11	5.78	6.02	1.00
Espontâneo	5.44	5.27	0.75	5.38	5.44	0.32
Otimista	5.62	5.84	1.02	6.07	5.93	0.72
Ponderado	5.38	5.44	0.32	5.76	5.44	1.19
Prático	5.53	5.40	0.69	6.00	5.91	0.50
Responsável	6.22	6.33	0.59	6.27	6.07	0.67
Sociável	5.87	5.76	0.50	6.11	6.09	0.14
<u>-negativos</u>						
Acomodado	2.67	2.36	1.19	2.89	2.53	1.18
Apático	2.60	2.27	1.20	2.20	2.29	0.38
Desastrado	2.36	2.20	0.71	2.18	2.51	1.25
Dramático	3.33	2.96	1.18	2.96	2.76	0.76
Exibicionista	2.87	2.91	0.14	2.51	2.76	0.86
Fofoqueiro	2.16	2.49	0.96	2.18	1.91	1.01
Inconstante	2.53	2.53	0	2.53	2.38	0.48
Invejoso	2.18	2.04	0.57	2.31	2.04	1.17
Queixoso	2.31	2.22	0.36	2.18	1.96	0.98
Tagarela	3.27	2.87	1.24	2.89	3.27	1.13

ANEXO 5

Estamos fazendo uma pesquisa para tentar verificar como as pessoas se percebem em relação a algumas características. Essa pesquisa faz parte de uma tese de Mestrado e estamos solicitando a várias pessoas que respondam a este questionário. Não há respostas certas ou erradas. É importante, para nós, que você responda sinceramente se acha que cada característica apresentada é verdadeira em relação a você.

Por exemplo, VALENTE. Você acha que esta característica é sempre verdadeira em relação a você? Muito frequentemente verdadeira? Frequentemente verdadeira? Ocasionalmente verdadeira? Raramente verdadeira? Muito raramente verdadeira? Nunca verdadeira?

1	2	3	4	5	6	7
Nunca verda deira	Muito rara mente ver- dadeira	Raramen te ver- dadeira	Ocasional mente ver- dadeira	Frequen temente verda- deira	Muito fre quentemen te verda- deira	Sempre verda- deira

Observe que as ancoragens do contínuo vão desde a de nº 1 que significa a característica ser nunca verdadeira, até a de nº 7 que significa a característica ser sempre verdadeira. Se você acha que a característica VALENTE é nunca verdadeira em relação a você, escreva o nº 1 na linha ao lado da característica apresentada na folha seguinte. Se você acha que é muito raramente verdadeira, escreva o nº 2, e assim, utilizando as 7 opções, escreva o nº da que corresponde à sua autodescrição, para todas

as outras características. Não deixe nenhuma sem a sua resposta, e não se esqueça de que o trabalho é individual.

Gostaríamos, também, que nos informasse o seu nome _____
 _____, sexo _____, idade _____
 anos, Universidade em que estuda _____,
 e o Curso que realiza _____.

Gratos pela sua colaboração.

- ancoragens - 1 = Nunca verdadeira
 2 = Muito raramente verdadeira
 3 = Raramente verdadeira
 4 = Ocasionalmente verdadeira
 5 = Frequentemente verdadeira
 6 = Muito frequentemente verdadeira
 7 = Sempre verdadeira

Analisando atentamente se cada uma das características abaixo é verdadeira em relação à sua pessoa, responda a cada uma, utilizando as 7 opções apresentadas acima.

- | | |
|------------------------|-----------------------|
| 1. Valente _____ | 10. Combativa _____ |
| 2. Romântica _____ | 11. Prendada _____ |
| 3. Ponderada _____ | 12. Invejosa _____ |
| 4. Desembaraçada _____ | 13. Estudiosa _____ |
| 5. Feminina _____ | 14. Submissa _____ |
| 6. Dramática _____ | 15. Responsável _____ |
| 7. Influyente _____ | 16. Arrojada _____ |
| 8. Cuidadosa _____ | 17. Vaidosa _____ |
| 9. Sociável _____ | 18. Inconstante _____ |

- ancoragens - 1 = Nunca verdadeira
 2 = Muito raramente verdadeira
 3 = Raramente verdadeira
 4 = Ocasionalmente verdadeira
 5 = Frequentemente verdadeira
 6 = Muito frequentemente verdadeira
 7 = Sempre verdadeira

- | | |
|------------------------|--------------------------|
| 19. Auto-suficiente___ | 40. Poderosa___ |
| 20. Emotiva___ | 41. Tolerante___ |
| 21. Otimista___ | 42. Queixosa___ |
| 22. Atléticoa___ | 43. Liberal___ |
| 23. Dependente___ | 44. Caridosa___ |
| 24. Fofoqueira___ | 45. Coerente___ |
| 25. Líder___ | 46. Popular___ |
| 26. Frágil___ | 47. Meiga___ |
| 27. Autocontrolada___ | 48. Exibicionista___ |
| 28. Livre___ | 49. Argumentadora___ |
| 29. Dócil___ | 50. Fiel___ |
| 30. Apática___ | 51. Auto disciplinada___ |
| 31. Namorada___ | 52. Experiente___ |
| 32. Obediente___ | 53. Sensível___ |
| 33. Prática___ | 54. Desatrada___ |
| 34. Competidora___ | 55. Autoconfiante___ |
| 35. Delicada___ | 56. Condescendente___ |
| 36. Acomodada___ | 57. Animada___ |
| 37. Masculina___ | 58. Assertiva___ |
| 38. Ingênuas___ | 59. Passiva___ |
| 39. Espontânea___ | 60. Tagarela___ |

BIBLIOGRAFIA

- ANASTASI, A. & FOLEY, J.P., Jr. Differential psychology. New York: Macmillan, 1949.
- ANDRADE, E. M., e ALVES, D.G. Manual abreviado do 16 PF. Rio de Janeiro: CEPA, 1954.
- ANTILL, J.K. & CUNNINGHAM, J.D. Self-esteem as a function of masculinity in both sexes. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1979, 47(4), 783-785.
- ARGYLE, M. Social interaction. Chicago: Aldine, 1969.
- ARIES, E. Interaction patterns and themes of male, female, and mixed groups. Small Group Behavior, 1976, 7, 7-18.
- ARONSON, E. O animal social; introdução ao estudo do comportamento humano. São Paulo: Ibrasa, 1979.
- BABL, J.D. Compensatory masculine responding as a function of sex-role. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1979, 47(2), 252-257.
- BAKAN, D. The duality of human existence. Chicago: Rand McNally, 1966.
- BANDURA, A. Social learning theory of identificatory processes. In D.A. Goslin (Ed), Handbook of socialization theory and research. Chicago: Rand McNally, 1969.
- _____ . Psychological modeling: Conflicting theories. Chicago, Ill: Aldine-Atherton Publ. Co., 1971.
- BANDURA, A. & HUSTON, A.C. Identification as a process of incidental learning. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1961, 63, 311-318

- BANDURA, A., ROSS, D. & ROSS, S.A. A comparative test of the status envy, social power, and secondary reinforcement theories of identificatory learning. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1963, 67, 527-534.
- BANDURA, A. & WALTERS, R.H. Social learning and personality development. New York, Rinehart and Winston, 1963.
- BARDWICK, J.M. Mulher, sociedade, transição. São Paulo: Difel S. A., 1981.
- BARRON, F. Originality in relation to personality and intellect. Journal of Personality, 1957, 25, 730-742.
- BARRY, H., BACON, M.K. & CHILD, I.L. A cross-cultural survey of some sex differences in socialization. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1957, 55, 327-332.
- BAUCOM, D.H. Independent masculinity and femininity scales on the California Psychological Inventory. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1976, 44 (5), 876.
- BAZIN, N.T. & FREEDMAN, A. The androgynous vision. Women's Studies, 1974, 2, 185-215.
- BEE, H. Psicologia do desenvolvimento - questões sociais. Rio de Janeiro: Editora Interamericana Ltda., 1979.
- BELOTTI, E.G. Educar para a submissão. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1979.
- BEM, S.L. The measurement of psychological androgyny. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1974, 42(2), 155-162.
- _____, Sex role adaptability: one consequence of psychological androgyny. Journal of Personality and Social Psychology, 1975, 31(4), 634-643.

- _____. Probing to promise of Androgyny. In A.G. Kaplan & J. P. Bean (Eds.), Beyond sex-role stereotypes - readings toward a psychology of androgyny. Boston: Little, Brown, 1976.
- _____. On the utility of alternative procedures for assessing psychological androgyny. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1977, 45(2), 196-205.
- _____. Theory and measurement of androgyny: a reply to the Pedhazur-Tetenbaum & Loksley-Colten critiques. Journal of Personality and Social Psychology, 1979, 37(6), 1047-1054.
- BEM, S.L. e BEM, D.J. O estudo do caso de uma ideologia não-consciente: preparando a mulher para conhecer o seu lugar. In Bem D.J., Convicções, atitudes e assuntos humanos. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1973.
- BEM, S.L. & LENNEY, E. Sex typing and the avoidance of cross-sex behavior. Journal of Personality and Social Psychology, 1976, 33,(1), 48-54.
- BEM, S.L., MARTYNA, W. & WATSON, C. Sex typing and androgyny: further explorations of expressive domain. Journal of Personality and Social Psychology, 1976, 34(5), 1016-1023.
- BENKO, A. e SIMÕES, R.J.P. Manual do MMPI. Rio de Janeiro: CEPA, 1973.
- BENNETT, E.M. & COHEN, L.R. Men and women: personality patterns and contrasts. Genetic Psychology Monographs, 1959, 59, 101-155.
- BERNARD, J. Women, wives, mothers: values and options. Chicago: Aldine, 1975.
- _____. Change and stability in sex-role norms and behavior. Journal of Social Issues, 1976, 32, 207-223.

- BERZINS, J.I., WELLING, M.A. & WETTER, R. A new measure of psychological androgyny based on the Personality Research Form. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1978, 46 (1), 126-138.
- BIAGGIO, A. Psicologia do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.
- BIAGGIO, M.K. & NIELSEN, E.C. Anxiety correlates of sex-role identity. Journal of Clinical Psychology, 1976, 32(3), 619-623.
- BLOCK, J.H. Conceptions of sex role: some cross-cultural and longitudinal perspectives. American Psychologist, 1973, 28, 512-526.
- BOTT, E. Conjugal roles and social networks. In R.I. Coser (Ed.) The family, its structure and functions. New York: St. Martin's Press, 1964.
- BRANNON, R. The male sex role: our culture's blueprint of manhood, and what it's done for us lately. In D. David & R. Brannon (Eds.), The forty-nine percent majority: the male sex role. Reading, Mass: Addison-Wesley, 1976.
- BRIM, O.G. Family structure and sex role learning by children: a further analysis of Helen Koch's data. Sociometry, 1958, 21 (1), 1-16.
- BROVERMAN, I.K., BROVERMAN, D.M., CLARKSON, F.E., ROSENKRANTZ, P.S. & VOGEL, S.R. Sex-role stereotypes and clinical judgements of mental health. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1970, 34(1), 1-7.
- BROVERMAN, I.K., VOGEL, S.R., BROVERMAN, D.M., CLARKSON, F.E. & ROSENKRANTZ, P.S. Sex-Role stereotypes: a current appraisal. Journal of Social Issues, 1972, 28(2), 59-78.

- BUSSEY, K. & PERRY, D.G. Sharing reinforcement contingencies with a model: a social-learning analysis of similarity effects in imitation research. Journal of Personality and Social Psychology, 1976, 84, 1168-1176.
- CAREY, G.L. Sex differences in problem solving as a function of attitude differences. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1958, 56, 256-260.
- CARLSON, R. Sex differences in ego functioning. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1971, 37, 267-277.
- CLARK, K.B. & CLARK, M.P. Racial identification and preference in negro children. In T.M. Newcomb and E.L. Hartley (Eds.), Reading in Social Psychology. New York: Holt, 1947.
- CONSTANTINOPOLE, A. "Masculinity-Femininity - An exception to a Famous Dictum?" Psychological Bulletin, 1973, 80(5), 389-407.
- COSENTINO, F. & HEILBRUN, A.B. Anxiety correlates of sex - role identity in college students. Psychological Reports, 1964, 14, 729-730.
- COWEN, E.L. The social desirability of trait descriptive terms: preliminary norms and sex differences. Journal of Social Psychology, 1961, 53, 225-233.
- COWEN, E.L., SATIMAN, M.G. & WOLITZKY, D.L. The social desirability of trait descriptive terms: applications to a schizophrenic sample. Journal of Social Psychology, 1961, 54, 37-45
- COZBY, P.C. Self-disclosure: a literature review. Psychological Bulletin, 1973, 79, 73-91.
- D'ANDRADE, R.G. Sex differences and cultural institutions. In E. E. Maccoby (Ed.), The development of sex differences. Stanford, California: Stanford University Press, 1966.

- DEAUX, K. & EMSWILLER, T. Explanations of successful performance on sex-linked tasks: what is skill for the male is luck for the female. Journal of Personality and Social Psychology, 1974, 29(1), 80-85.
- DEUTSCH, C.J. & GILBERT, L.C. Sex role stereotypes: effect on perceptions of self and others and on personal adjustment. Journal of Counseling Psychology, 1976, 23(4), 373-379.
- DINITZ, S., DYNES, R.R. & CLARKE, A.C. Preference for male or female children: traditional or affectional. Marriage and Family Living, 1954, 16, 128-130.
- DUNCAN, S. & FISKE, D.W. Face-to-face interaction: research, methods, and theory. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1977.
- EKEHAMMAR, B. Sex differences in self-reported anxiety for different situations and modes of responses. Scandinavian Journal of Psychology, 1974, 15, 154-160.
- ELLIS, L.J. & BENTLER, P.M. Traditional sex-determined role standards and sex stereotypes. Journal of Personality and Social Psychology, 1973, 25(1), 28-34.
- ELLSWORTH, P.C. & LUDWIG, L.M. Visual behavior in social interaction. Journal of Communication, 1972, 22, 375-403.
- ERIKSON, E.H. Inner and outer space - Reflections on Womanhood. In R.J. Lifton (Ed.), The woman in America. Boston - Houghton Mifflin, 1964.
- FELDMAN-SUMMERS, S. & KIESLER, S.B. Those who are number two try harder: the effect of sex on attribution of causality. Journal of Personality and Social Psychology, 1974, 30(6), 846-855.
- FERNBERGER, S.W. Persistence of stereotypes concerning sex differences. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1948, 43, 97-101.

- FLAHERTY, J.F. & DUSEK, J.B. An investigation of the relationship between psychological androgyny and components of self-concept. Journal of Personality and Social Psychology, 1980, 38(6), 984-992.
- FLING, S. & MANOSEVITZ, M. Sex typing in nursery school children's play interests. Developmental Psychology, 1972, 7(2), 146-152.
- FREUD, S. Obras completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973.
- FRIEZE, I.H. & RAMSEY, S.J. Nonverbal maintenance of traditional sex roles. Journal of Social Issues, 1976, 32(3), 133-141.
- GALL, M.D. The relationship between masculinity-femininity and manifest anxiety. Journal of Clinical Psychology, 1969, 25, 294-295.
- GAUDREAU, P.A. A factor analysis of the Bem Sex-Role Inventory. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1977, 45, 299-302.
- GELPI, B.C. The politics of androgyny. Women's Studies, 1974, 2, 151-160.
- GOLDBERG, P. Are women prejudice against women? Trans-Action, April, 1968, 28-30.
- GOODE, W.J. The role of the family in industrialization. In R.F. Winch and L.W. Goodman (Eds.), Selected studies in marriage and the family. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.
- GRAY, S.W. Masculinity-femininity in relation to anxiety and social acceptance. Child Development, 1957, 28, 203-214.
- GROSS, R., BATLIS, N., SMALL, A. & ERDWINS, C. Factor structure of the Bem Sex-role Inventory and the Personal Attributes Questionnaire. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1979, 47(6), 1122-1124.

- GUMP, J.P. Sex-role attitudes and psychological well-being. Journal of Social Issues, 1972, 28(2), 79-92.
- GUTTENTAG, M. & BRAY, H. Undoing sex estereotypes. New York: Mc Graw-Hill, 1976.
- HARFORD, T.C., WILLIS, C.H. & DEABLER, H.L. Personality correlates of masculinity-femininity. Psychological Reports, 1967, 21, 881-884.
- HARRINGTON, C.C. Errors in sex-role behavior in teen-age boys. New York: Teachers College Press, 1970.
- HARRIS, D.A. Androgyny the sexist myth in disguise. Women's Studies, 1974, 2, 171-184.
- HARTLEY, R.E. Sex-role pressures and the socialization of the male child. Psychological Reports, 1959, 5, 457-468.
- _____. Children's concepts of male and female roles. Merril-Palmers Quarterly, 1960, 6, 83-91.
- HARTRUP, W.W., MOORE, S.G. & SAGER, G. Avoidance of inappropriate sex-typing by young children. Journal of Consulting Psychology, 1963, 27, 467-473.
- HEFNER, R., REBECCA, M. & OLESHANSKY, B. Development of sex role transcendence. Human Development, 1975, 18, 143-158.
- HEILBRUN, A.B. Sex role, instrumental-expressive behavior, and psychopathology in females. Journal of Abnormal Psychology, 1968, 73, 131-136.
- _____. Measurement of masculine and feminine sex role identities as independent dimensions. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1976, 44, 183-190.
- HEILBRUN, C.G. Toward a recognition of androgyny. New York, Knopf, 1973.

- HELMREICH, R.L., SPENCE, J.T. & HOLAHAN, C. K. Psychological androgyny and sex role flexibility: a test of two hypotheses. *Personality and Social Psychology*, 1979, 37(10), 1631-1644.
- HELMREICH, R.L., WILHELM, J. & STAPP, J. Life History Questionnaire (short form): instrument, norms, and intercorrelations. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, 1975, 5, 327 (Ms.No.1098).
- HELSON, R. Personality characteristics and developmental history of creative college women. *Genetic Psychology Monographs*, 1967, 76, 205-256.
- HENLEY, N.B. Body politics: power, sex, and nonverbal communication. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1977.
- HOFFMAN, L.W. Early childhood experiences and women's achievement motives. *Journal of Social Issues*, 1972, 28(2), 129-155.
- HOLAHAN, C.K. & SPENCE, J.T. Desirable and undesirable masculine and feminine traits in counseling clients and unselected students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1980, 48(2), 300-302.
- HOTTES, J. & KAHN, A. Sex differences in a mixed-motivated conflict situation. *Journal of Personality*, 1974, 42, 260-273.
- HRABA, J. & GRANT, G. Black is beautiful- a reexamination of racial preference and identification. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1970, 16, 398-402.
- ICKES, W. & BARNES, R.D. The role of sex and self-monitoring in unstructured dyadic interactions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1977, 35, 315-330.
- _____ . Boys and girls together - and alienated: on enacting stereotyped sex role in mixed-sex dyads. *Personality and Social Psychology*, 1978, 36(7), 669-683.

- JONES, W.H., CHERNOVETZ, M. E. O'C. & HANSSON, R.O. The enigma of androgyny: differential implications for males and females? *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1978, 46(2), 298-313.
- KAGAN, J. Acquisition and significance of sex-typing and sex-role identity. In M.L. Hoffman and L.W. Hoffman (Eds.), *Review of child development research*. Vol. 1. New York: Russel Sage Foundation, 1964.
- KAPLAN, A.G. Androgyny as a model of mental health for women : from theory to therapy. In A.G. Kaplan & J.P. Bean(Eds.), *Beyond sex-role stereotypes: readings toward a psychology of androgyny.* Boston: Little, Brown, 1976.
- KAPLAN, A.G. & BEAN, J.P. Beyond sex-role stereotypes: readings toward a Psychology of androgyny. Boston: Little, Brown, 1976.
- KELLY, J.A., CAUDILL, M.S., HATHORN, S. & O'BRIEN, C.G. Socially undesirable sex-correlated characteristics: implications for androgyny and adjustment . *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1977, 45(6), 1185-1186.
- KELLY, J.A., FURMAN, W. & YOUNG, V. Problems associated with the typological measurement of sex roles and androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1978, 46(6), 1574-1576.
- KELLY, J.A. & WORELL, L. Parent behaviors related to masculine, feminine, and androgynous sex role orientations. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1976, 44(5), 843-851.
- KELLY, J.A. & WORREL, J. New formulations of sex roles and androgyny: a critical review. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1977, 45(6), 1101-1115.
- KERCHKOFF, A.C. Early antecedents of role taking and role playing ability. *Merril-Palmer Quarterly*, 1969, 15, 229-247.

- KITAY, P.M. A comparison of the sex in their attitudes and beliefs about women. Sociometry , 1940, 34, 399-407.
- KOGAN, N.S., QUINN, R., AX, A.F. & RIPLEY, H.S. Some methodological problems in the quantification of clinical assessment by Q array. Journal of Consulting Psychology, 1957, 21, 57-62.
- KOHLBERG, L. A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. In E.E. Maccoby (Ed.), The development of sex differences. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1966.
- _____. Stage and sequence: the cognitive - developmental approach to socialization. In D.A. Goslin (Ed:), Handbook of Socialization. theory and research. Chicago: Rand McNally, 1969, 347 - 480.
- KOMAROVSKY, M. Cultural contradictions and sex roles. American Journal Sociology, 1946, 52, 184-189.
- _____. Functional analysis of sex roles. American Sociological Review, 1950, 15, 508-516.
- _____. Blue-collar marriage. New York: Randon House, 1967.
- LAMBERT, W.E., YACKLEY, A. & HEIN, R.N. Child training values of English Canadian and French Canadian parents. Canadian Journal of Bahavioural Science, 1971, 3, 217-236.
- LANSKY, L.M. The family structure also affects the model: sex-role attitudes in parents of preschool children. Merril-Palmer Quartely, 1967, 13, 139-150.
- LEVENTHAL, G.S. Influence of brothers and sisters on sex - role behavior. Journal of Personality and Social Psychology, 1970, 16(3), 452-465.
- LOCKSLEY, A. & COTLEN, M.E. Psychological androgyny: a case of mistaken identity? Journal of Personality and Social Psychology, 1979, 37(6), 1017-1031.

- LYNN, D.B. A note on sex differences in development of masculine and feminine identification. Psychological Review, 1959, 66, 126-135.
- MACBRAYER, C.T. Differences in perception of the opposite sex by males and females. Journal of Social Psychology, 1960, 52, 209-314.
- MACCOBY, E.E. Role-taking in childhood and its consequences for social learning. Child Development, 1959, 30, 239-252.
- _____. Sex differences in intellectual functioning. In E.E. Maccoby (Ed.), The development of sex differences. Stanford, California: Stanford University Press, 1966.
- MACCOBY, E.E. & JACKLIN, C.N. The psychology of sex differences. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1974.
- MCDAVID, J.W. e HARARI, H. Psicologia e comportamento social. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 1980.
- McKEE, J.P. & SHERRIFFS, A.C. The differential evaluation of males and females. Journal of Personality, 1957, 25, 356-371.
- _____. Men's and women's beliefs, ideas, and self-concepts- American Journal of Sociology, 1959, 64, 356-363.
- MARKUS, H. Self-schemata and processing information about the self - Journal of Personality and Social Psychology, 1977, 35 (2), 63-78.
- MEAD, M. Male and Female. New York: William Morrow and Co., 1949.
- MEHRABIAN, A. Nonverbal communication. Chicago: Aldine, 1974.
- MISCHEL, H.N. Sex bias in the evaluation of professional achievements. Journal of Educational Psychology, 1974, 66, 157-166.

- MISCHEL, W. A social-learning view of sex differences in behavior. In E.E. Maccoby (Ed.), The development of sex differences. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1966.
- _____. Sex-typing and socialization. In Paul H. Mussen (Ed.), Carmichael's manual of child psychology. New York: Willey, 1970, vol. 2, 3-72.
- MISCHEL, W. & GRUSEC, J. Determinants of rehearsal and transmission of neutral and aversive behaviors. Journal of Personality and Social Psychology, 1966, 3, 197-205.
- MONAHAN, L., KUHN, D. & SHAVER, P. Intrapsychic versus cultural explanations of the "fear of success" motive. Journal of Personality and Social Psychology, 1974, 29(1), 60-64.
- MONTEMAYOR, R. Children's performances in a game and their attraction to it as a function of sex-typed labels. Child Development, 1974, 45, 152-156.
- MOSS, H.A. Sex, age, and state as determinants of mother-infant interaction. Merrill-Palmer Quarterly, 1967, 13, 19-36.
- MOULTON, R.W., BURNSTEIN, E., LIBERTY, P.G. & ALTUCHER, N. Patterning of parental affection and disciplinary dominance as a determinant of guilt and sex typing. Journal of Personality and Social Psychology, 1966, 4(4), 356-363.
- MUSSEN, P.H. Some antecedents and consequents of masculine sex-typing in adolescent boys. Psychological Monographs, 1961, 75, 506.
- _____. Long-term consequents of masculinity of interests in adolescence. Journal of Consulting Psychology, 1962, 26(5), 435-440.
- NUNNALLY, J.C. Psychometric theory. New York: McGraw-Hill, 1967.

- O'CONNOR, K., MANN, D.W. & BARDWICK, J.M. Androgyny and self-esteem is the upper-middle class: a replication of Spence. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1978, 46(5), 1168-1169.
- PALME, O. The emancipation of male. Journal of Social Issues, 1972, 28(2), 237-246.
- PARSONS, J.E., RUBLE, D.N., HODGES, K.L. & SMALL, A.W. Cognitive developmental factors in emerging sex differences in achievement related expectancies. Journal of Social Issues, 1976, 32, 47-61.
- PARSONS, T. Age and sex in the social structure. In R.L. Coser (Ed.), The family, its structure and functions. New York: St. Martin's Press, 1964.
- PARSONS, T. & BALES, R.F. Family socialization and interaction process. Glencoe, Ill: Free Press, 1955.
- PEDHAZUR, E.J. & TETENBAUM, T.J. Bem sex-role Inventory: a theoretical and methodological critique. Journal of Personality and Social Psychology, 1979, 37(6), 996-1016.
- PERRY, G.D. & BUSSEY, K. The social learning theory of sex differences: imitation is alive and well. Journal of Personality and Social Psychology, 1979, 37(10), 1966-1712.
- PHETERSON, G., KIESLER, S. & GOLDBERG, P. Evaluation of the performance of woman as a function of their sex, achievement and personal history. Journal of Personal and Social Psychology, 1971, 19, 114-118.
- PIACENTE, B.S. Women as experimenters. American Psychologist, 1974, 29, 256-529.
- PILKONIS, S.P. The behavioral consequences of shyness. Journal of Personality, 1977, 45, 596.

- PLECK, J.H. Masculinity-femininity: current and alternative paradigms. *Sex Roles*, 1975, 1, 161-178.
- _____. The male sex role: definitions, problems and sources of change. *Journal of Social Issues*, 1976, 32 (3), 155-164.
- POLK, B.B. Male power in the women's movement. *Journal of Applied Behavioral Science*, 1974, 10, 415-431.
- RADKE, M., SUTHERLAND, J. & ROSENBERG, P. Racial attitudes of children. *Sociometry*, 1950, 13, 154-171.
- REBECCA, M., HEFNER, R. & OLESHANSKY, B. A model of sex-role transcendence. *Journal of Social Issues*, 1976, 32 (3), 197-206.
- RODRIGUES, A., e colaboradores. Manual para as escalas de Personalidade Comrey. Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia da PUC/RJ, Setor de Testes e Medidas, 1973.
- ROSEN, B. & JERDEE, T.H. The influence of sex-role stereotypes on evaluations of male and female supervisory behavior. *Journal of Applied Psychology*, 1973, 57, 44-48.
- ROSENBERG, B.G. & SUTTON-SMITH, B. Family interaction effects on masculinity-femininity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1968, 8 (2), 117-120.
- ROSENKRANTZ, P.S., VOGEL, S.R., BEE, H. & BROVERMAN, I.K. Sex-role stereotypes and self-concepts in college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 1968, 32(3), 287-295.
- RUBIN, J.Z., PROVENZANO, F.J., & LURIA, Z. The eye of the beholder: parents' views on sex of newborns. *American Journal of Orthopsychiatry*, 1974, 44, 512-519.

- RUBLE, D.N., FRIEZE, I.H. & PARSONS, J.E. Sex roles: persistence and change. Journal of Social Issues, 1976, 32(3), 1-5.
- RUBLE, D.N. & HIGGINS, E.T. Effects of group sex composition on self-presentation and sex-typing. Journal of Social Issues, 1976, 32(3), 125-132.
- RUSSELL, G. The father role and its relation to masculinity, femininity, and androgyny. Child Development, 1978, 49, 1174 - 1181.
- SEARS, R.R. Identification as a form of behavioral development. In D.B. Harris (Ed.), The concept of development. Minneapolis. University of Minnesota Press, 1957.
- _____. Relations of early socialization experiences to self-concepts and gender role in middle childhood. Child Development, 1970, 41, 267-289.
- SEARS, R.R., MACCOBY, E.E. & LEVIN, H. Patterns of child rearing. Evanston, Ill.: Row, Peterson, 1957.
- SECOR, C. Androgyny: an early reappraisal. Women's Studies, 1974, 2, 161-169.
- SEWARD, G.H. Sex and the social order. New York: MacGraw - Hill, 1946
- SEWARD, G.H. & LARSON, W.R. Adolescent concepts of social sex roles in the United States and the two Germanies. Human Development, 1968, 11, 217-248.
- SHAFFER, D.R. Social Psychology from a Social-developmental perspective. In C. Hendrick (Ed.), Perspectives on Social, Psychology. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1977.
- SHERMAN, J.A. On the psychology of woman: a survey of empirical studies. Springfield, Ill.: Charles C. Thomas, 1971.

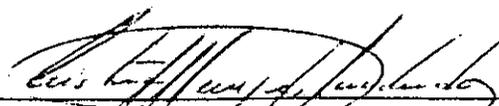
- _____. Social values, femininity, and the development of female competence. Journal of Social Issues, 1976, 32(3), 181-195.
- SHERRIFFS, A.C. & JARRET, R.F. Sex differences in attitudes about sex differences. Journal of Psychology, 1953, 35, 161-168.
- SHERRIFFS, A.C. & MCKEE, J.P. Qualitative aspects of beliefs about men and women. Journal of Personality, 1957, 25, 451-464.
- SINGER, J. Androgyny: toward a new theory of sexuality. New York: Anchor Books, 1977.
- SLATERS, P. Parental role differentiation. American Journal of Psychology, 1961, 67, 296-311.
- SMITH, A. Age and sex differences in children's opinions concerning sex differences. Journal of Genetic Psychology, 1939, 54, 17-25.
- SMITH, M.B.A. A map for the analyses of personality and politics. Journal of Social Issues, 1968, 24(3), 15-28.
- SPENCE, J.T. & HELMREICH, R.L. Masculinity and femininity: their psychological dimensions, correlates, and antecedents. Austin: University of Texas Press, 1978.
- _____. The many faces of androgyny: a reply to Locksley and Colten. Journal of Personality and Social Psychology, 1979, 37(6), 1032-1046.
- SPENCE, J.T., HELMREICH, R.L. & HOLAHAN, C.K. Negative and positive components of psychological masculinity and femininity and their relationships to self-reports of neurotic and acting out behaviors. Journal of Personality and Social Psychology, 1979, 37(10), 1673-1682.

- SPENCE, J.T., HELMREICH, R.L. & STAPP, J. The Personal Attributes Questionnaire: A measure of sex-role stereotypes and masculinity-femininity. JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology, 1974, 4,43. (Ms.No.617).
- _____. Ratings of self and peers on sex role attributes and their relation to self-esteem and conceptions of masculinity and femininity. Journal of Personality and Social Psychology, 1975, 32, 29-39.
- STEIN, A.H., POHLY, S.R. & MUELLER, E. The influence of masculine, feminine and neutral tasks on children's achievement behavior, expectancies for success, and attainment values. Child Development, 1971, 42, 195-207.
- STEIN, A.H. & SMITHELLS, J. Age and sex differences in children's sex-role standards about achievement. Developmental Psychology 1969, 1, 252-259.
- STIMPSON, C.R. The androgyne and the homosexual. Women's studies, 1974, 2, 237-248.
- STOLLER, R. The sense of femaleness. In J.B. Miller(Ed.), Psychoanalysis and women. New York: Bruner Mazel, 1973.
- STORMS, M.D. Sex role identity and its relationships to sex role attributes and sex role stereotypes. Journal of Personality and Social Psychology, 1979, 37(10), 1779-1789.
- STRAHAN, F. Remarks on Bem's measurement of psychological androgyny: alternatives, methods and a supplementary analysis. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1975, 43, 568-571.
- STRODTBECK, F.L. & MANN, R.D. Sex role differentiation in jury deliberation. Sociometry, 1956, 19, 3-11.

- STROUSE, J. Woman and analysis, Dialogues on Psychoanalytic Views of Femininity. New York; Dell Publishing Co., 1974.
- SUTTON-SMITH, B. & ROSENBERG, B.G. Age changes in the effects of ordinal position on sex-role identification. Journal of Genetic Psychology, 1965, 107, 61-73.
- _____. The sibling. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1970.
- TASCH, R.J. The role of the father in the family. Journal of Experimental Education, 1952, 20, 319-361.
- TAVRIS, C. & OFFIR, C. The longest war: sex differences in perspective. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc., 1977.
- THOMPSON, N.L., Jr., SCHAWARTZ, D.M., MCCANDLESS, R. & EDWARDS, D.A. Parentchild relationships and sexual identity in male and female homosexuals and heterosexuals. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1973, 41(1), 120-127.
- TIGER, L. Men in groups. New York: Random House, 1969.
- VEROFF, J., WILCOX, S. & ATKINSON, J.W. The achievement motive in high school and college age women. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1953, 48, 108 - 119.
- WAKEFIELD, J.A., Jr., SASEK, J., FRIEDMAN, A.F. & BOWDEN, J.D., Androgyny and other measures of masculinity-femininity. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1976, 44(5), 766-770.
- WEBB, A.P. Sex-role preferences and adjustment in early adolescents. Child Development, 1963, 34, 609-618.
- WESLEY, F. & WESLEY, C. Sex-role psychology. New York: Human Sciences Press, 1977.
- WHITE, L., Jr. Educating our daughters. New York: Harper, 1950.

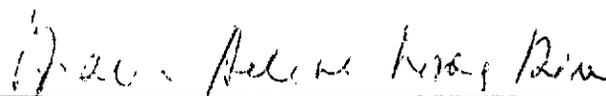
- WHITING, J.W.M. & CHILD, I.L. Child training and personality. New Haven: Yale University Press, 1953.
- WIENER, M., BLUMBERG, A. SEGMAN, S. & COOPER, A. A judgment of adjustment by psychologists, psychiatric social workers, and college students, and its relationship to social desirability. Journal of Abnormal and Social Psychology, 1959, 59, 315-321.
- WIGGINS, J.S. & HOLZMULLER, A. Psychological androgyny and interpersonal behavior. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1978, 46, 40-52.
- WILLIAMS, T.E., BENNETT, S.M. & BEST, D.H. Awareness and expression of sex stereotypes in young children. Developmental Psychology, 1975, 11, 635-642.
- WORELL, J. Sex roles and psychological well-being: perspectives on methodology. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1978, 46(4), 777-791.
- WYLIE, R. The self concept. Lincoln: University of Nebraska Press, 1961.
- ZELDOW, P.B. Psychological androgyny and attitudes toward feminism. Journal of Consulting and Clinical Psychology, 1976, 44, 1, 150.
- ZIGLER, E. & CHILD, I.L. Socialization. In G. Lindzey & E. Aronson (Eds.), The handbook of Social Psychology. Massachusetts : Addison Wesley, 1979.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



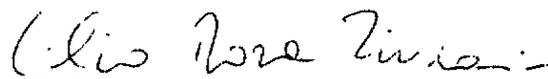
Cristina Menezes Quadrado
Orientadora

PUC/RJ - Deptº de Psicologia



Maria Helena Novaes Mira

PUC/RJ - Deptº de Psicologia

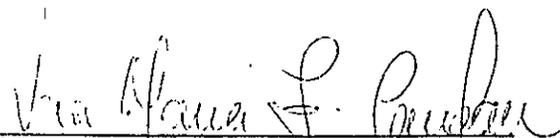


Cilio Ziviani

PUC/RJ - Deptº de Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 5 de abril de 1982.



Vera Maria Ferrão Candau

Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas.

Foi antes de seu nascimento que disseram a seus pais as coisas que faziam ele ter de ser percipitado em direção a seu destino, isto é, exposto pendurado por um pé, logo que tivesse nascido. É a partir deste ato inicial que ele realiza seu destino. Tudo está, pois, desde então escrito, e realiza-se até o fim, inclusive até que Édipo, através de seu ato, o assumisse⁶³.

Considerando a história de Édipo, a cura psicanalítica não implica numa promessa de felicidade e tampouco numa prescrição de normas. Lacan propõe como princípio ético "não ceder quanto ao desejo", uma vez que "a única culpa que pode haver é ceder com relação ao próprio desejo"⁶⁴.

Nessa vertente, a cura se opera a medida em que permite ao sujeito alcançar a significação retroativa ao que se sobredeterminou em sua experiência. Em "Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise", Lacan sustenta a operacionalidade deste objetivo de acordo com o próprio fundamento da hipótese freudiana do inconsciente, afirmando:

O inconsciente é essa parte do discurso concreto enquanto transindividual, que falta na disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente⁶⁵.

NOTAS DO CAPÍTULO 5

- ¹ LACAN, J. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 280.
- ² FREUD, S. A interpretação de sonhos. Rio de Janeiro, Imago, 1975, v. V, pp. 636-637.
- ³ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 35.
- ⁴ LACAN, J. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 280.
- ⁵ LACAN, J., Op. cit., p. 283.
- ⁶ Tomamos de empréstimo esta terminologia que é utilizada por Juranville.
- ⁷ LACAN, J., R.S.I. Ornicar. 3, 11-37, 1981.
- ⁸ LACAN, J., Lo simbólico, lo imaginario y lo real (1953). Revista Argentina de Psicología. Buenos Aires, Nueva Vision, 1976.

9 À medida da importância do estatuto do objeto a na visada de Lacan, consideramos da maior relevância os esclarecimentos que Nasio nos oferece a esse respeito: "Seria errôneo crer que a invenção lacaniana do objeto a nasceu apenas de uma firme vontade de formalizar a psicanálise. Se o objeto a não é outra coisa senão um nome, é também por impotência; impotência da psicanálise em resolver este enigma central em torno do qual se organiza incontestavelmente o campo de nossa prática, ou seja: como se satisfaz, como goza o corpo vivo de um ser capaz de inconsciente? Isto é, como goza o corpo do ser que não somente fala mas é também falado? ... O objeto a nasce da impossibilidade da psicanálise em responder exatamente esta questão sobre o gozo... No fundo, a gênese lacaniana do objeto a depende de um processo frequente no procedimento científico: batizar a dificuldade ao invés de resolvê-la, introduzir um nome no lugar de uma solução". Nasio, J.D. Os olhos de Laura. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991, p. 56.

10 LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 115.

12 MAGNO, M.D. O pato lógico. Rio de Janeiro, Aouta, 1986, p. 23.

12 COUTINHO JORGE, M.A. Roteiro do pleroma: outra passagem de Freud. Clínica Psicanalítica. 3, 117-198, 1988.

- ¹³ LACAN, J., A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 76.
- ¹⁴ Ibidem.
- ¹⁵ Ibidem
- ¹⁶ LACAN, J. Op. cit.
- ¹⁷ JURANVILLE, A. Lacan e a filosofia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987, p. 78.
- ¹⁸ JURANVILLE, A. Op. cit., p. 79.
- ¹⁹ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 28.
- ²⁰ LACAN, J., Op. cit., p. 27.
- ²¹ LACAN, J. op. cit.
- ²² NASIO, J.D. Formações do objeto a. Paris, 1983 (texto mimeografado).
- ²³ NASIO, J.D. A criança magnífica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1980, p. 57.
- ²⁴ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.

Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 176.

²⁵ LACAN, J., Op. cit., p. 175.

²⁶ Ibidem

²⁷ LACAN, J. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p. 265.

²⁸ COUTINHO JORGE, M.A. Sexo e discurso em Freud e Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988, p. 33.

²⁹ Em sua configuração imaginária, o objeto a nos remete também à própria concepção de Freud a respeito da fantasia, enquanto uma realização imaginária do desejo. Nesta se estabelece uma certeza para o sujeito em relação ao objeto. É esta certeza que fornece consistência a uma realidade que se sustenta como necessária para elidir a castração. A fantasia torna-se a complementação imaginária do sujeito.

³⁰ LACAN, J. El estadio del espejo como formador de la función del yo [je] tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica (1949). In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1988. v. 1.

³¹ LACAN, J., Op. cit.

- ³² LACAN, J., Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- ³³ LACAN, J. El estadio del espejo como formador de la función del yo [je] tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica (1949). In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1988, v. 1.
- ³⁴ LACAN, J., O eu na teoria e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p. 63.
- ³⁵ LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 96.
- ³⁶ LACAN, J. O eu na teoria e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 306.
- ³⁷ NASIO, J.D. Formações do objeto a. Paris, 1983 (texto mimeografado). p. 8.
- ³⁸ Ibidem.
- ³⁹ LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 165.
- ⁴¹ LACAN, Op. cit., p. 314
- ⁴² LACAN, Op. cit., p. 166

- ⁴³ LACAN, Op. cit., p. 148
- ⁴⁴ LACAN, J. O eu na teoria e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 307.
- ⁴⁵ LACAN, J. As psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p. 308.
- ⁴⁶ LACAN, J. O eu na teoria e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 308.
- ⁴⁷ LACAN, J. Las formaciones del inconsciente (1958). Buenos Aires, Nueva Vision, 1982.
- ⁴⁸ LACAN, J. op. cit.
- ⁴⁹ LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960) In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- ⁵⁰ LACAN, J. Op. cit., p. 100
- ⁵¹ AN, J. Las formaciones del inconsciente (1958). Buenos Aires, Nueva Vision, 1982.
- ⁵² LACAN, J. Op. cit.

- ⁵³ LACAN, J. A significação do falo (1958). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo., Perspectiva, 1978, p. 268.
- ⁵⁴ LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 314.
- ⁵⁵ LACAN, J. A relação de objeto. Seminário 1956-1957. (texto mimeografado).
- ⁵⁶ LACAN, J. Las formaciones del inconsciente. Buenos Aires, Nueva Vision, 1982.
- ⁵⁷ LACAN, J. Op. cit.
- ⁵⁸ LACAN, J. Op. cit.
- ⁵⁹ LACAN, J. O eu na teoria e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 281.
- ⁶⁰ Introduzimos aqui apenas os elementos mais gerais que sob a influência da função fálica estruturam o estilo neurótico de lidar com a falta, na medida em que este trabalho limita-se a este terreno. Deste modo as vicissitudes da função fálica em relação à perversão e à psicose não serão tratadas neste momento.
- ⁶¹ LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 383.

⁶² LACAN, J. Op. cit. p. 10

⁶³ LACAN, J. O eu na teoria e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 289.

⁶⁴ LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, Editor, 1986.

⁶⁵ LACAN, J. Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, perspectiva, 1978, p. 123.

CAPÍTULO 6

O INCONSCIENTE: UM CORTE EM ATO

6.1. O SUJEITO DO INCONSCIENTE

Revisitando Freud, o primeiro passo de Lacan é resgatar a especificidade do uso da palavra na análise. Em seu "Discurso de Roma", considerado como um manifesto da postura radical que passa a assumir e também como a pedra angular de suas teorizações, Lacan declara:

Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida, nem portanto corretamente aplicada, se se desconhece os conceitos que a fundam. Nossa tarefa será de demonstrar que esses conceitos não tomam sentido pleno senão ao se orientarem num campo de linguagem, senão ao se ordenarem à função da fala"¹.

Ou seja, a questão primordial nesta passagem é já apontar para o fato de que o uso da regra fundamental na análise é indissociável da concepção de inconsciente que vigora para

aquele que a enuncia.

É deste modo que Lacan propõe o resgate da autenticidade da experiência freudiana, apoiando-se inteiramente na relação que esta estabeleceu entre o inconsciente e a linguagem. Não seria demasiado lembrar que esta relação se sustentava "graças e apesar" da transferência.

A esse respeito, Lacan destaca a importância fundamental do estudo realizado por Freud das formações do inconsciente na "*Traumdeutung*", na "Psicopatologia da Vida Cotidiana" e "Os Chistes e sua relação com o inconsciente".

Conforme já examinamos anteriormente, estas formações demonstram de modo inequívoco o fato de que o inconsciente lança mão de uma verdadeira retórica em sua elaboração do desejo recalcado.

Neste retorno ao inconsciente freudiano, Lacan lança sua tese fundamental: "o inconsciente é estruturado como uma linguagem"².

Esta tese além de radicalizar a subversão do sujeito operada por Freud, ilustra a filiação de Lacan à antropologia estrutural de Lévi-Strauss e à linguística de Saussure. Lacan declara ter percebido "que era difícil não entrar na linguística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto"³.

Todavia, faz a ressalva de que o inconsciente não pertence ao campo da linguística e que a estrutura em análise diz respeito ao vivo da experiência, que coloca em cena justamente o que a linguística exclui: o sujeito do inconsciente. Para diferenciar o que em sua tese é definido como linguagem, da linguística, forja a palavra linguisteria.

Lacan afirma ser o inconsciente totalmente determinado pela ordem simbólica que pré-existe ao sujeito: o homem é determinado por uma linguagem em forma de língua que fala em seu lugar.

Daí sua afirmação do inconsciente como discurso do Outro. Esse Outro é o lugar do código, da língua, do tesouro dos significantes, onde o infans vem a se inserir e também implica nos efeitos produzidos no momento em que ele assume sua própria fala — sua alíngua — e se insere na lei paterna como sujeito desejante.

Alíngua⁵ é o termo que Lacan utiliza para discriminar a psicanálise da linguística. Alude à própria estrutura discursiva (sintomática) do sujeito, isto é, sua posição desejante — justamente aquela que a análise visa destacar, visto ser alíngua o que resulta da articulação entre a língua que o precede e a utilização concreta e individual que ele dela faz.

A linguagem é portanto, a causa introduzida no sujeito, o que implica na afirmativa de Lacan de que o desejo é o desejo do Outro.

Antes mesmo de seu nascimento e no momento deste, o ser humano sofre os efeitos do simbólico — é marcado por um nome, é dito de um sexo ou outro, pertence a determinado grupo, etc.

É importante ressaltar que Lacan não se preocupa apenas em descrever esta ordem simbólica enquanto pré-existente, mas com os seus efeitos no sujeito — objeto mesmo da análise. Lacan evoca então, que

A psicanálise devia ser a ciência da

linguagem habitada pelo sujeito. Na perspectiva freudiana, o homem é o sujeito preso e torturado pela linguagem⁶.

Temos que justamente este primeiro efeito do símbolo no sujeito é o de fazer comparecer a morte: o símbolo mata a coisa — o símbolo é presença feita de ausência. Ou seja, o próprio fato do sujeito receber um nome que passa a representá-lo já produz o seu apagamento, aí introduzindo-se a morte como amo absoluto.

Já se evidencia assim que a tese de Lacan promove não somente uma releitura da primeira tópica freudiana. Ao contrário, seu enunciado articula-se à segunda tópica, levando em alta consideração aquilo que justamente impôs a Freud a necessidade de construí-la: a pulsão de morte.

É graças a esta dupla referência que a tese de Lacan possibilita desfazer a ambiguidade de certas leituras realizadas do texto freudiano, que praticamente consideravam como possível, o recobrimento do inconsciente pela consciência.

Fundamentalmente, a tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem corresponde à uma teoria do sujeito: aquele que fala além do eu.

Ao considerar o inconsciente como o discurso do Outro e sobredeterminado pela ordem simbólica, Lacan compara o inconsciente ao funcionamento de uma máquina. Uma máquina complexa sem dúvida.

Por que uma máquina e ao mesmo tempo que especificidade possui esta máquina ?

Primeiramente, porque trata-se de que nela existe algo que atua como um *QUOD* — o *Id* — a lançar um "o que será que é" ?⁷.

Numa máquina não humana "isso" não se coloca. Existe apenas um código que não reivindica nada — para ela não se coloca um "ser ou não ser" como questão.

No entanto para o sujeito o tal *QUOD* insiste, pressiona e lhe demanda respostas. Cabe a ele dar um sentido a "isso" — "no homem a escansão está viva", mesmo quando a fala encontra-se suspensa⁸.

O inconsciente pode ser tomado então como uma espécie de circuito no qual o sujeito está integrado e é deste modo que Lacan pensa a ordem simbólica como articulada a um automatismo — automatismo da repetição — *Automaton*.

A ordem simbólica ao mesmo tempo não- sendo e insistindo para ser, eis o que visa Freud quando nos fala do instinto de morte como o que há de mais fundamental — uma ordem simbólica em pleno parto, vindo, insistindo para ser realizada ⁹

A partir destas considerações, Lacan define a tópica do inconsciente pelo algoritmo $\frac{S}{S}$. Este algoritmo é uma revisão do conceito saussuriano de signo que se escreve $\frac{S}{S}$. Enquanto neste o significado é colocado em primeiro lugar em relação ao significante, em Lacan a primazia é dada do significante¹⁰.

Além desta inversão, Lacan ressalta o valor da barra que os separa. Enquanto para Saussure esta representa um

relacionamento, para Lacan a barra representa uma resistência, marcando a divisão do sujeito entre a cadeia de representações recalçadas e a instância da palavra falada¹¹. Ou seja, a barra marca a distinção entre o eu do enunciado e o eu da enunciação.

Dai o efeito de espanto e surpresa que marca a experiência do inconsciente. O que vem do inconsciente aparece não somente como externo, como também estranho e estrangeiro, surgindo como pura exterioridade. Esta no entanto, não deve ser entendida como um dentro e um fora. Formulando uma lógica do significante e apoiando-se na topologia, Lacan fala de uma exterioridade que é interna ao próprio sujeito.

Sublinha que a elaboração onírica enquanto o primeiro modelo da formação do sintoma introduzido por Freud, se parece muito com uma análise lógica e gramatical:

Eis o registro que é o nível normal do trabalho freudiano. É o mesmo registro que faz da linguística a ciência mais avançada das ciências humanas, se é verdade que queremos reconhecer apenas que o que distingue a ciência positiva, a ciência moderna, não é a quantificação, mas a matematização e nomeadamente combinatoria, isto é, linguística, incluindo a série e a recorrência¹².

Com o algoritmo $\frac{S}{E}$, destaca-se a autonomia do significante em relação ao significado, demonstrando-se a impossibilidade de uma relação bi-unívoca entre ambos. O significante se define na oposição significante, de cuja

confrontação com outros faz surgir um efeito de sentido.

A autonomia dada ao significante não implica em suprimir a referência ao significado, mas antes, apontar sua dependência para com o jogo significante, cujo caráter autônomo esburaca permanentemente o sentido.

Dá Lacan falar em cadeia significante — a matriz mínima da linguagem é um significante depois do outro e o mínimo do significante é o par $S_1 - S_2$. A lógica combinatória que daí resulta, implica na definição de que "o significante é o que representa o sujeito para outro significante"¹³.

O significante, enquanto uma inscrição de marcas diferenciais, discrimina-se do signo, definido como "aquilo que representa algo para alguém" e implica num sentido já dado¹⁴.

A importância desta revisão da teoria do signo é assim afirmada por Lacan:

A estruturação, a existência lexical do conjunto do aparelho significante são determinantes para os fenômenos presentes na neurose, pois o significante é o instrumento com o qual se exprime o significado desaparecido. É por essa razão que ao chamar a atenção para o significante, nada mais fazemos do que retornar ao ponto de partida da descoberta freudiana¹⁵.

Com efeito, no sonho a imagem em si não é portadora de significado, como já demonstrara Freud e é agora lembrado por Lacan. O deslizamento constante do significado sob o significante concorre para que o seu sentido sempre escape ao

sujeito, tal como ocorre no sintoma.

Os mesmos processos responsáveis pela distorção onírica: condensação e deslocamento, se entrecruzam no discurso do paciente na análise. Lacan os assimila respectivamente, a metáfora e à metonímia. Aproveitemos para examinar melhor, no eixo paradigmático/sintagmático, o papel que aí desempenham a metáfora e a metonímia, através das fórmulas propostas por Lacan:

1. Fórmula da metonímia

$$f(S \dots S') S \cong S (-) s$$

Nesta, designa-se que a função reside na conexão de um significante novo com um antigo, por uma relação de contiguidade onde o novo substitui o antigo, manifestando a manutenção da barra, conforme indica o sinal (-) da fórmula. O significante elidido equivale ao não-dito do desejo inconsciente e implica no seu deslizamento infinito na cadeia eterno desejo de outra coisa — "elisão pela qual o significante instala a carência do ser na relação de objeto"¹⁶.

2. Fórmula da metáfora

$$f\left(\frac{S'}{S}\right) S \cong S (+) s$$

Temos agora, que a substituição se opera de modo a

produzir um efeito de significação — de "poesia ou criação" — indicado pelo sinal (+), como transposição da barra. Ao ser substituído um significante por outro, o significante oculto permanecerá presente pela sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia¹⁷. "Vê-se que a metáfora se situa no ponto preciso em que o sentido se produz no sem-sentido"¹⁸.

Pelo deslizamento constante das significações, a estrutura da metonímia convoca a falta-a-ser, remetendo o sujeito de um significante a outro, de uma forma "aparentemente" infinita. A manutenção da barra mantém a significação latente, demonstrando o caráter sempre alusivo do desejo.

Por outro lado, a estrutura da metáfora oferece, pela suspensão da barra, a criação de um sentido novo que indica o lugar do sujeito. A estrutura substitutiva da metáfora é portanto a mesma do sintoma. Daí Lacan afirmar que todo sintoma é uma metáfora:

O mecanismo a duplo gatilho da metáfora é precisamente o mesmo em que se determina o sintoma. Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir, passa a centelha, que se fixa num sintoma, a significação inacessível ao sujeito consciente¹⁹.

O sintoma como representante da insistência do desejo na cadeia significante, é aquilo que marca e revela o estilo do sujeito lidar com a castração. Compreendido sempre a partir do eixo condensação-deslocamento, o sintoma remete à estruturação

metafórica do sujeito e seu ingresso na significação fálica do desejo²⁰.

Temos então, que as figuras da metáfora e da metonímia, desenvolvidas numa aproximação aos mecanismos de condensação e deslocamento, já proposta por Freud, operam como representação da insistência repetitiva do desejo no inconsciente:

É na cadeia do significante que o sentido insiste; mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação da qual ele é capaz no momento mesmo²¹.

A autonomia do significante determina assim, toda a importância que a dimensão do equivoco adquire na análise, onde o ato falho pode ser tomado como um paradigma, afirmando-se enquanto um ato bem sucedido. Ao mesmo tempo que este ato passa a indicar o lugar do sujeito, ele o coloca em questão, fazendo comparecer o Outro em sua radical alteridade.

Nesta perspectiva, vemos confirmada a advertência de Freud quanto aquilo que especifica a psicanálise: o uso da palavra e de seus efeitos sobre o sujeito:

O que essa estrutura da cadeia significante descobre, é a possibilidade que eu tenho — justamente na medida em que sua língua é comum a mim e a outros sujeitos, isto é, na medida em que essa língua existe — de me servir dela para significar algo totalmente diferente do que ela diz. função mais digna de ser sublinhada na fala que a de disfarçar o

pensamento (a maioria das vezes indefinível) do sujeito: a saber, a função de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade²².

Recordando a definição de que o "significante é o que representa o sujeito para outro significante", temos então o sujeito concebido como efeito do par S_1 (significante-mestre) — S_2 (o saber do Outro): "o Outro é a dimensão exigida de que a fala se afirme em verdade. O inconsciente é entre eles, seu corte em ato²³.

Dai que não se fala ao sujeito, o sujeito é falado — "Isso fala dele"²⁴ — ou seja, "ele é produzido pelo apelo feito no Outro ao segundo significante", uma vez que não existe na cadeia inconsciente, um significante último que garanta o seu lugar para o Outro.

O poder criador da palavra viva na análise, provém da relação entre significantes, do deslizamento metonímico original de um no outro. O significante oculto permanece presente em sua conexão ao resto da cadeia, o que atesta a eficácia terapêutica da regra fundamental em psicanálise:

O que se exprime no interior do aparelho e do jogo do significante, é algo que sai do fundo do sujeito, que pode chamar-se de seu desejo. Desde o momento em que esse desejo é preso no significante, é um desejo significado²⁵.

6.2. O DISPOSITIVO DA CURA

A dimensão do equivoco há pouco destacada é fundamental para uma avaliação acerca das consequências clínicas da lógica do significante.

De imediato ela possibilitou um profundo questionamento acerca do dispositivo analítico referido a sua estratégia (a da transferência) e à sua tática (a da interpretação), que por sua vez são orientadas por uma política, ligada à orientação doutrinária do analista e conseqüentemente, à própria concepção de cura que nela vigora²⁶.

Trata-se portanto de uma consequência ética que coloca em causa o campo de intervenção do analista a respeito do inconsciente.

Algumas questões intimamente ligadas à eficácia simbólica no dispositivo da cura podem ser levantadas: de que lugar opera o analista? O que visa sua intervenção?

Pontuação e Escansão

A fim de avançar nestas questões, pode-se indicar que elas se articulam ao redor de um ponto nuclear: admitir o inconsciente como um saber — um saber estruturado como uma linguagem.

Diga-se ainda que é um saber que não sabe de si — é um saber que ex-siste ao sujeito; conforme afirma Lacan é um saber que:

Não pensa, não calcula, nem joga, o que não impede de trabalhar, o inconsciente é o trabalhador ideal, trabalha sem mestre⁹⁷.

Ou seja, se há um mestre, na análise definitivamente este não é o analista. Ao relevar esta questão, recorreremos às palavras de Magno — "o analista é um músico":

Mas um músico de amplíssima gama. Há que ser mesmo um Maestro — para se poder devidamente escutar a grande orquestra excêntrica do Outro (A), em sin-fonia, quer dizer, em sincronia com o pequeno solo de cada analisando em questão²⁶.

Difícilmente a nosso entender, poder-se-ia encontrar uma definição que ilustrasse de maneira tão rigorosa (e ao mesmo tempo poética) a valorização da escuta na análise promovida por Lacan.

É justamente por considerar a impropriedade de fazer do inconsciente "um dentro"²⁹, que Lacan promove a escansão como o essencial da escuta analítica.

Em oposição à utilização de um tempo padrão, cronológico, que desconsidera a estrutura de borda do inconsciente, a escansão baseia-se num tempo equivalente do

tempo de produção do sujeito, sempre referido à situação transferencial. Esta deve necessariamente estar ligada também ao tempo e ao seu manejo e não se confunde com uma mera "reprodução" de condutas do passado³⁰.

O questionamento introduzido por Lacan em relação à tática interpretativa, implica no resgate da lógica freudiana do só-depois que corresponde à constituição e eficácia do trauma.

Desdobrando-se em dois tempos, o trauma é concebido pelo comparecimento de duas cenas que se relacionam, sendo que a segunda é que vai conferir eficácia à anterior, concedendo-lhe significância. Este só-depois remete assim, a algo de realmente singular que possibilita a leitura do sintoma e tangencia a fantasia que o determina.

Retomando este esquema da retroação, Lacan pode apontar para sua importância na utilização técnica da associação livre.

Para tanto, considera inicialmente algo que ocorre em qualquer discurso corrente, no qual a significação não resulta apenas do encadeamento dos signos na frase, mas sim, daquilo que justamente está ausente na materialidade significante: a pontuação. Isto implica no fato de que a significação de qualquer mensagem só pode advir ao final de sua formulação quando, por retroação, o sentido da frase enunciada pode ser encontrado.

No entanto a pontuação na análise opera de modo a comover o estatuto subjetivo. Ao contrário de fixar um sentido, visa justamente promover o seu deslocamento, uma vez considerando que o próprio sintoma mantém o sujeito fixado às suas configurações imaginárias (vertente signica do sintoma).

Enquanto uma intervenção mínima do analista, a pontuação, conforme nos diz Pommier, "chama a atenção do analisando para um de seus dizeres e provoca assim, um efeito sujeito"³¹. Ou seja, a pontuação do analista confirma a existência do inconsciente como um terceiro na relação.

Por outro lado a escansão propriamente dita caracteriza-se por seu efeito de corte, como por exemplo, a suspensão da sessão. A escansão "marca uma nova cesura: "recorta a fala segundo um contorno que contraria, induzindo aí um equivoco, a intenção de quem falava"³².

O corte é o instante de um encontro inesperado que "exibe um pouco o osso do real, real impossível de suportar pelo próprio analista ali repentinamente ejetado do seu lugar", conforme escreve Magno³³.

Por isto mesmo Lacan afirma que o analista tem horror ao seu ato — ato este que remete sempre ao real do trauma e à experiência indizível que é a morte. Como define Pommier, a escansão:

Tem pertinência não porque incida sobre as palavras, intervenção sempre fácil e frequentemente gratuita, mas porque possibilita destacar, graças ao saber literal do inconsciente, o sintoma da fantasia que o engendra. A escansão é pertinente se, e apenas se, o equivoco que ela apresenta possibilita uma certa construção da fantasia"³⁴.

O ato de escansão não se confunde assim, com o saber do analista. Ainda que este saber seja essencial para o manejo da

transferência, é a função desejo do analista que comanda o ato escansivo e seus efeitos no processo da análise.

Consequentemente a lógica do significante passa a indicar que a interpretação não pode ser formulada de forma linear. A interpretação psicanalítica não é uma hermenêutica. Justamente o tempo presente do verbo ser no aforisma "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", constitui-se como o elemento capital, trazendo para o espaço do presente, a possibilidade de um novo dizer capaz de produzir uma retificação subjetiva.

Esta relação implica portanto, na questão do tempo na análise: é no só-depois, que o passado guardado na memória da cadeia significante poderá ser jogado de modo a que lhe possa ser dada alguma versão:

Na análise, justamente porque a técnica é eficaz, isso caminha na boa ordem — do futuro ao passado... O inconsciente é algo de quase real. E enfim, é algo que graças ao progresso simbólico na análise, terá sido³⁵.

"Penso onde não sou, sou onde não penso" — a inversão de Lacan da fórmula cartesiana, destaca assim o sujeito, sujeito do inconsciente, aquele que fala além do eu:

O sujeito não é aquele que pensa. O sujeito é propriamente, aquele que engajamos, não, como dizemos a ele para encantá-lo, a dizer tudo — não se pode

dizer tudo — mas a dizer besteiras,
isso é tudo³⁶.

Ou seja, a verdade está sempre no semi-dizer — no dizer entrelinhas que caracteriza o saber inconsciente — verdade que tem estrutura de ficção.

Desejo do Analista e Interpretação

Ao propor o inconsciente como um saber no lugar da verdade — verdade do desejo — Lacan nos possibilita esclarecer que não se trata na análise, de "reconhecer algo que já estaria ali, já dado, pronto para ser cooptado"³⁷.

A verdade não possui especificamente um proprietário. Ela indica antes, a singularidade do sujeito que a nomeou. Lacan diz que basta ler a "*Traumdeutung*" para se dar conta de que Freud jamais acreditou que se poderia alcançar uma verdade toda:

Dizer que a verdade está enlaçada a essas espécies de nós, a essas cadeias que eu faço [RSI], explica precisamente a parte extraviada da busca, na Traumdeutung, do que é verdadeiramente a verdade. A verdade não carece da relação com o que denominei o real, mas se trata de uma relação pouco sólida³⁸.

Nestes termos, o analista passa a ser considerado como fazendo parte do próprio conceito de inconsciente³⁹. Uma vez alienado da verdade de seu desejo o sujeito repete, na presença do analista, sua demanda a um Outro que ele supõe o saber.

Esta perspectiva do analista estar presente no lugar do Outro, coloca em cena a eficácia operativa do conceito de inconsciente. Este passa a ser inseparável da própria presença do analista⁴⁰.

Convocado a ocupar o lugar do Outro, é com sua falta-a-ser que o analista opera e não, com sua pessoa e muito menos a partir de sua contratransferência.

Torna-se assim, impensável que esta posição possa ser mantida por aquele que não tenha atravessado a experiência de se confrontar com sua própria castração. Esta é a condição imprescindível para que possa ser sustentada a neutralidade implícita à função desejo do analista, "ponto-pivô" da análise. Conforme já mencionado anteriormente, a função desejo do analista coloca em questão o problema da formação do analista.

Desimaginarizando a noção de "neutralidade", Lacan nos fala de uma "neutralidade advertida", que comparece como um efeito da experiência do analista com o inconsciente, em sua própria análise. É sob esse ângulo que se revela o valor didático de uma análise levada a termo.

Situando estas questões, a interpretação entendida como escansão se diferencia radicalmente de uma "compreensão", que por sua vez é algo que comparece na dimensão imaginária da transferência, reduzida ao amor (eixo a-a' do esquema L).

A demanda de amor dirigida ao analista exige como prova

de correspondência, o "ser compreendido". Uma vez satisfeita, seu produto é sempre uma identificação.

Evoquemos aí as considerações de Freud a respeito da equivalência entre o objeto e o ideal do eu na relação amorosa.

Em "Psicologia de Grupo e Análise do Eu"⁴¹, Freud indica que da paixão amorosa à hipnose vai apenas um curto passo. Ambas compartilham da mesma sujeição humilde e devoção ilimitada a um único e mesmo objeto para o qual dirigem todas as atenções.

Portanto a compreensão está para a sugestão e a hipnose, assim como a escansão está para o "despertar" do sujeito. Para romper com o efeito hipnótico do amor transferencial, há que se "desatar as amarras da palavra"⁴².

Numa analogia (que não significa identidade) com a técnica Zen, cabe ao analista a função do corte, a fim de "quebrar o discurso para dar luz à fala"⁴³. Dito de outro modo, sair da reciprocidade imaginária onde se acha instalada a certeza de que a "relação sexual é possível":

É a ruptura das amarras da palavra que permite ao sujeito ver, pelo menos sucessivamente, as diversas partes de sua imagem, e obter o que podemos chamar uma projeção narcísica máxima⁴⁴.

É justamente no que a dimensão imaginária da transferência alimenta o gozo do sintoma, que Lacan freudianamente adverte que a demanda é "exatamente o que é

colocado entre parênteses na análise, ficando excluído que o analista satisfaça alguma delas"⁴⁵.

A esse respeito, uma frase de Lacan afiadamente articula a questão da transferência e da interpretação (escansão): "um erro se refugiando na tapeação e pego pela equivocação"⁴⁶.

O amor, como efeito de transferência, situa-se na conjunção do imaginário com o simbólico. Seu efeito de tapeação se relaciona assim, à elisão do real da falta. Esta elisão, além de produzir o discurso amoroso, prolifera a produção de sentido.

Este é o ponto de onde torna-se possível afirmar que a resistência na análise é do analista:

O analista resiste quando não entende com o que ele tem de lidar. Não entende com o que ele tem de lidar quando crê que interpretar é mostrar ao sujeito que o que ele deseja, é tal objeto sexual. Engana-se. O que ele imagina aqui como sendo objetivo é apenas pura e simples abstração. Ele é que está em estado de inércia e de resistência⁴⁷.

Este tipo de intervenção, ao nível do significado, implica em abordar o sintoma como um signo — como representando algo para alguém. De modo oposto, a interpretação baseada no significante — interpretação como corte — faz valer a significação fálica do desejo. Por isto mesmo ela não pode

oferecer ao sujeito o objeto próprio do desejo, causando assim, um efeito de divisão, um efeito sujeito.

Por parte do sujeito não há resistência. O que existe é a insistência do próprio sintoma:

Em última análise, a resistência à confissão do desejo só pode provir aqui da incompatibilidade entre o desejo e a palavra⁴⁸.

Ou seja, a "resistência à confissão" é o dado mesmo da castração. Por seu caráter metonímico, o desejo é solidário da barra que atravessa o sujeito e o Outro.

Desta forma, a virtude alusiva da interpretação⁴⁹ distingue radicalmente a análise da sugestão. Ao invés de promover a identificação, o analista não satisfazendo a demanda permite preservar o lugar do desejo em seu caráter de enigma, na análise:

Eu me calo. Todo mundo está de acordo que frustro o falante, e embora ele em primeiroríssimo lugar, eu também. Por que? Estas palavras, ele não as demanda a mim. Ele me demanda... pelo fato de falar: sua demanda é intransitiva, ela não implica nenhum objeto⁵⁰.

O Tempo do Sujeito

Segundo Lacan essa liberdade concedida do sujeito via associação livre, de preservar o caráter significante do desejo, é o que ele menos tolera⁵¹. Ela aponta justamente para o real enquanto impossível de suportar.

É neste ponto que a transferência é o meio pelo qual a comunicação do inconsciente se interrompe. Este é o momento onde a presença do analista se realiza para o sujeito culminando num sentimento de angústia que produz um fechamento do inconsciente⁵².

Por isto mesmo a advertência de Freud é de que o analista espere para interpretar até este momento onde a transferência se transforma em resistência, em obstáculo à continuidade do trabalho.

Trata-se de uma recomendação que leva em conta o uso bastante específico e restrito, da interpretação na análise. Antes de qualquer "dizer esclarecedor", a intervenção do analista visa mobilizar o sujeito que, naquele momento, busca pela via da identificação, uma solução para fazer frente à angústia que se avizinha. Angústia de seu não-saber sobre o lugar que ocupa face ao desejo do Outro. Este não-saber é a verdade mais difícil para o sujeito tolerar.

Tal situação repete-se durante o percurso de uma análise de acordo com um tempo que corresponde ao tempo próprio de cada sujeito para elaborá-la. Em função disto, cada sessão

pode ser entendida como uma antecipação lógica do próprio término da análise.

Conforme é teorizado por Lacan, a escansão do tempo lógico inclui três tempos: o instante do olhar, o tempo de compreender e o momento de concluir⁵³.

O instante do olhar é aquele no qual se presentifica algo que não acontece sem mistério, como por exemplo, o tempo de um lapso que coloca o sujeito em suspensão, cedendo lugar a uma vacilação significativa. Impõe-se aí um tempo de compreender no qual o sujeito busca a chave daquele mistério, tentando reconhecer-se e enganchar-se num ou noutra significante. Neste momento a identificação imaginária ao outro comparece como a possibilidade de responder sua questão: quem sou ?

A posição do analista mantida em sua recusa de oferecer-se como um objeto para identificação, precipita a pressa no sujeito, de um momento de concluir.

Lacan faz a ressalva de que o tempo de compreender é um "efeito mesmo da não-compreensão"⁵⁴ ou seja, é um efeito produzido por aquilo que escapa à articulação significativa e está além do dito como um resto: o objeto em seu estatuto real, causa de desejo.

Passado o tempo para compreender o momento de concluir, é o momento de concluir o tempo para compreender. pois de outro modo esse tempo perderia seu sentido⁵⁵.

É sob a urgência do movimento lógico, desta tensão temporal, que a verdade se precipita para o sujeito. Esta

tensão temporal escande a prova da realidade pulsátil do inconsciente, compreendida entre um tempo de abertura (o instante do olhar) e um tempo de fechamento.

Considerando esta pulsação temporal do inconsciente, a suspensão da sessão, como diz Lacan, "não pode ser experimentada pelo sujeito como uma pontuação em seu progresso"⁵⁶. Ela visa justamente permitir que o sujeito se depare com os efeitos que podem ser produzidos a partir de sua própria fala. Isto demonstra que na associação livre não se trata apenas que o sujeito fale, mas antes, de implicá-lo com seu próprio dizer.

A escansão, introduzindo a surpresa diante de um dizer, visa precipitar algo novo que escape aos cálculos de previsibilidade do sujeito. Estes, via de regra, esvaziam a possibilidade da palavra comparecer como revelação na análise, reduzindo-se a uma pura forma de expressão, por onde o sujeito se mantém alienado à ilusão de um gozo possível e absoluto. Esta ilusão lhe é assegurada pela configuração da fantasia que comanda o seu sintoma.

A duração de cada sessão inclui assim, um elemento fundamental: o tempo de trabalho para o analisando. Trabalho este que não se reduz ao aqui e agora da sessão, levando-se em conta a lógica do só-depois aí implicada.

Com seu ato, o analista abala a certeza do sujeito em relação ao gozo. Por isto mesmo cabe ao analista acolher o produto deste trabalho realizado pelo analisando fora da sessão.

Como diz Lacan, "o analista faz a parte do escriba", como "testemunha tomada da sinceridade do sujeito e depositário do auto de seu discurso". Acrescenta ainda que o analista

permanece aí, como "mestre da verdade de que esse discurso é o progresso"⁵⁷. Isto é, mestre da verdade na medida em que ali encarna a função de sujeito suposto saber.

Naturalmente a função sujeito-suposto-saber, como suporte da transferência mantém a via do não-agir do analista. No entanto conforme adverte Lacan:

*Esse não-agir tem seu limite, ou então não haveria intervenção: e por que torná-la impossível nesse ponto, assim privilegiado?*⁵⁸

Deste modo, a questão do tempo e seu papel na técnica, é indissociável daquilo que somente o discurso analítico permite isolar a partir de seu fundamento na dimensão da palavra:

*É que a uma verdade nova, não se pode contentar de dar lugar, pois é de tomar nosso lugar que se trata. Ela exige que "nos mexamos". Não seria o caso de conseguir apenas habituar-nos a ela. Habituar-mo-nos ao real.*⁵⁹

Temos assim que a duração de cada sessão em lugar de uma técnica, evoca mais propriamente uma questão que é de ordem ética: o tempo do sujeito. Este fundamento faz objeção a qualquer tentativa de obsessivizar a experiência da análise, quer seja transformando-a num ritual de sessões longas, médias, curtas ou curtíssimas.

Transferência e Repetição

A transferência e o dispositivo da associação livre surgem simultaneamente. É nestes termos que Lacan enuncia que "desde de que haja sujeito suposto saber, há transferência"⁶⁰.

Trata-se assim, do ato inaugural de uma análise; como todo ato, ele acarreta consequências. Do lado do analisando, o compromisso de falar; do lado do analista, seu assujeitamento a um único saber, que é o saber do Outro. Ou seja, o mesmo ato que o instala como sujeito suposto saber, impõe que ele se despoje do saber para que compareça o saber do Outro.

O analista enquanto sujeito não existe; ele se presentifica na análise fazendo-se semblante de objeto causa de desejo. É o que encontramos na fórmula do discurso do analista,

escrita por Lacan: $\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\cancel{a}}{S_1}$

Neste matema, do lado do analista temos $\frac{a}{S_2}$, justamente os dois elementos que remetem à dupla causação do sujeito: o objeto (a) e o significante (S_2 - o saber do Outro)⁶¹.

É como semblante de objeto que o analista permite a articulação borromeana RSI, justificando assim a afirmativa de Lacan de que a transferência é um nó⁶².

O objeto a não é especularizável, por isto mesmo Magno o diz como um "espelho" que é "cinza e neutro", não possuindo em si mesmo qualquer imagem: "aparência não que dizer só imaginário e, sim, imaginário, real e simbólico — é o

semblante"⁶³.

A função do objeto a remete à afinidade entre os enigmas da sexualidade e jogo do significante⁶⁴. Agenciado por a, o discurso do analista é da ordem do silêncio radical — o que não quer dizer que o analista deva ser mudo ou passivo. Nesta perspectiva, em "Sexo e Discurso", M.A. Coutinho Jorge formula de maneira precisa esta questão:

Ao erigir o objeto faltoso enquanto agente, o discurso psicanalítico aciona a enunciação, S, no campo do Outro, situando aí o sujeito, para que ele produza a única coisa que ele poderia produzir: os significantes primordiais que o constituíram sintomaticamente de modo singular, $\frac{S}{S_1}$. O discurso psicanalítico evidencia, simultaneamente, que a enunciação é exclusividade do sujeito e que o fruto desta enunciação são os significantes que estão na origem mesma da constituição do sujeito⁶⁵.

É deste modo que podemos entender a definição da transferência como a "atualização da realidade sexual do inconsciente". É a posição do analista enquanto suporte de transferência que viabiliza o comparecimento em ato, da realidade do inconsciente⁶⁶.

É também neste sentido que Lacan distingue a transferência da repetição. A interpretação operando pelo significante, incide sobre o objeto.

Em seu ato de escansão, o analista "branda o real", atualizando na transferência, a *tykhe* — a repetição do fracasso vivido diante do trauma, que constitui o verdadeiro núcleo do sintoma: o encontro fracassado do sujeito com o objeto a.

Trata-se aí não mais da pura repetição significativa — *automaton* — situada entre o imaginário e o simbólico enquanto insistência da memória da cadeia significativa, mas daquilo mesmo que a causa e que subitamente atropela o sujeito de forma desconcertante.

A repetição enquanto *tykhe* marca justamente o encontro com aquilo que não se inscreveu em nenhum momento da história do sujeito. Marca assim o encontro com o real, enquanto o que retorna sempre ao mesmo lugar. Encontro este que inevitavelmente se faz acompanhar de angústia⁶⁸.

Segundo Lacan, a angústia é o afeto por excelência da psicanálise e seu próprio motor. A angústia é o "único afeto que não engana"⁶⁹, indicando sempre que ali, onde ela surge, há sujeito — sujeito que é afetado a partir de sua causa, o objeto a.

Como efeito da intrusão do real no imaginário, a angústia é um ponto de certeza para o sujeito e faz operar a separação entre o desejo e o gozo, demarcando a hiância constituinte do sujeito.

Esta separação a um só tempo produz efeitos sobre as duas dimensões clínicas implicadas na análise: o sintoma e a fantasia. Ambas se constituem como modalidades distintas de respostas face à castração do Outro — S(A).

Ao retormar a temática da angústia que, de acordo com o seu encaminhamento freudiano, é entendida como angústia de castração, Lacan permite esclarecer a questão do afeto na análise.

Do mesmo modo que demonstra que a transferência não se confunde com a repetição, a elucidação da questão do afeto permite desfazer a idéia vaga e imprecisa da transferência enquanto uma mera reprodução de condutas e sentimentos do passado que se dirigem para a figura do analista.

A partir de suas contribuições, a transferência deve ser encarada como a via privilegiada (ainda que reconheça como uma "via precária")²⁰ que permite a um sujeito historicizar-se.

Sublinha assim, que a transferência é um conceito que "dirige o modo de tratar os pacientes e inversamente o modo de tratá-los comanda o conceito"²¹.

Sintoma e Fantasia

Não escapou a Freud uma dupla vertente no sintoma. Se por um lado o sujeito dele se queixava pelo grau de sofrimento e de renúncias à satisfação pulsional nele implicados, por outro, uma poderosa resistência se erguia, impossibilitando o acesso ao sujeito da verdade que o mantinha alienado à própria queixa.

Já na Interpretação dos Sonhos, Freud se deparava com um fator de inércia na análise que parecia se opor a qualquer

modificação. Durante algum tempo esta inércia permaneceu na clínica, como a evidência de uma resistência por parte do sujeito.

A partir dos desenvolvimentos de Lacan, esta inércia pode ser colocada como consequência da função desempenhada pela fantasia enquanto "a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro, de determinante na função da repetição"⁷².

Em sua insistência repetitiva, a fantasia desenha a estrutura da constituição do sujeito e remete às duas operações fundamentais que lhe correspondem: a alienação e a separação.

A primeira é o "fato mesmo do sujeito e sua alienação ao significante"⁷³. O termo alienação qualifica exatamente o efeito afanísico, letal, do significante sobre o sujeito. A operação de alienação consiste neste vel:

*Que condena o sujeito a só aparecer nesta divisão. [...] que se ela aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ela aparece como afênise*⁷⁴.

Pelo vel da alienação, instala-se de modo definitivo a descontinuidade entre o ser e o sentido, entre o pensamento e a existência. Sua consequência lógica: o significante passa a representar o sujeito para outro significante.

O Outro aí opera como produtor de sentido, sempre insuficiente no entanto, para garantir ao sujeito seu lugar na articulação significante, seu lugar para o Outro — S_1 por isto mesmo, recobre também, algo que permanecera indizível — seu encontro traumático com esse Outro desejante. O pouco de

sentido que vem a se realizar no sujeito cria uma região de sem-sentido: o inconsciente.

Por isto mesmo, a afânise engendra a segunda operação onde se fecha a causação do sujeito: a separação. Esta efetua-se diante da prova do desejo do Outro como um x que jamais será respondido diretamente, ensejando o *Che Voi* ⁷⁵.

A falta constatada no Outro, é causada no sujeito como sua própria perda também, como castração:

O sujeito — por um processo que não deixa de conter engano, que não deixa de representar essa torção fundamental pela qual o que o sujeito reencontra não é o que anima seu movimento de tornar a achar — retorna então ao ponto inicial, que é o de sua falta como tal, da falta de sua afânise ⁷⁶.

Duas faltas se recobrem nessa operação e pelo efeito de torsão, a própria falta no sujeito é abordada como pertencendo ao Outro. O sujeito se engana quando se depara com a causa de seu desejo, confundindo-a por exemplo, com as expectativas de seu próximo, indagando: "pode ele me perder?"

A fantasia remete a este ponto mítico de constituição do sujeito, vindo preencher aí, o furo produzido pelo significante pelo efeito da emergência do objeto a enquanto um resto perdido no campo do Outro.

Trata-se então de admitir que a "relação do sujeito ao Outro se engendra por inteiro num processo de hiância" ⁷⁷, o qual exclui a reciprocidade e a complementariedade.

Entre o sujeito e o Outro há um resto, que causa seu desejo e sua divisão. O a enquanto pura perda, se oferece como objeto a ser contornado pela pulsão, antes que se cumpra seu circuito de vaivém às zonas erógenas, que é o que resta como possibilidade de gozo ao sujeito⁷⁸.

O gozo só chega ao sujeito de forma residual, que Lacan chamou mais de gozar, lançando mão do conceito marxista de "mais valia" e esta idéia é fundamental para que a hipótese do inconsciente possa ser sustentada.

Com efeito, se o sintoma é o que resulta como metáfora desta *Spaltung* do sujeito pelo golpe do recalque originário e o advento da metáfora paterna, a fantasia se apresenta como um resíduo desta operação enquanto um axioma.

Escrita na fórmula $\phi \diamond a$, Lacan define a fantasia como um arranjo significante que possui duas características: "a presença de um objeto a e, por outro lado, nada mais do que o que engendra o sujeito, como ϕ , a saber, uma frase"⁷⁹.

"Uma criança é espancada. Não sei mais", evidencia esse lugar da fantasia como axioma simbólico. Miller adianta que não se trata de uma reticência do sujeito, mas sim da falta de palavras e do saber diante da castração do Outro⁸⁰.

É neste ponto de falta de saber que se aloja como resto simbólico o axioma fantasmático, totalmente resistente — dimensão real da fantasia.

Enquanto resíduo estático e sem possibilidades de modificações, torna-se o elemento mais resistente a ser atravessado pela análise. A fantasia aí se apresenta como axioma para interpretar o sintoma, convertendo-se num índice de

significação absoluta da verdade do sofrimento sintomático.

Vemos assim retomadas as consequências que o abandono da teoria da sedução acarretou para Freud, quando a fantasia passa a definir-se como o único critério de verdade para abordar o desejo. Desejo e verdade são isomorfos à função da fantasia.

Por esta razão, análise e travessia da fantasia tornam-se praticamente sinônimas e a questão da ética psicanalítica é remetida a este ponto. Enquanto para Freud toda análise terminaria num impasse, ao esbarrar com os limites impostos pelo rochedo da castração, a descoberta do objeto a, como resto fundamental e não subjetivável, impõe a Lacan um passee, isto é, dar um passo a mais em relação ao impasse da análise interminável.

Reconhecendo a impossibilidade do real, que é causa, de uma verdade não se dizer toda, Lacan reafirma o princípio ético da descoberta freudiana neste limite onde a problemática do desejo se coloca.

A célebre metáfora do jogo de xadrez utilizada por Freud em relação ao início e ao fim de uma análise, pode novamente ser aplicada: entrada pelo sintoma e saída pela fantasia — fantasia que retira do sintoma, sua palavra.

É o que nos indica Lacan através da fórmula do discurso do analista: $\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\cancel{a}}{S_1}$. Nela se destacam a posição do analista e a função da fantasia.

Temos em $a \rightarrow S$ e em $\cancel{a} \diamond S$, os mesmos termos, porém com funções diferentes. O analista enquanto semblante de objeto a, destaca a função de tamponamento da falta-a-ser do objeto para o sujeito.

A travessia da fantasia articula-se assim, ao trabalho de "construção" na análise. É como uma construção lógica, obtida sómente como resultado da operação analítica, que o destacamento da fantasia fundamental permitirá o remanejamento da posição ocupada pelo sujeito face ao objeto de sua fantasia.

À errância do desejo e ao enigma do sintoma, a fantasia respondia com sua certeza. Portanto, a construção em análise, da fantasia fundamental, produz no sujeito uma inevitável decepção, ao evidenciar sua ilusão em admitir que há gozo do Outro.

De acordo com estas propostas, é a função do objeto a na transferência que regula toda a marcha do tratamento e decide sobre seu alcance, isto é, até onde vai uma análise.

6.3. ANÁLISE TERMINÁVEL E INTERMINÁVEL

Em "Análise Terminável e Interminável"⁸¹, Freud indagava se realmente existiria algo como o término natural de uma análise. Esbarrando com os limites impostos pelo rochedo da castração e não sem um certo pessimismo, admitia que os objetivos explicitados na teoria eram, na sua maioria, só parcialmente alcançados.

Tais objetivos implicavam na possibilidade de reduzir a inércia pulsional enquanto o fator quantitativo que mantinha o

desejo estancado, preso, às malhas do sintoma. Esta situação evidenciava o caráter conservador da pulsão de morte e a questão do masoquismo implicada na reação terapêutica negativa, como índices de oposição à aceitação da castração.

Conclui assim, que a maioria das análises não prosseguiram por razões ligadas à própria estrutura irredutível e impossível de atravessar da angústia da castração no homem e da inveja do pênis na mulher. Ou seja, a castração impunha-se como o limite absoluto que revelava o caráter nostálgico do falo para ambos os sexos.

Insistindo nesta trilha, Lacan evidencia o real em jogo no dispositivo analítico; real que estrutura o desejo e sua ligação com a morte. Pautando-se na experiência freudiana, destaca a antinomia entre o desejo, sempre entendido como desejo do Outro e o gozo, como o que está do lado da "coisa", mais além do princípio do prazer e ligado à pulsão de morte — elemento mais radical da pulsão. Desta antinomia entre desejo e gozo resta um ponto em comum: o objeto a, causa de desejo.

Se numa primeira etapa do percurso de Lacan, a primazia ao simbólico permite a retomada do conceito de inconsciente, num segundo momento, o real comparece como a categoria primordial para situar o inconsciente freudiano e, conseqüentemente, estabelecer as bases nas quais se sustenta uma teorização sobre o término da análise e a ética que o orienta:

Eis o que convém relembrar no momento em que o analista se encontra em posição de responder a quem lhe demanda a

felicidade. A questão do Bem Supremo se coloca ancestralmente para o homem, mas ele o analista, sabe que essa questão é uma questão fechada. Não somente o que se lhe demanda, o Bem Supremo, é claro que ele não o tem, como sabe que não existe. Ter levado uma análise a seu termo nada mais é do que ter encontrado esse limite onde a problemática do desejo se coloca⁸².

Comparada às diversas concepções a respeito do fim da análise que surgiram depois de Freud, conforme sublinha Safouan, a de Lacan "é a única que chega à mesma conclusão de Freud". A única diferença nos diz ele (e que não é pouca), é que "enquanto para Freud ela emerge como a rocha da castração", na teorização de Lacan "ela se resolve no momento mesmo de sua interpretação"⁸³.

Com efeito, a interpretação concerne antes de tudo à causa do desejo, a essa falta real que escapa à palavra e organiza a fantasia, cuja função é dar conta, imaginariamente, da inexistência da relação sexual.

De acordo com o caráter sempre "alusivo da interpretação, o sujeito é reapresentado a sua perda de ser e de gozo, sendo levado neste ato, a reconhecer sua relação com a castração.

A interpretação adquire assim, um valor de ato, um ato significante; um acontecimento que opera uma mudança do antes ao depois de seu evento no sujeito. A teoria do ato analítico estabelece o limite entre a análise terminável e interminável.

Por esta via, o ato analítico remete à própria causação do sujeito designada nas operações de alienação e separação. É num movimento de báscula entre uma e outra que a transferência se desenvolve e em última instância, permite uma solução ao impasse da análise interminável.

As noções de interpretação e transferência estão assim, implicadas no ato pelo qual o analista dá suporte e autorização à tarefa do analisando.

A partir de uma reconceitualização da transferência, o fim da análise implica na queda daquilo mesmo que condicionou o seu início e a tornou possível: o sujeito suposto saber.

Levando em conta o estatuto do objeto, isto é, o fora significante, o fim da análise culmina com a experiência da falta-a-ser do sujeito como efeito da operação de atravessamento do rochedo da fantasia. Em sua função de tela do desejo, a fantasia fundamental alimentava o desconhecimento por parte do sujeito, de sua própria divisão, verdadeiro impasse da análise.

A travessia da fantasia supõe assim, a separação entre as duas formas mantidas pelo sujeito para fazer frente à castração do Outro: a castração imaginária $-\phi$ e o a enquanto objeto condensador de gozo⁸⁴.

Esta separação marca o des-ser (des-être) do analista, isto é, a queda deste sujeito-suposto-saber do lado do analisando, já que do lado do analista este não existe. Para ele só existe aquilo que resiste à operação do saber, fazendo obstáculo à hiância de $-\phi$: o objeto a, do qual ele era apenas o depositário⁸⁵.

Da parte do analisando, a realização da falta fálica implica numa destituição subjetiva, já implícita à regra fundamental que aponta para o inconsciente como um saber sem sujeito⁸⁶.

O ato analítico é da ordem de um saber intransmissível, um saber que não sabe de si. O ato, conforme inferido por Freud através da psicopatologia da vida cotidiana, tem referência direta ao significante. Não comportar no seu instante, a presença do sujeito, é a dimensão mesma do ato

Seria preciso perceber-se que o sujeito-suposto-saber, no fim da análise, está reduzido ao mesmo "não ser aí" que é aquele característico do próprio inconsciente e que esta descoberta faz parte da mesma operação-verdade⁸⁷.

A operação de separação na transferência muda a posição do sujeito face ao real em jogo de sua própria causação. A separação impõe um limite à vacilação do sujeito até então alienado ao deslizamento infinito da cadeia significante e suas significações.

A queda do sujeito-suposto-saber marca o extremo da impossibilidade de que a palavra possa equivaler ao objeto — o impossível do significante dizer o ser — ainda que se reconheça que foi somente pela via do significante que a análise propiciou essa vira volta da demanda inicial endereçada ao analista, ao

reconhecimento do desejo e sua causa.

O saber não sendo mais suposto ao analista, torna-se para o sujeito uma significação de verdade. Tendo chegado a este ponto, o sujeito "terá conquistado uma verdade, não sem sabê-lo, uma verdade incurável", como diz Lacan⁸⁸.

O que aí se coloca não se presta a racionalização alguma, o sujeito é agora identificado à causa de seu desejo sem poder recorrer à consistência imaginária da fantasia, como forma de elidir a castração.

É exatamente este o ponto que autoriza Lacan a localizar o impasse freudiano. Limitando-se ao registro da falta sob a forma da presença ou ausência do fato, isto é, abordando a castração no registro do ter ou não ter o falo, a castração freudiana confunde-se como uma "significação da castração".

Ao problematizá-la levando em conta a lógica da fantasia, a castração torna-se o efeito da "operação verdade" que é a questão do ato analítico: o falo não existe; não somente é impossível tê-lo, como sê-lo. A operação verdade supõe justamente a realização dessa falta, que subsiste e se delimita por um único significante: o falo, mediador de toda relação do sujeito ao sexo.

Operando este efeito de verdade para o sujeito, o ato analítico questiona o desejo do analista até o seu limite. A transferência implica que o paciente supõe de sua verdade, uma forma de saber que é depositada no analista, aí convocado a encenar aquilo que Lacan chama de uma "farsa": o sujeito-suposto-saber. Farsa esta necessária, já que o ato

analítico além do mais, incide nas relações do sujeito com o saber inconsciente.

No entanto, a análise ficaria adscrita totalmente à ordem de uma impostura e até mesmo de uma perversão, caso o analista a esse saber que lhe é suposto, ficasse identificado⁸⁹.

A garantia de não estar na impostura é de que desde o início de uma análise, o analista, graças à própria experiência com o inconsciente na sua análise, já se saiba marcado por seu des-ser. Por isto mesmo o objeto a é o referente do início da análise e sua emergência ao final da mesma, desvela uma verdade desejante como único referente do sujeito⁹⁰.

A idéia do "bem-dizer" toca ao destino do objeto no percurso da análise. A "destituição subjetiva" e o "des-ser" do analista implicam num trabalho de luto que, mais do que corresponder a uma perda, é da ordem de uma renúncia.

Este trabalho de luto marca o que poderíamos considerar como o início de um trabalho de fim da análise, que coloca em pauta o destino do amor transferencial.

Lacan define a transferência como um "amor que se dirige ao saber". Este amor é o que vem em suplência ao fato de que o sujeito em realidade, não quer saber da inexistência da "relação" sexual.

Portanto, o saber em jogo no amor de transferência, é da ordem da busca do bem precioso do amor, do "agalma", termo tomado de empréstimo por Lacan, do "Banquete" de Platão e que corresponde ao valor que neste momento o objeto a adquire para o sujeito: um bem apreciado que é guardado e sustentado pelo analista. Momento este em que o analisando, fazendo-se amar

pelo analista ou a ele dirigindo o seu amor — o que dá no mesmo — tenta abolir a distância entre o ideal visado pelo desejo e o objeto.

No entanto, pela operação da separação, impõe-se ao sujeito um trabalho de transformar o que era vivido como falta de objeto a ser recuperado, numa verdade na qual o objeto falta.

O "des-ser" do analista implica neste luto, nesta perda do Outro que detinha o "agalma" e encobria com seu valor, a verdadeira natureza do objeto a enquanto um nada. É dessa idealização que o analista tem que tombar, tratando-se aí de uma travessia no plano da identificação⁹¹.

É esta perda que reconduz o sujeito à sua via desejante. Trata-se agora da realização de um luto do luto. O objeto a passa a valer em sua função de nó: sustenta o amor como objeto causa e da pulsão. Esta é uma "posição-limite", na qual:

O amor, cujo rebaixamento pareceu aos olhos de alguns que nós havíamos procedido, só se pode colocar, nesse mais-além, onde, primeiro, ele renuncia a seu objeto. Também aí está o que nos permite compreender que qualquer abrigo onde pudesse instituir-se uma relação visível, temperada, de um sexo ao outro, necessita a intervenção — é o que ensina a psicanálise — desse médium que é a metáfora paterna⁹².

Deste modo Lacan deixa claro que o des-ser do analista

não deve ser confundido com uma "liquidação da transferência", expressão que a seu ver, não teria outra função senão a de escamotear a questão do desejo do analista, que intervém quando o sujeito, pela primeira vez, se coloca na posição de assujeitar-se ao significante primordial:

Se a transferência é a atualização do inconsciente, será que se quer dizer que a transferência poderia ser para liquidar o inconsciente? Ou será que é o sujeito suposto saber, para tomar minha referência, que deveria ser liquidado como tal? ⁹³.

O fim da análise concerne assim, à relação do analisando com a análise e, como bem diz Safouan "não deve necessariamente por fim a todo sentimento para com a pessoa do analista"⁹⁴.

Neste sentido, pode-se definir a análise como terminável no que diz respeito à ignorância como paixão e interminável pelo fato de que o sujeito que advém desta finitude, não esquece jamais das condições dessa emergência.

A exigência ética da psicanálise leva em conta a singularidade do desejo e foi justamente o esquecimento da diferença entre esta exigência e uma postura na qual o analista é tomado como um ideal de normalidade, que transformou a solução da cura, na identificação com o analista.

Tal solução que pode ser considerada como uma

verdadeira perversidade, escamoteia toda a virulência da descoberta freudiana. Assujeitando o paciente à manipulações técnicas e apoiando-se numa moralidade nem sempre manifesta, o tratamento transforma-se numa extensão dos ideais ditados pela sociedade a serem seguidos.

É nestes termos que Lacan critica os ideais analíticos, nomeadamente, o do amor, da autenticidade e o da não-dependência, como cúmplices de uma ideologia normativizante^{os}.

Respectivamente, são questionadas aí, as perspectivas onde se sustenta o fim da análise como o acesso à genitalidade, sua técnica como a do desmascaramento das resistências e, finalmente, sua virtude de profilaxia da dependência, calcada no princípio de que o ego deve conquistar sua autonomia em relação ao id.

A solução da análise via identificação, na medida em que não toca a questão do ser, mantém intacta a fantasia e a economia do gozo nela implicada.

Baseada em sua experiência clínica, a teorização de Lacan vem afirmar que a "travessia do plano da identificação é possível":

É para além da função do a que a curva se fecha, lá onde ela jamais é dita, concernente à saída da análise. A saber, depois da distinção do sujeito em relação ao a, a experiência da fantasia fundamental se torna a pulsão^{os}.

A esta altura Lacan se pergunta: "como, um sujeito que atravessou a fantasia radical, pode viver a pulsão?" Trata-se aí, do "mais-além da análise", só abordável no nível do analista, uma vez que dele é exigido "ter precisamente atravessado em sua totalidade o ciclo da experiência analítica"⁹⁷.

*Não há senão uma psicanálise, a psicanálise didática — o que quer dizer uma psicanálise que tenha fechado esse cerco até seu termo. O cerco deve ser percorrido várias vezes*⁹⁸.

Esta é a única maneira de dar conta do termo *durcharbeiten* — necessidade de elaboração⁹⁹. Começar a ser psicanalista, "isto começa no fim de uma psicanálise"¹⁰⁰. Esta afirmação de Lacan fala de uma ética que pede um passé.

A proposta do passé estabelece uma linha ao mesmo tempo divisória e indissociável do que diz respeito ao término da análise enquanto uma questão de ordem técnica ("psicanálise em intensão") e de ordem institucional (psicanálise em extensão)¹⁰¹.

A primeira acha-se ligada às próprias condições nas quais uma análise pode ser considerada como terminada. A segunda leva em conta o sentido a ser dado ao projeto daquele que quer se tornar analista¹⁰².

Lacan considera como uma tarefa essencial da instituição, esclareceu sobre o fim das análises didáticas e de

acordo as linhas mestras da "Proposição de Nove de Outubro", uma instituição é psicanalítica porque análises didáticas lá, têm lugar de fato"¹⁰³.

É deste modo que Lacan entende que não se trata da instituição "autorizar" o analista, mas sim, de que "o analista não se autoriza senão por si mesmo". Segundo ele, a garantia é o interessado que a traz, uma vez que os efeitos de uma análise só se produz no "a posteriori"¹⁰⁴.

Nesta perspectiva, o passé diz respeito a algo que é da ordem do sujeito "re-fazer" o percurso, e "re-dizer" de sua própria experiência com o inconsciente, isto é, re-dizer a psicanálise. A experiência do passé resume a própria possibilidade de transmissão da psicanálise.

Por isto mesmo uma reflexão sobre o término da análise coloca em questão o analista e sua prática; os princípios de sua ação e as razões de sua possível eficácia.

Radicalizando o último Freud, o que postula sobre a pulsão de morte, Lacan reafirma que para a psicanálise, a "função do desejo deve permanecer numa relação fundamental com a morte"¹⁰⁵.

Coloco a questão — o término da análise, o verdadeiro, quero dizer aquele que prepara a tornar analista, não deve ela em seu termo confrontar aquele que a ela se submeteu à realidade da condição humana ? É propriamente isso o que Freud, falando de angústia, designou como o fundo onde se produz seu sinal, ou seja, o Hilflosigkeit, a

desolação, onde o homem, nessa relação consigo mesmo que é a sua própria morte — mas no sentido que lhes ensinei a desdobrar esse ano — não deve esperar a ajuda de ninguém.

Ao término da análise didática o sujeito deve atingir e conhecer o campo e o nível do desarvoramento absoluto, no nível do qual a angústia já é uma proteção, não *Abwarten* [espera passiva], mas *Erwartung* [expectativa esperançosa]¹⁰⁶.

É neste limite que o sujeito passa a se "comprometer" com a verdade de sua causa. A angústia neste momento não funciona mais como barreira para se defrontar com seu ser pulsional e portanto com as questões que o próprio desejo coloca. O sujeito passa a carregar consigo mesmo um saber sobre esse impossível de não desejar.

A passagem de analisando a analista fica condicionada assim, a uma escolha: "entre enfrentar a verdade ou ridicularizar nosso saber"¹⁰⁷.

Conforme diz Magno, o "Ato Analítico funda um suposto analista", uma vez que "a nomeação é pro forma, é uma declaração de suposição"¹⁰⁸. Em lugar de um "fazer saber", Lacan fala no "saber-fazer" do analista, conforme é retomado por Magno nos termos de que "se ele passou por essa experiência, ele sabe como dirigir a cura, que não é senão dirigir o processo de chegar ali"¹⁰⁹.

"Fácil de entender, mas difícil de fazer", prossegue Magno. A dificuldade reside em manipular o sentido (que é da ordem do imaginário) de modo a que este se neutralize a um ponto de indiferenciarse e comportar aí, a emergência, de um novo significante. Essa indiferença ao sentido já dado, é o que permite pensar numa possibilidade de cura para a neurose.

Além disso e talvez primordialmente, esta questão toca à neutralidade do analista: "estar indiferente ao Sentido é estar para além de mal e bem"¹¹¹, o que traduz a passagem de analisando a analista.

Daí a afirmação de Magno de que "não existe analista que não saiba dirigir a sua cura":

É porque ele passou pela mão de outro e acabou recolhendo esse saber-fazer, nesse discurso, que ele sabe operar para os outros e para si. É por isso que digo que um sujeito que é razoavelmente analisado não precisa mais ter um analista, porque tem todos. Qualquer um serve para ser seu analista. Ele aprendeu, se não a ver sozinho, a ver com o olho do outro. Qualquer coisa faz intervenção para ele. É esse Ato que qualifica e funda o Analista — que não é uma nomeação institucional, profissional ou qualquer coisa dessa ordem — na suposição de que o sujeito sabe passar por ali mais depressa¹¹².

Aquele que se tornou analista se viu levado a assumir ao mais elevado ponto sua divisão. Este é o sentido mais autêntico do que pode ser considerado como sua "formação". É deste modo que o desejo do analista é encarado por Lacan, como uma "nova formação do inconsciente".

NOTAS DO CAPITULO 6

- ¹ LACAN, J. Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise. (1953). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 111.
- ² LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- ³ LACAN, J. Mais, ainda. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p. 25.
- ⁴ LACAN, J. Op. cit.
- ⁵ LACAN, J. Op. cit.
- ⁶ LACAN, J. As psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 276.
- ⁷ LACAN, J. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 225.
- ⁸ LACAN, J. Op. cit.

- ⁹ LACAN, J. Op. cit., p. 407.
- ¹⁰ LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- ¹¹ LACAN, J. Op. cit.
- ¹² LACAN, J. As psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 271. Grifo nosso.
- ¹³ LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- ¹⁴ LACAN, J. Op. cit.
- ¹⁵ LACAN, J. As psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. p. 252.
- ¹⁶ LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 246.
- ¹⁷ Ibidem.
- ¹⁸ LACAN, J. Op. cit., p. 239.

- ¹⁹ LACAN, J. Op. cit., p. 249.
- ²⁰ Ibidem.
- ²¹ LACAN, J. Op. cit., p. 233.
- ²² LACAN, J. Op. cit., p. 235. Grifo nosso.
- ²³ LACAN, J. Posição do inconsciente no congresso de Bonneval. Retomada de 1960 e 1964 (1960). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 324.
- ²⁴ LACAN, J. Op. cit., p. 320.
- ²⁵ LACAN, J. As psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 270.
- ²⁶ LACAN, J. La dirección de la cura y los principios de su poder. (1958). In: Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1972. v. 2.
- ²⁷ LACAN, J. Psicoanálisis, radiofonia e television. Barcelona, Anagrama, 1977, p. 97.
- ²⁸ MAGNO, M.D. A música. Rio de Janeiro, Aoutra, 1983, p. 221.

- ²⁹ LACAN, J. Posição do inconsciente no congresso de Bonneval retomada de 1960 e 1964 (1960). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 253.
- ³⁰ LACAN, J. op. cit., p. 239.
- ³¹ POMMIER, G. O desenlace de uma análise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990, p. 32.
- ³² Ibidem, Grifo nosso.
- ³³ MAGNO, M.D. A música. Rio de Janeiro, Aoutra, 1983, p. 231.
- ³⁴ POMMIER, G. O desenlace de uma análise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990, p. 32. Grifo nosso.
- ³⁵ LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 185.
- ³⁶ LACAN, J. Mais, ainda. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. p. 33. Grifo nosso.
- ³⁷ LACAN, J. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 287.

- ³⁸ LACAN, J. Apertura de la seccion clinica. Ornicar ? 3, 37-46, 1981.
- ³⁹ LACAN, J. Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval retomada de 1960 e 1964 (1960). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- ⁴⁰ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- ⁴¹ FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XVIII.
- ⁴² LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- ⁴³ LACAN, J. Variantes de la cura-tipo. In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1988, v. 1. p. 180.
- ⁴⁴ LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 211.
- ⁴⁵ LACAN, J. La direccion de la cura y los principios de su poder (1958). In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires. Siglo Veintiuno, 1975, v. 2., p. 621.

- ⁴⁶ LACAN, J. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 312.
- ⁴⁷ LACAN, J. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 287.
- ⁴⁸ LACAN, J. La dirección de la cura y los principios de su poder (1958). In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1975, v. 2, p. 621.
- ⁴⁹ Ibidem.
- ⁵⁰ LACAN, J. op. cit., p. 621.
- ⁵² LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- ⁵³ LACAN, J. Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada — um novo sofisma. (1945). In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1978.
- ⁵⁴ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- ⁵⁵ LACAN, J. Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada — um novo sofisma (1945). In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1978, p. 79.

- ⁵⁶ LACAN, J. Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 178.
- ⁵⁷ LACAN, J. Op. cit., p. 177.
- ⁵⁸ LACAN, J. Op. cit., p. 178.
- ⁵⁹ LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 252.
- ⁶⁰ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 218.
- ⁶¹ LACAN, J. O ato psicanalítico. (1967-1968). Texto mimeografado.
- ⁶² LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- ⁶³ MAGNO, M.D. Ordem e progresso. Rio de Janeiro, Aoutra, 1984, p. 92.
- ⁶⁴ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 144.

- ⁶⁵ COUTINHO JORGE, M.A. Sexo e discurso em Freud e Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988, p. 165.
- ⁶⁶ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 144.
- ⁶⁷ LACAN, J. Op. cit.
- ⁶⁸ LACAN, J. Op. cit., p. 56-57.
- ⁶⁹ LACAN, J. Op. cit., p. 43.
- ⁷⁰ LACAN, J. Op. cit.
- ⁷¹ LACAN, J. Op. cit., p. 120.
- ⁷² LACAN, J. Op. cit., p. 61.
- ⁷³ LACAN, J. Posição do inconsciente no congresso de Bonneval retomada de 1960 e 1964 (1960). In: LACAN, J. Escritos. São paulo, Perspectiva, 1978, p. 324.
- ⁷⁴ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 199. Grifo nosso.
- ⁷⁵ LACAN, J. Op. cit., p. 207
- ⁷⁶ Ibidem.

- ⁷⁷ LACAN, J. Op. cit., p. 196.
- ⁷⁸ LACAN, J. Op. cit., p. 168.
- ⁷⁹ LACAN, J. La logique du fantasme (1966-1967). Texto mimeografado, p. 321.
- ⁸⁰ MILLER, J.A. Percurso de Lacan — uma introdução. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987. p. 135.
- ⁸¹ FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. XXII.
- ⁸² LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 359. Grifo nosso.
- ⁸³ SAFOUAN, M. Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985. p. 54.
- ⁸⁴ LACAN, J. O ato psicanalítico (1967-1968). Texto mimeografado.
- ⁸⁵ LACAN, J. Op. cit.
- ⁸⁶ LACAN, J. Op. cit.
- ⁸⁷ LACAN, J. Op. cit.p. 79.

- ⁸⁸ LACAN, J. Op. cit.
- ⁸⁹ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- ⁹⁰ LACAN, J. Proposição del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. In: LACAN, J. et alli. Momentos cruciales de la experiencia analítica. Buenos Aires, Manantial, 1991.
- ⁹¹ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 258.
- ⁹² LACAN, J. Op. cit., p. 260
- ⁹³ LACAN, J. Op. cit., p. 253.
- ⁹⁴ SAFOUAN, M. Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- ⁹⁵ LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 17.
- ⁹⁶ LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 268.
- ⁹⁷ Ibidem.

- ⁹⁸ LACAN, J. Op. cit., p. 258.
- ⁹⁹ Ibidem.
- ¹⁰⁰ LACAN, J. O ato psicanalítico (1967-1968). Texto mimeografado., p. 75.
- ¹⁰¹ LACAN, J. proposicion del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. In: LACAN, J. et alli. Momentos cruciales de la experiencia analítica. Buenos Aires, Manantial, 1991.
- ¹⁰² SAFOUNAN, M. Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- ¹⁰³ SAFOUNAN, M. Op. cit.
- ¹⁰⁴ LACAN, J. proposicion del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. In: COTTET, S. et alli. Momentos cruciales de la experiencia analítica. Buenos Aires, Manantial, 1991.
- ¹⁰⁵ LACAN, J. A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, p. 364.
- ¹⁰⁶ LACAN, J. op. cit.

- ¹⁰⁷ LACAN, J. proposicion del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. In: LACAN, J. et alli. Momentos cruciales de la experiencia analítica. Buenos Aires, Manantial, 1991, p. 17.
- ¹⁰⁸ MAGNO, M.D. De mysterio Magno. A nova psicanálise. Rio de Janeiro, Aoutra, 1990, p. 116.
- ¹⁰⁹ MAGNO, M.D. Op. cit., p. 117.

CAPÍTULO 7

CONCLUSÃO

"Wo Es war, soll Ich werden" — "Onde isso estava devo advir", é o lema freudiano destacado por Lacan no sentido de situar a psicanálise como uma prática que se define por uma ética centrada no impossível do real.

Esse fundamento no real marca uma diferença radical em lidar com o inconsciente freudiano em relação a todas as abordagens consideradas herdeiras de Freud.

Ao mesmo tempo, ao destacar o imperativo freudiano, Lacan torna indissociáveis qualquer reflexão sobre o término da análise e a ética que sustenta o ato inaugural de Freud.

Conforme já examinado, este ato tem lugar no momento em que Freud se dá conta de que a palavra na análise acha-se soldada à transferência.

A palavra dita sob transferência pôde demonstrar que em certos pontos do discurso do paciente o "saber falha". São exatamente esses os pontos que interessaram a Freud, que lhes atribui um valor de verdade.

O inconsciente caracteriza-se assim, como um saber sem

sujeito. O sonho, assim como quaisquer outras formações do inconsciente são os exemplos paradigmáticos dessa divisão constitutiva do sujeito pelos efeitos da linguagem. No sonho, o sujeito lá não está, lá ele apenas se vê, daí o seu efeito de "unheimlich". O inconsciente se revela sempre enquanto uma atividade apagada, o que cumpre dizer:

Eu não sou, lá onde sou o joguete de meu pensamento; eu penso no que sou, lá onde eu não penso pensar¹.

Este "não penso", "não sou", esta dupla face do enigma humano, é o que caracteriza a subversão do sujeito operada por Freud ao acionar o dispositivo da regra fundamental.

Por isto mesmo Lacan destaca que o encaminhamento de Freud é cartesiano. Freud e Descartes apoiam-se na dúvida para afirmar uma certeza. Com o "Penso, logo sou", Descartes impõe a certeza deste "falso ato" que se chama o cogito — "o ato do cogito é o erro sobre o ser"². Subvertendo a ordem cartesiana, a certeza de Freud é de que "Lá, onde isso fala, isso não sabe o que isso diz".

Isto porque o sujeito está determinado e inscrito por um certo efeito do significante, qual seja, o de torná-lo definitivamente inapto para restaurar uma continuidade entre o pensamento e a existência.

Estes pontos de falha no discurso dizem respeito assim, ao próprio estatuto do sujeito. Ou seja, são falhas que lhe

concernem à medida que ele aí tem que se colocar como sujeito desejante, sujeito sexuado; única maneira em que se pode conceber o verdadeiro sentido da famigerada expressão "assumir a castração".

Depreende-se assim que, na análise, o sujeito está justamente por advir. É deste modo que Lacan isola o *soll* (devo), no imperativo ético freudiano — "*Wo Es war soll Ich werden*". Trata-se aí de uma indicação que permite definir a natureza da prática psicanalítica como uma ação, no sentido de fazer o sujeito retornar à sua origem pulsional. Pode-se assim escrever "Onde Isso estava deve o sujeito retornar"; já que se trata de um ser da pulsão.

Portanto *Wo Es war* não é o inconsciente, mas aquilo mesmo que marca a fronteira do inconsciente — o Isso. *Wo Es war* remete à própria falha óptica, em torno da qual se estrutura o inconsciente. "Onde Isso estava" é aquilo que está na borda pulsional — real impossível de se escrever e o que não deixa de não se inscrever — verdade incurável do sujeito, verdade que introduz o que é da ordem do ato psicanalítico.

O real como causa excêntrica do sujeito é justamente o que promove e sustenta a insistência repetitiva do desejo no inconsciente e por isto mesmo é o registro que ordena o discurso analítico.

Compreendendo o discurso como aquilo que "funda e define cada realidade"³, o discurso analítico, tal como formulado no matema proposto por Lacan, permite desfazer a ambiguidade do termo inconsciente.

O discurso analítico leva em conta um sujeito que não somente fala, mas é também falado — trata-se do sujeito do significante. Inconsciente e sujeito são hipóteses que se confirmam pelo caráter imperativo do significante.

A estrutura de linguagem do inconsciente e a descoberta do objeto a, tornam-se os elementos primordiais para manter viva uma prática que visa acima de tudo, o trato com as realidades singulares.

De acordo com a proposta inicial deste estudo, consideramos ter atingido nosso objetivo de situar as consequências clínicas da iniciativa de Lacan de revisitar o texto freudiano.

Levados por esta motivação também nós a ele retornamos no intuito de ali destacar as matrizes conceituais que serviram de apoio à Lacan para uma retomada fecunda e original do que de mais subersivo pode existir em termos de uma prática até este momento.

Por isto mesmo nos resta pouco a concluir pelo menos, neste instante. A razão é dupla. De um lado pelo fato mesmo de que à medida que as questões foram surgindo, buscamos entendê-las e o produto destas elaborações é o que pode ser lido em cada capítulo apresentado, onde nos preocupamos em exercitar praticamente de modo didático, a clareza.

Por outro lado, seria no mínimo incongruente em função do que foi articulado, falar de maneira conclusiva sobre uma questão que justamente se coloca para o analista para ser constantemente retomada — a sua própria prática. A psicanálise como muito bem pôde definir Lacan, é a própria questão: "O que

é a psicanálise ?"

O que não podemos deixar de assinalar no entanto, é que sem sombras de dúvidas, ao resgatar o imperativo freudiano "*Wo Es war soll Ich werden*" implícito a toda sua formalização teórica, Lacan reconduziu os analistas a um comprometimento com o desafio que se impôs a Freud e do qual ele, em nenhum momento recuou: dar conta de uma clínica que trata de um sujeito afetado pelo inconsciente.

NOTAS DO CAPÍTULO 7

- ¹ LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 248.
- ² LACAN, J. O ato psicanalítico (1967-1968). Texto mimeografado, p. 77.
- ⁹ LACAN, J. op. cit., p. 45.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSDUN, P.L. Introdução a epistemologia freudiana. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- BERCHERIE, P. Geographie du champ psychanalytique. Paris, Navarin, 1988.
- . Fundamentos da clínica. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.
- CHERTOK, L. e STENGERS, I. O coração e a razão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
- COUTINHYO JORGE, M.A. Roteiro do pleroma: outra passagem de Freud. Clínica psicanalítica. 3, 117-198, 1988.
- . Sexo e Discurso em Freud e Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica. In: FERENCZI, S. Escritos psicanalíticos. Rio de Janeiro, Timbre/Taurus, s/d.

- FREUD, S. Prefácio à Tradução de Suggestion, de Bernheim (1988). Rio de Janeiro, Imago, 1977, v.1.
- . Estudos sobre a histeria (1893). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. 2.
- . Projeto para uma psicologia científica (1995). Rio de Janeiro, Imago, 1977, v.1.
- . Psicoterapia da histeria (1895). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. 2.
- . Carta 69 (1897). Rio de Janeiro, Imago, 1977, v. 1.
- . Carta 71 (1897). Rio de Janeiro, Imago, 1977, v. 1.
- . Rascunho XI (1897). Rio de Janeiro, Imago, 1977, v. 1.
- . A interpretação dos sonhos (1900). Rio de Janeiro, Imago, 1972, v. 4 e 5.
- . Tratamento psíquico ou mental (1905). Rio de Janeiro, Imago, 1972, v. 7.
- . Fragmento da análise de um caso de histeria (1905). Rio de Janeiro, Imago, 1972, v. 7.

- FREUD, S. Sobre a psicoterapia (1905). Rio de Janeiro, Imago, 1972, v. 7.
- . A significação antitética das palavras primitivas (1910). Rio de Janeiro, Imago, 1970, v. 11.
- . Perspectivas futuras da terapia psicanalítica (1910). Rio de Janeiro, Imago, 1970, v. 11.
- . Psicanálise selvagem (1910). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. 11.
- . A dinâmica da transferência (1912). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 12.
- . Sobre a psicanálise (1913). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 12.
- . Sobre o narcisismo uma introdução (1914). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. 14.
- . Recordar, repetir e elaborar (1914). Rio de Janeiro, Imago, 1969, v. 12.
- . Observações sobre o amor transferencial (1915). Rio de Janeiro, Imago, 1969, v. 12.

- FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916).
Terapia analítica. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 16.
- . Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916):
Fixação aos traumas. O inconsciente. Rio de Janeiro, Imago,
1976, v. 16.
- . Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916). O
sentido dos sintomas. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 16.
- . Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916). O
estado neurótico comum. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 16.
- . Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916).
Psicanálise e Psiquiatria. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v.
16.
- . Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1919). Rio
de Janeiro, Imago, 1974, v. 17.
- . O Estranho (1919). Rio de Janeiro, Imago, 1974, v. 17.
- . Além do princípio do Prazer (1920). Rio de Janeiro,
Imago, 1976, v. 18.
- . Psicologia das Massas e Análise do Ego (1921). Rio de
Janeiro, Imago, 1976, v. 18.

- FREUD, S. Dois artigos de enciclopédia (1922). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 23.
- . O ego e o id (1923). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 19.
- . Um estudo autobiográfico (1925). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 20.
- . A questão da análise leiga (1926). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 20.
- . Psicanálise (1926). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 20.
- . Inibição, sintoma e angústia (1926). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 20.
- . Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933). A dissecação da personalidade psíquica. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 22.
- . Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933). A questão de uma Weltanschauung. Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 22.
- . Construção em análise (1937). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 23.

- FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 23.
- . Esboço de psicanálise (1938). Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 23.
- GARCIA-ROZA, L.A. Acaso e repetição em psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- JONES, E. Vida e obra de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- JURANVILLE, A. Lacan e a filosofia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.
- KUHN, T.S. A estrutura das revoluções científicas. São paulo, Perspectiva, 1989.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulário de psicanálise. Santos, Martins Fontes, 1977.
- . Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- LACAN, J. Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada — um novo sofisma (1945). In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1978.

- LACAN, J. El estadio del espejo como formador de la función del yo [ji] tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. (1949). In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1988.
- . Intervenção sobre a transferência (1951). In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1978.
- . Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro, Perspectiva, 1978.
- . Lo simbólico, lo imaginário y lo real. Revista Argentina de Psicología. Buenos Aires, Nueva Vision, 1976.
- . O Seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud (1953/1954). Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- . O Seminário. Livro 2. O eu na teoria e na técnica da psicanálise (1954). Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- . Variantes de la cura - tipo. In: LACAN, J. Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1988, v. 1.
- . O Seminário. Livro 3. As psicoses (1955/1956). Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

- LACAN, J. A relação de objeto. Seminário (1956/1957). Texto mimeografado.
- . A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- . A significação do falo (1958). In: LACAN, J. Escritos. São paulo, Perspectiva, 1978.
- . Las formaciones del inconsciente (1958). Buenos Aires, Nueva Vision, 1982.
- . La dirección de la cura y los principios de su poder (1958). In: Escritos, Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1972, v. 2.
- . O Seminário. Livro 7. A ética da psicanálise (1959-1960). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- . Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: LACAN, J. Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- . Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval retomada de 1960 a 1964 (1960). In: LACAN, J. Escritos, São Paulo, Perspectiva, 1978.

- LACAN, J. O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- . La ciencia y la verdad. (1966). In: Escritos. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1972. v. 2.
- . La logique du fantasme (1966/1967). Texto mimeografado.
- . Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. In: LACAN, J. et alii: Momentos cruciales de la experiencia analítica. Buenos Aires, Manantial, 1991.
- . O ato psicanalítico (1967/1968). Texto mimeografado.
- . O Seminário. Livro 20. Mais, ainda (1972/1973). Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- . Psicanálise, radiofonia e televisão (1973). Barcelona, Anagrama, 1977.
- . R.S.I. (1974/1975). Ornicar ? 3, 11-37, 1981.
- . Conférences et entretiens dans les universités américaines (1975). Scilicet. 6/7, Paris, Seuil, 1976.
- . Le Sinthome (1975-1976). Ornicar ? 10, 1977.

- LACAN, J. Apertura de la seccion clínica (1977). Ornicar ? 3, 37-46, 1981.
- MAGNO, M.D. O Patológico (1979). Rio de Janeiro, Aoutra, 1986.
- . A música (1982). Rio de Janeiro, Aoutra, 1983.
- . Ordem e progresso. Por dom e regresso (1983). Rio de Janeiro, Aoutra, 1984.
- . O anti-édipo. Seminário Estética da psicanálise (1989). Maisum. Rio de Janeiro, Boletim do CFRJ, 76, 1989.
- . De Mystério Magno. A nova psicanálise. (1988). Rio de Janeiro, Aoutra, 1990.
- MILLER, J.A. Percurso de Lacan — uma introdução. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987.
- MASID, J.D. A criança magnífica da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1980.
- . Formações do objeto a. Paris, 1983, Texto mimeografado.
- . Os olhos de Laura. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

POMMIER, G. O desenlace de uma análise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

ROUDINESCO, E. História da psicanálise na França. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989, v. 2.

STENGERS, I. Quem tem medo da ciência? São Paulo, Siciliano, 1990.

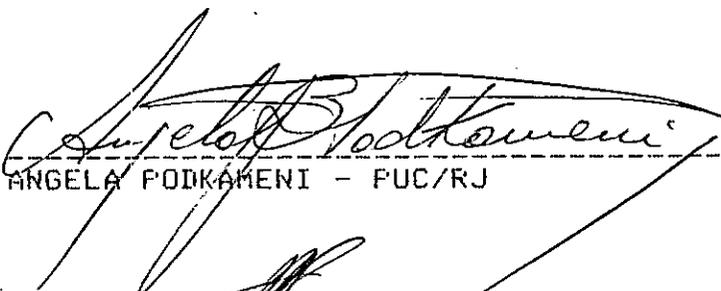
SAFOUNAN, M. Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

———. Seminário: Angústia, sintoma, inibição, São Paulo, Papyrus, 1986.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio, por GILSA F. TARRÉ DE OLIVEIRA, intitulada: "FREUD E LACAN, O INCONSCIENTE NA CLÍNICA PSICANALÍTICA", fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:



CIRCE NAVARRO VITAL BRAZIL
Professor Orientador - PUC/RJ



ANGELA PODKAMENI - PUC/RJ



FRANCISCO RAMOS DE FARIAS - UERJ/RJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 24 de Abril de 1992


Ana maria Nicolaci -da- Costa
Coordenador dos programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas